UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE
DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE E ATUÁRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS

UMA INCURSÃO PELA ABORDAGEM DE PESQUISA EM CONTABILIDADE NO BRASIL FUNDAMENTADA EM TEORIAS SEMIÓTICAS E DA COMUNICAÇÃO

Fernando Henrique Câmara Gouveia

Orientador:
Prof. Dr. Eliseu Martins

SÃO PAULO
2010

Prof. Dr. João Grandino Rodas
Reitor da Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Reinaldo Guerreiro
Diretor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade

Prof. Dr. Edgard Bruno Cornachione Junior
Chefe do Departamento de Contabilidade e Atuária

Prof. Dr. Luís Eduardo Afonso
Coordenador em Exercício do Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis

FERNANDO HENRIQUE CÂMARA GOUVEIA

UMA INCURSÃO PELA ABORDAGEM DE PESQUISA EM CONTABILIDADE NO BRASIL FUNDAMENTADA EM TEORIAS SEMIÓTICAS E DA COMUNICAÇÃO

Dissertação apresentada ao Departamento de Contabilidade e Atuária da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Contábeis.

Orientador: Prof. Dr. Eliseu Martins

SÃO PAULO

2010

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Seção de Processamento Técnico do SBD/FEA/USP

Gouveia, Fernando Henrique Câmara
Uma incursão pela abordagem de pesquisa em contabilidade no Brasil fundamentada em teorias semióticas e da comunicação / Fernando Henrique Câmara Gouveia. -- São Paulo, 2010.
119 p.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, 2010.
Orientador: Eliseu Martins.

1. Semiótica 2. Teoria da comunicação 3. Linguagem 4. Contabilidade I. Universidade de São Paulo. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade II. Título.

CDD – 302.2

Agradeço ao professor e orientador Eliseu Martins, pelo apoio e encorajamento contínuo nas pesquisas, aos demais Mestres da casa, pelos conhecimentos transmitidos, e à FEA-USP, pelo apoio institucional e pelas facilidades oferecidas.

RESUMO

Quando tratada como a linguagem dos negócios, a Contabilidade é tida como um sistema de códigos que permite a comunicação entre a administração da empresa e os usuários reais ou potenciais das informações geradas pela primeira. Essa proposta torna-se ainda mais relevante quando tanto a doutrina como os órgãos regulamentadores apontam que comunicar é posto como o próprio objetivo da Contabilidade. A Contabilidade também é reconhecida como uma manifestação linguística por apresentar aspectos em comum com outras linguagens.

Dentro desse contexto, diversos estudos propõem a utilização de teorias semióticas e da comunicação para a realização de pesquisas contábeis, não apenas com relação às informações numéricas das demonstrações financeiras, mas também a terminologia, os textos, gráficos e imagens utilizados nessas demonstrações e em outras narrativas que compõem o *disclosure* de uma entidade.

Estudos empíricos sobre essa abordagem são encontrados desde a década de 1970 no exterior, e há pelo menos uma década de forma mais frequente no Brasil. Sendo assim, este trabalho teve como objetivo realizar um *review* de trabalhos publicados em periódicos, congressos brasileiros e teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação avaliados pela Capes para responder ao seguinte problema de pesquisa: Qual o estado da arte da pesquisa em Contabilidade no Brasil fundamentada em teorias Semióticas e da Comunicação?

Foram coletados 22 trabalhos, num total de 18 inéditos, que foram segregados em seis categorias, conforme o problema de pesquisa proposto: teórico, compreensão de termos técnicos, evolução de significados, compreensibilidade de relatórios, fidelidade de representação e influência no preço das ações.

Os trabalhos teóricos sugerem a utilização de teorias semióticas e da comunicação para investigar se a Contabilidade atinge seus objetivos. Geralmente, tais trabalhos tratam da compreensibilidade associada ao nível de sofisticação do usuário e da fidelidade de representação associada à relevância da informação. Os trabalhos empíricos encontraram evidências de que os usuários não compreendem alguns termos utilizados nos relatórios contábeis, ou têm concepções diferentes acerca deles, que as narrativas contábeis podem ser consideradas de difícil leitura e que o repertório e a formação dos usuários das demonstrações contábeis afetam a compreensibilidade, que há presença de gerenciamento de impressões na forma como os relatórios narrativos são elaborados e que o pessimismo das narrativas contábeis influencia o valor de mercado das empresas. Também foi constatada a importância da evolução histórica da utilização de um termo ou expressão para se entender o conceito ou significado que a sociedade atribui a ele.

No que concerne às metodologias utilizadas, observou-se uma grande variedade de recursos inferenciais estatísticos empregados para abordar os problemas de pesquisa. As técnicas mais utilizadas foram o questionário e a análise de conteúdo (temática e sintática) muitas vezes em conjunto com técnicas de inferência estatística.

Os trabalhos teóricos são os que mais fizeram referências às teorias semiótica e da comunicação, entretanto os trabalhos empíricos não tratam necessariamente dessas teorias, apesar de frequentemente abordarem a contabilidade como uma forma de linguagem, ou como importante para o processo de comunicação da administração com os usuários.

Por fim, foram sugeridos alguns direcionadores para as pesquisas nacionais. As possibilidades de pesquisas têm o potencial de serem ampliadas, seja pela variedade de narrativas contábeis passíveis de investigação, seja pelo objeto de estudo, que não necessariamente deve recair sobre as narrativas, seja pela perspectiva sobre a qual o objeto de estudo é pesquisado. Há também a possibilidade de explorar melhor o arcabouço teórico das ciências semióticas e da comunicação, que parece ser subutilizado em alguns estudos.

ABSTRACT

Approached as business language, Accounting is considered a code system which allows communication between company administration and the actual or potential users of the information generated by the first. This proposition becomes more relevant when both the doctrine and regulation organs point out that communicating is itself the purpose of Accounting. Accounting is also recognized as a linguistic manifestation as it presents common aspects with other languages.

Inserted in this context, several studies propose the use of semiotic and communication theories to accomplish accounting research, considering not only numeric information of financial statements but also terminology, texts, graphs and images employed in these demonstrations and in other narratives that compound the disclosure of a corporation.

There have been empirical studies on this approach since the 1970s, and research on this field has been done frequently in Brazil at least for a decade. Thus, this work aims to accomplish a review of articles published in journals, Brazilian congresses, theses and dissertations presented in graduation programs evaluated by Capes to answer the following question: what is the state-of-art of Accounting research in Brazil based upon semiotic and communication theories?

Twenty-two works have been collected, among these eighteen unpublished works, which have been divided into six categories, according to the research problem in focus, being them: theoretical, technical terminology comprehension, meaning evolution, reports understandability, faithful representation and influence on stock prices.

Theoretical works suggest the use of semiotic and communication concepts to investigate if Accounting reaches its aims. Such works generally study comprehensibility associated with the level of sophistication of users and faithful representation linked to information relevance. Empirical works found evidence that users do not comprehend some terms employed on accounting reports, or still hold different conceptions about them. In addition accounting narratives can be considered difficult to read and knowledge and schooling of users affect the comprehensibility. Also, there are evidences of manipulation on the way narrative reports are elaborated and pessimism in accounting narratives influence the market value of companies. It has also been identified the significance of historical evolution of a term or expression to understand the concept or meaning that society applies to it.

Concerning the methodology employed, there has been observed a great variety of inferential statistic resources employed to approach the research questioning. Questionnaire and contents analysis (both thematic and syntactic) were the techniques more frequently used, often associated to methods of statistic inference.

Theoretical works have more often referred to semiotic and communication theories. However, empirical works do not approach such theories themselves although they do approach Accounting as a language or as somewhat relevant to communication process between administration and users.

At last, some guidance to national research has been provided. Possibilities for research have potential to be enlarged, both for the variety of accounting narratives that can be investigated or for the study focus, which may not concentrate on narratives or still for the perspective of the research. There is also the possibility of studying the theoretical framework on semiotic and communication sciences more deeply, which seem to be underutilized in some studies.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS 2
LISTA DE QUADROS 4
LISTA DE TABELAS 5
LISTA DE GRÁFICOS 6
LISTA DE DEMAIS ILUSTRAÇÕES 7
1 INTRODUÇÃO 9
1.1 Contextualização 9
1.2 Questão de pesquisa 14
1.3 Objetivos 15
1.4 Justificativas 15
1.5 Estrutura do trabalho 16
2 REFERENCIAL TEÓRICO 19
2.1 *Disclosure* narrativo 19
2.1.1 Relatório Anual 22
2.1.2 Relatório da Administração 22
2.1.3 Notas Explicativas 23
2.1.4 Fatos Relevantes 24
2.1.5 Considerações sobre *disclosure* narrativo 25
2.2 Teorias Semióticas e Teoria da Comunicação 26
2.2.1 Semiótica Diádica: foco na linguística 28
2.2.1.1 Ferdinand de Saussure (1857-1913) 29
2.2.1.2 Louis Hjelmslev (1899-1965) 31
2.2.1.3 Roman Jakobson (1896-1982) 31
2.2.2 Semiótica Triádica: foco na lógica 33
2.2.2.1 Charles Peirce (1839-1914) 34
2.2.2.2 Charles Morris (1901-1979) 38
2.2.3 Teoria da Comunicação: Claude Shannon (1916-2001) 39
2.2.4 Considerações sobre Teorias Semióticas e da Comunicação 41
3 METODOLOGIA E COLETA DOS TRABALHOS 43
3.1 Método de coleta dos trabalhos 43
3.2 Tabulação dos trabalhos encontrados por problema de pesquisa 47
3.3 Apresentação dos trabalhos 53
3.3.1 A – Teórico 54
3.3.2 B – Compreensão de termos técnicos 58
3.3.3 C – Evolução dos significados 61
3.3.4 D – Compreensibilidade de relatórios 62
3.3.5 E – Fidelidade de representação 64
3.3.6 F – Influência no preço das ações 67
4 ANÁLISE DOS TRABALHOS COLETADOS 69
4.1 Conclusões obtidas 69
4.2 Metodologias empregadas 77
4.3 Utilização das teorias semióticas e da comunicação 84
4.4 Tendências e oportunidades de pesquisas 87
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 93
REFERÊNCIAS 97
ANEXOS 105

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABA: *American Banking Association*
ABC: ABCustos (São Leopoldo)
AICPA: American Institute of Certified Public Accountants
ALCESTE: Análise Lexical por Contexto de um Conjunto de Segmentos de Texto
ANPCONT: Congresso da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Ciências Contábeis
BASE: Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos
BBR: *Brazilian Business Review*
CAO: Custos e @gronegócio Online
CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBC: Congresso Brasileiro de Contabilidade
CBCustos: Congresso Brasileiro de Custos
CCL: Capital Circulante Líquido
CFE: Corporate Financial Executives
CGG: Revista UnB Contábil
CONTECSI: Congresso Internacional de Gestão de Tecnologia e Sistemas de Informação
CPC: Comitê de Pronunciamentos Contábeis
C-USP: Congresso USP de Controladoria e Contabilidade
CVM: Comissão de Valores Mobiliários
CVR: Contabilidade Vista & Revista
DOAR: Demonstração das Origens e Aplicações de Recursos
ENANPAD: Encontro da ANPAD
EnEPQ: Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade
FACES: Faces Revista de Administração (Belo Horizonte)
FAF: *Financial Analysis Federation*
FASB: *Financial Accounting Standards* Board
FIN: Financeiro (São Paulo)
FUCAPE: Fundação Instituto Capixaba de Pesquisa. em Contabilidade. Economia. e Finanças
FURB: Universidade Regional de Blumenau
IASB: *International Accounting Standards Board*
IASC: *International Accounting Standards Committee*
IBA: *Invesment Bankers's Association*
IBRACON: Instituto dos Auditores Independentes do Brasil
IES: Instituições de Ensino Superior,
IPECAFI: Instituto de Pesquisas Atuariais e Financeiras
NASD: *National Association of Securities Dealers*
PENSAR: Pensar Contábil (CRC-RJ)
PUC/SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RAC: Revista de Administração Contemporânea
RAC-E: RAC Eletrônica
RAUSP: Revista de Administração (FEA-USP)
RBC: Revista Brasileira de Contabilidade (CFC)
RBF: Revista Brasileira de Finanças
RCA: Revista Catarinense da Ciência Contábil (CRC-SC)
RCC: Revista Contemporânea de Contabilidade (UFSC)

RCF: Revista Contabilidade & Finanças
RCM: Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis - UERJ
REGE: Caderno de Pesquisas em Administração (USP)
RMC: Revista Mineira de Contabilidade (CRC-MG)
RUC: Revista Universo Contábil
SFAC: *Statement of Financial Accounting Concepts*
UERJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFC: Universidade Federal do Ceará
UFPR: Universidade Federal do Paraná
UFRJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina
UNB: Universidade de Brasília
UniFECAP: Centro Universitário Álvares Penteado
UNISINOS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos
USP/RP: Universidade de São Paulo/ Ribeirão Preto
USP: Universidade de São Paulo

LISTA DE QUADROS

Quadro 1– Periódicos Consultados 44
Quadro 2 – Congressos Consultados..... 45
Quadro 3 – Programas de Mestrado e Doutorado Consultados 46
Quadro 4 – Segregação por Categorias de Problemas de Pesquisa..... 52
Quadro 5 – Síntese das Conclusões dos Trabalhos Coletados 76
Quadro 6 – Escores de Flesch 81
Quadro 7 – Demonstração das Origens e Aplicações de Recursos..... 90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tabulação dos Trabalhos Encontrados 47
Tabela 2 – Recursos Metodológicos Utilizados pelos Trabalhos Analisados 83
Tabela 3 – Referências a Teorias Semióticas e da Comunicação e Seus Autores Realizadas pelos Trabalhos Coletados 85

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Proporção de Trabalhos por Categoria de Problema de Pesquisa..... 50
Gráfico 2 – Proporção dos Recursos Metodológicos Utilizados pelos Trabalhos Analisados 84
Gráfico 3 – Proporção das Referências a Teorias Semióticas e da Comunicação e Seus Autores Realizadas pelos Trabalhos Coletados..... 86

LISTA DE DEMAIS ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1- Elementos do signo linguístico para Saussure 28
Ilustração 2 – Funções da comunicação segundo Jakobson..... 32
Ilustração 3 – Síntese da definição de signo para Peirce..... 35
Ilustração 4 – Três dimensões do processo de semiose na visão de Morris..... 38
Ilustração 5 – Esquema geral da comunicação, de acordo com Shannon e Weaver..... 40

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização

A literatura frequentemente coloca a Contabilidade como uma linguagem que permite a comunicação entre a administração da empresa e os usuários reais ou potenciais das informações geradas pela primeira (RIAHI-BELAKOUI, 1995:2).

Desse modo, comunicar é posto como o próprio objetivo da Contabilidade, no instante em que a entidade se utiliza da linguagem contábil para transmitir as informações aos interessados de forma a subsidiar o processo decisório.

Iudícibus (2006:32) sintetiza que o objetivo principal da Contabilidade é "[...] fornecer informação econômica, física, de produtividade e social relevante para que cada usuário possa tomar suas decisões e realizar seus julgamentos com segurança." O autor aponta a necessidade de atender às demandas por informações de diversas classes de potenciais usuários como acionistas, credores, entidades governamentais, empregados e a própria administração da empresa.

Nessa mesma linha, Hendriksen e Van Breda (1999:511) destacam que a questão que domina a Contabilidade é "[...] que informação deve divulgar a alta administração de uma empresa a pessoas que não pertencem a esse pequeno grupo?" Para FIPECAFI (2007:21), as empresas, ao elaborarem suas demonstrações contábeis, devem ter em mente que essas informações são destinadas a usuários que não podem exigir relatórios produzidos especificamente para atender às suas necessidades de informação.

Isso significa que a assimetria de informação entre a atividade empresarial e usuários externos é reduzida pela comunicação dessas atividades por meio de demonstrações contábeis, o que exalta a importância da função de contabilidade de prover informações aos interessados.

Os órgãos regulamentadores nacionais e internacionais também colocam a Contabilidade como responsável pelo provimento de informações úteis para que seus diversos usuários

tomem decisões racionais. Haja vista estudo realizado pelo Ipecafi, Instituto de Pesquisas Atuariais e Financeiras, de autoria do Professor Sérgio de Iudícibus, aprovado pelo Ibracon, Instituto dos Auditores Independentes do Brasil, e referendado pela CVM, Comissão de Valores Mobiliários, (IBRACON, 1986:1) a Contabilidade é definida como "[...] um sistema de informação e avaliação destinado a prover seus usuários com demonstrações e análises de natureza econômica, financeiras, física e de produtividade, com relação à entidade objeto de contabilização."

De forma que de um lado há um sistema de informação dotado de um conjunto articulado de dados, técnicas de acumulação e ajustes capazes de fornecer relatórios para finalidades específicas, e do outro lado há diversas classes de usuários com interesses na avaliação da situação e do progresso de determinada entidade.

Para o FASB, *Financial Accounting Standards Board*, (FASB, 1978:2), órgão normatizador norte-americano, em seu SFAC 1, *Statement of Financial Accounting Concepts*, a divulgação financeira deve fornecer informações que sejam úteis para que investidores, credores e outros usuários atuais e potenciais tomem decisões racionais sobre investimentos, créditos e outras decisões similares.

A estrutura conceitual elaborada pelo IASC, *International Accounting Standards Committee* (IASC, 2001:26), adotada pelo IASB, *International Accounting Standards Board*, em 2001, e adotada pelo CPC, Comitê de Pronunciamentos Contábeis, em 2008, considera que o objetivo das demonstrações contábeis é "[...] fornecer informações sobre a posição patrimonial e financeira, o desempenho e as mudanças na posição financeira da entidade, que sejam úteis a um grande número de usuários em suas avaliações e tomadas de decisão econômica."[1]

Em suma, os órgãos normatizadores nacionais e internacionais procuram delimitar qual gama de informações é objeto do processo contábil da entidade, e para qual abrangência de classes de usuários essas informações serão transmitidas.

Diante de tais apontamentos, torna-se inevitável reconhecer a Contabilidade como uma manifestação linguística, embora particular ao mundo dos negócios; também denominada pela doutrina como a linguagem dos negócios, devido ao seu objeto de estudo e campo de atuação.

[1] Conforme traduzido pelo Comitê de Pronunciamentos Contábeis.

Nesse contexto, Santaella (1983:12) explica que o termo linguagem não abarca somente o uso da língua utilizada para falar ou escrever, mas também outras formas de linguagem que os seres humanos utilizam para produzir, criar, reproduzir, transformar e consumir.

Para Horngren (1974) a Contabilidade é uma linguagem com um vocabulário específico, utilizado para comunicar a história financeira das empresas.

Ijiri (1975:14) afirma que a Contabilidade, como linguagem dos negócios, possui muitos aspectos em comum com outras linguagens. As várias atividades de uma empresa são comunicadas em relatórios contábeis utilizando a linguagem contábil, assim como novos eventos são comunicados em jornais na língua nativa. Para expressar um evento em linguagem contábil ou língua nativa, é preciso seguir certas regras. Sem a utilização correta dessas regras, não apenas há o risco de interpretações equivocadas, bem como a possibilidade de penalidades por declarações erradas, falsidade, ou perjúrio.

Nessa mesma linha de raciocínio, Riahi-Belkaoui (1995:3) explica que a Contabilidade possui dois componentes que estão presentes em qualquer forma de linguagem: símbolos e regras gramaticais. Os símbolos são as unidades de significados ou palavras presentes em qualquer linguagem, são os objetos linguísticos utilizados para identificar conceitos específicos; as regras gramaticais são os arranjos sintáticos existentes em qualquer linguagem, as regras são as responsáveis pela definição de procedimentos utilizados na criação de dados financeiros.

Geralmente, ao tratar da Contabilidade sob um enfoque linguístico, semiótico ou da teoria da comunicação, a literatura costuma focar em duas questões: uma referente à compreensão de termos utilizados nos relatórios contábeis, e outra referente ao entendimento desses relatórios como um todo.

Para Adelberg (1979:567) deve haver consenso entre as partes envolvidas no processo de comunicação das informações contábeis quanto às regras sintáticas e semânticas adotadas na elaboração das demonstrações, para que a linguagem contábil seja utilizada como instrumento gerador de uma comunicação eficiente.

Dias Filho (2000:39) entende que a compreensão das informações contábeis é um dos requisitos necessários para que a Contabilidade cumpra bem a sua missão. O autor aponta

que, em geral, considera-se que a Contabilidade precisa desmistificar sua linguagem para simplificar o processo de comunicação com os agentes interessados nesse tipo de informação.

Hendriksen e Van Breda (1999:524) argumentam que "[...] títulos e descrições apropriados dos itens contidos nas demonstrações podem ser esclarecedores para o leitor, mas termos obscuros só podem levar à confusão ou incompreensão." De forma que as descrições utilizadas e o grau de detalhamento empregado são tão importantes quanto a forma das demonstrações.

Dias Filho e Nakagawa (2001:47) apontam que a linguagem contábil tem utilizado palavras incorporadas ao cotidiano das pessoas, entretanto isso prejudica o entendimento dos usuários porque normalmente a Contabilidade tem um significado muito específico e distanciado do entendimento que elas poderiam produzir numa conversação normal.

Dias *et al* (2004:8) mostram que a preocupação com a terminologia utilizada nas demonstrações financeiras não é recente ao lembrar que em 1920, o AICPA, *American Institute of Certified Public Accountants*, constituiu o primeiro Comitê de Terminologia, cujo objetivo era "[...] reunir um conjunto de palavras e expressões que eram comumente utilizadas pela Contabilidade e fixar significados mais concisos para cada uma delas."

Iudícibus (2006:129) concorda com este aspecto ao dizer que modernamente há uma preocupação com a terminologia adequada na evidenciação, que consiste em descrever de forma apropriada e clara os itens contidos nas demonstrações. O autor acrescenta que termos exageradamente técnicos e obscuros, desconhecidos pelos analistas financeiros, deveriam ser evitados.

De acordo com Riahi-Belkaoui (1995:1), o sucesso das mensagens transmitidas pela linguagem contábil depende de dois fatores, sendo o nível de dificuldade de leitura dessas mensagens e sua correta percepção por parte dos usuários.

Nesse contexto, observa-se que a característica qualitativa da compreensibilidade, presente nas estruturas conceituais norte-americana, internacional e brasileira, é comumente apontada pelos estudos que tratam da Contabilidade sob um enfoque linguístico como um indicador da

importância desse enfoque para que a Contabilidade desempenhe seu papel de forma eficiente.

O FASB, em seu SFAC 2, coloca a relevância, confiabilidade e comparabilidade como subordinadas à inteligibilidade ou compreensibilidade dos usuários. Essa característica (compreensibilidade) depende da natureza do usuário. Usuários sofisticados, por exemplo, poderiam considerar informações complexas mais relevantes do que os novatos. Conforme o pronunciamento, os benefícios da informação podem ser aumentados se a tornarmos mais compreensível e, assim, útil para um círculo maior de usuários.

A Estrutura Conceitual Básica da Contabilidade aprovada pelo Ibracon (1986:3) defende que falhas de comunicação e evidenciação decorrentes de problemas de linguagem inadequada estão entre os fatores que podem explicar uma eventual queda no grau de utilização das demonstrações contábeis.

O CPC (2008:10), que acompanha Estrutura Conceitual do IASB, aponta quatro características qualitativas que tornam as demonstrações contábeis úteis para os usuários: compreensibilidade, relevância, confiabilidade e comparabilidade. De acordo com o pronunciamento:

> Uma qualidade essencial das informações apresentadas nas demonstrações contábeis é que elas sejam prontamente entendidas pelos usuários. Para esse fim, presume-se que os usuários tenham um conhecimento razoável dos negócios, atividades econômicas e Contabilidade e a disposição de estudar as informações com razoável diligência. Todavia, informações sobre assuntos complexos que devam ser incluídas nas demonstrações contábeis por causa da sua relevância para as necessidades de tomada de decisão pelos usuários não devem ser excluídas em nenhuma hipótese, inclusive sob o pretexto de que seria difícil para certos usuários as entenderem.

Além do aspecto conceitual, diversos estudos empíricos vêm sendo realizados internacionalmente nesta área de pesquisa em Contabilidade. Em rápida pesquisa dos termos "*semantic*", "*syntactic*" e "*semiotic*" realizada nos periódicos de Contabilidade da base de dados "Proquest"[2] são encontrados trabalhos desde a década de 1970. Seis desses trabalhos são brevemente apresentados a seguir.

Guthrie (1972) fez uma revisão da semântica como poder simbólico de representação de um objeto e sugere a aplicação deste conceito para a Contabilidade, no entanto não propõe nenhuma aplicação prática.

[2] http://proquest.umi.com/pqdweb

Haried (1972) propôs a metodologia da diferenciação semântica como método para avaliação da compreensibilidade de conceitos contábeis, e empiricamente construiu um conjunto de eixos semânticos para serem utilizados em estudos posteriores.

Haried (1973) procurou mostrar que as técnicas de diferenciação semântica e antecedente-consequente podem ser utilizadas para a resolução de problemas semânticos dos relatórios contábeis. Constatou que preparadores e usuários das demonstrações contábeis não atribuem significados diferentes para a maioria dos conceitos contábeis.

Oliver (1974) aplicou a técnica de diferenciação semântica e verificou que a percepção que os professores de Contabilidade têm a respeito de conceitos contábeis difere da percepção de outras seis classes de profissionais da área.

Adelberg (1979) verificou, através do procedimento *cloze readability* (uma espécie de exercício para preencher os espaços em branco), evidências de que o grau de compreensibilidade de narrativas contábeis varia em diferentes classes de usuários.

Balata e Breton (2005), com base no conceito de dissonância cognitiva, verificaram uma divergência entre o nível de otimismo na carta da presidência e nos resultados numéricos apresentados nas demonstrações contábeis.

1.2 Questão de pesquisa

Diante da importância dada pela literatura para uma abordagem da Contabilidade como forma de linguagem e da proporção de pesquisas nessa área no exterior, este trabalho se desenvolveu a partir do seguinte problema de pesquisa: Qual o estado da arte da pesquisa em Contabilidade no Brasil fundamentada em teorias Semióticas e da Comunicação?

Para tanto, foi traçado um panorama dos problemas de pesquisa abordados, das metodologias empregadas para estudar os problemas propostos e das conclusões obtidas.

1.3 Objetivos

Este trabalho propõe-se ao alcance dos seguintes objetivos:

- Traçar um panorama das pesquisas brasileiras em Contabilidade com fundamento em teorias semióticas ou da comunicação.
- Expor o desenvolvimento desse tipo de pesquisa no Brasil, quais os problemas de pesquisa abordados, quais as metodologias empregadas para estudar os problemas propostos, bem como suas conclusões.

1.4 Justificativas

A doutrina reconhece a importância da concepção da Contabilidade como uma forma de linguagem. Além disso, estudos empíricos sob essa abordagem são encontrados desde a década de 1970 no exterior, e há pelo menos uma década ocorrem pesquisas nesse sentido de forma frequente no Brasil.

Outro ponto a ser levantado é que pesquisas com base em teorias semióticas e teorias da comunicação não estão no *mainstream* da pesquisa contábil brasileira[3]; isso faz com que não haja uma referência sobre as diversas teorias semióticas e da comunicação existentes, como elas estão sendo exploradas nas pesquisas em contabilidade, quais temas estão sendo abordados e com que metodologias.

Comparativamente, é possível citar dois trabalhos internacionais que realizaram *reviews* que, de alguma forma, estão ligados a estudos sobre a linguagem contábil.

Jones e Shoemaker (1994) realizaram um *review* de estudos empíricos que se utilizaram da técnica de análise de conteúdo para investigar informações financeiras divulgadas através de narrativas. Conforme os autores, análise de conteúdo é um método de pesquisa que, por meio

[3] Uma evidência desse fato é o número reduzido de pesquisas que este trabalho encontrou, apenas 18 publicações inéditas.

da análise sistemática e objetiva de características de uma mensagem, realiza inferências sobre o conteúdo (denominada pelos autoresdeo análise temática) e a legibilidade (denominada pelos autores de análise sintática) de uma mensagem.[4] O trabalho encontrou um total de 68 estudos que tratavam de narrativas contábeis utilizando análise de conteúdo como metodologia, e apontou cinco questões tratadas pelos estudos temáticos e cinco questões chaves tratadas pelos estudos de legibilidade, além de realizar críticas sobre as metodologias empregadas.

Stanton e Stanton (2002) realizaram um *review* de estudos que tiveram como objeto o relatório anual de empresas. De acordo com os autores, para estudar os relatórios anuais os pesquisadores têm de adotar uma perspectiva específica, atribuindo um papel específico para os relatórios. Examinando o foco das pesquisas, foi possível classificar a perspectiva em que os relatórios anuais vinham sendo estudados em seis categorias: gerenciamento de imagem, *marketing*, legitimação organizacional, perspectiva político-econômica, *accountability* e outros.

Diferente dos dois estudos supracitados, este trabalho se propõe a realizar um *review* de trabalhos nacionais em Contabilidade, fundamentados em teorias semióticas ou da comunicação de forma geral que relacionam a contabilidade como uma forma de linguagem, não se limitando a um procedimento metodológico (como a análise de conteúdo), ou objeto de estudo (como o relatório anual).

1.5 Estrutura do trabalho

Além da parte introdutória que faz uma contextualização da Contabilidade como uma forma de linguagem e aponta o problema de pesquisa, este trabalho está dividido em mais cinco partes.

A segunda parte realiza uma revisão da teoria, com breves considerações de como a literatura encara o *disclosure* no formato narrativo e apresenta alguns pontos de vertentes da teoria semiótica e da comunicação que, de alguma forma, fundamentam os estudos analisados.

[4] Essa divisão ente análise temática e análise lexical e sintática também é proposta por Bardin (1995).

A cargo da terceira parte fica a descrição da metodologia, coleta, tabulação e apresentação dos trabalhos encontrados.

A quarta parte faz uma análise mais segmentada dos trabalhos coletados, na qual são expostos os problemas de pesquisas abordados pelos trabalhos e suas conclusões, as metodologias utilizadas e o nível em que as teorias semióticas e da comunicação estão sendo utilizadas. Adicionalmente, são tratados alguns aspectos que possam indicar tendências, alternativas ou oportunidades de pesquisas nesse campo de estudo.

Por fim, a quinta parte sintetiza o estado da arte da pesquisa semiótica aplicada à Contabilidade no Brasil.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Como a maioria dos trabalhos encontrados trata, de alguma forma, da parte narrativa da evidenciação contábil, a primeira parte deste capítulo faz uma breve revisão do conceito e da importância do *disclosure* narrativo para que a Contabilidade alcance seus objetivos, e das formas como essa evidenciação é realizada.

A segunda parte deste capítulo realiza uma breve revisão das precursoras teorias modernas de semiótica e da comunicação.

2.1 *Disclosure* narrativo

Dias Filho (2000:40) ensina que o termo evidenciação se identifica com os próprios objetivos da Contabilidade, que é de comunicar aos seus usuários informações relevantes para orientar decisões.

Para Iudícibus (2006:123) a evidenciação, ou *disclosure*, está ligada aos objetivos da Contabilidade, ao garantir informações diferenciadas para os vários tipos de usuários, e que os demonstrativos contábeis deveriam evidenciar o necessário para que não se tornem enganosos.

De acordo com Jones e Shoemaker (1994), a informação financeira é comumente comunicada através de narrativas, que podem ser encontradas em relatórios corporativos, livros de Contabilidade e finanças, pronunciamentos de entidades reguladoras e até em processos judiciais.

Ribeiro (2009:13) destaca que, em 1994, o *Special Committee on Financial Report* do AICPA publicou um relatório, conhecido como *Jenkins Report*, com o objetivo de melhorar processo de divulgação dos resultados operacionais, financeiros e não financeiros das empresas de capital aberto. No relatório destacou-se que a “[...] divulgação dos resultados das operações

das empresas deveria ser acompanhada de mais informações voltadas para o futuro, incluindo os planos da administração, as oportunidades, os riscos e as incertezas.”

Silva e Fernandes (2009:144) apontam que pesquisas com textos narrativos são importantes, pois a tomada de decisão dos investidores se baseia, muitas vezes, nesse tipo de informação. O autor cita o estudo de Hynes e Bexley (2003) “[...] sobre a reação dos leitores dos relatórios anuais de bancos mostra que 50% dos investidores potenciais pesquisados afirmam que eles sempre ou frequentemente lêem os relatórios das companhias em que pretendem investir.”

Cunha (2008:13) chama atenção ao fato de que grande parte das narrativas contábeis não é auditada, de modo que a administração da empresa possa recorrer ao uso do gerenciamento das impressões. Conforme o autor, o gerenciamento de impressões se refere ao modo como as pessoas tentam controlar as impressões que terceiros têm das narrativas contábeis.

O gerenciamento de impressões de informações financeiras, por sua vez, pode ser dividido em “gerenciamento dos números” e “gerenciamento da apresentação”. O primeiro envolve a manipulação e evidenciação de números específicos. O segundo envolve a manipulação do conteúdo ou sintaxe das narrativas contábeis ou de formatos de apresentação, como fotografias, figuras e gráficos.

Stanton e Stanton (2002:493) segregam o gerenciamento de impressões segundo seu objetivo. Ele pode ser realizado de forma pró-ativa, quando tem a intenção de promover a imagem da empresa de uma determinada maneira, ou protecionista (também denominada reativa), quando é usado para proteger a imagem da empresa para grupos específicos de interessados, como, por exemplo, a administração frente à ameaça de desempenho ruim.

Ribeiro (2009:24) utiliza as teorias apresentadas por Watts e Zimmerman, principalmente a dos custos políticos, para prever como o gerenciamento de impressões pode ser utilizado.

Segundo Iudícibus e Lopes (2004:21), Watts e Zimmerman destacam três hipóteses básicas que têm orientado os estudos que buscam explicar práticas contábeis adotadas nas empresas: hipótese do plano de incentivos, hipótese do grau de endividamento e hipótese do tamanho ou dos custos políticos.

A hipótese de custos políticos prevê que grandes empresas usarão técnicas para reduzir os lucros mais frequentemente do que pequenas empresas, pois o tamanho é um estimador da atenção política que a empresa recebe. De forma que empresas que informam lucros que lhes colocam numa posição de monopolistas estão mais propensas a sofrerem regulamentações que lhes afetem o bem-estar.

Uma das metodologias mais utilizadas para se analisar as narrativas contábeis é a análise de conteúdo, Martins e Theóphilo (2007:95) a definem como uma técnica para se estudar e analisar a comunicação de maneira objetiva e sistemática.

Jones e Shoemaker (1994), assim como Bardin (1995), segregam a análise de conteúdo em duas áreas. A análise temática, focada nas tendências, atitudes ou categorias do texto para fazer inferências; e a análise sintática, com foco na dificuldade de leitura da mensagem transmitida pelo texto, no sucesso da comunicação das mensagens e na relação entre os níveis de complexidade e o desempenho financeiro. Os autores atribuem como fatores para a utilidade da informação narrativa a complexidade da exibição do texto (legibilidade) e a capacidade de os usuários discernirem a mensagem transmitida (compreensibilidade).

Os autores observaram cinco questões básicas nos estudos temáticos:

- qual o comportamento da administração frente a questões relevantes?;
- correlação entre *disclosure* narrativo e relatórios financeiros?;
- predição de variáveis chaves em decisões judiciais tributárias;
- determinação do impacto das *comment letters* sobre os *exposure drafts* do FASB;
- avaliação do cumprimento de normas.

Observaram também cinco questões básicas em estudos sobre legibilidade:

- quão difícil é ler a narrativa contábil?;
- algumas partes dos relatórios são mais difíceis de serem lidas do que outras?;
- alguns tipos de relatórios são mais difíceis de serem lidos do que outros?;
- os relatórios estão ficando mais difíceis de serem lidos?;
- há alguma associação entre a legibilidade dos relatórios e outras variáveis.

2.1.1 Relatório Anual

Relatório Anual[5] é um documento formal de comunicação das empresas que abrange informações quantitativas, narrativas, gravuras e gráficos. Geralmente é dividido em duas seções: as demonstrações financeiras obrigatórias, normalmente alocadas ao final do relatório, e uma ampla seção inicial, contendo principalmente questões não exigidas por lei (STANTON; STANTON, 2002).

De acordo com Stanton e Stanton (2002:479), entre os temas de divulgação voluntária dominantes da seção inicial dos Relatórios Anuais está o Relatório Social Corporativo, no qual são relatadas as interações da empresa com o meio ambiente, empregados, comunidade e consumidores.

Outro aspecto que merece ser destacado é que os Relatórios Anuais deixaram de ser um meio de comunicação somente narrativo, dando espaço a gravuras coloridas impressas em papéis especiais, desenvolvidas por agências externas de *design*.

Para Stanton e Stanton (2002:481) essa tendência para a elaboração dos Relatórios Anuais pode estar relacionada com o fato de essas narrativas estarem sendo usadas como ferramentas de *marketing* para gerenciamento de impressões.

Por meio de um *survey* de estudos, Stanton e Stanton (2002) verificaram que os Relatórios Anuais têm sido pesquisados sob diversos aspectos ou perspectivas. Por exemplo, numa perspectiva de gerenciamento de resultados, o Relatório Anual pode ser utilizado para manter a imagem pública e proteger a empresa de críticas. Ou então, numa perspectiva de *marketing*, o Relatório Anual tem sido utilizado como parte integrante dos esforços comunicacionais da empresa como um todo, e não como um documento isolado de relações públicas.

2.1.2 Relatório da Administração

O relatório da administração, juntamente com as demonstrações financeiras e suas notas explicativas e parecer dos auditores independentes e do conselho fiscal, se houver, integra o

[5] Do inglês: *Corporate Annual Report.*

conjunto de informações que deve ser divulgado por uma sociedade por ações, conforme o art. 133 da Lei 6.404/76.

O relatório da administração deve trazer informações sobre os negócios sociais e os principais fatos administrativos do exercício findo, de modo a permitir o fornecimento de informações adicionais aos usuários no seu processo de tomada de decisões.

Para FIPECAFI (2007:505), o relatório da administração fornece importante contribuição aos usuários quando é orientado ao futuro, "[...] não só ao fornecer projeções e operações previstas [...], mas também ao fazer análises do passado, indicativas de tendências futuras."

FIPECAFI (2007:508) comenta ainda que empresas têm utilizado esse relatório como forma de "[...] alardear adjetivos e autopromoção aos próprios administradores, ou até para objetivos políticos e de promoção de governantes [...]", ou ainda situações em que os administradores dão interpretações e análises favoráveis sobre o desempenho financeiro quando as demonstrações financeiras indicam situação diversa.

Iudícibus (2000 *apud* SILVA; RODRIGUES, 2006:2) afirma que os relatórios "[...] normalmente são enviesados pelo lado do otimismo inconsequente, sendo comuns frases como esta: 'Confiamos que continuaremos a apresentar um desenvolvimento favorável de nossas operações no futuro' e outras do gênero."

2.1.3 Notas Explicativas

O art. 176, §4º da Lei 6.404/76 determina que "[...] as demonstrações contábeis serão complementadas por notas explicativas e outros quadros analíticos [...] necessários para esclarecimento da situação patrimonial e dos resultados do exercício."

Para Hendriksen e Van Breda (1999:525) o objetivo das notas explicativas é fornecer informações que não podem ser apresentadas adequadamente no corpo de uma demonstração sem reduzir sua clareza.

2.1.4 Fatos Relevantes

Além das informações periódicas, a Lei 6.404/76, em seu art. 157, § 4º, prevê que os administradores têm o dever de informar à assembleia geral ordinária quaisquer atos ou fatos relevantes ocorridos nas atividades da companhia:

> § 4º Os administradores da companhia aberta são obrigados a comunicar imediatamente à bolsa de valores e a divulgar pela imprensa qualquer deliberação da assembléia-geral ou dos órgãos de administração da companhia, ou fato relevante ocorrido nos seus negócios, que possa influir, de modo ponderável, na decisão dos investidores do mercado de vender ou comprar valores mobiliários emitidos pela companhia.

A Instrução CVM 358/2002 trata especificamente sobre a divulgação e uso de informações sobre ato ou fato relevante relativo às companhias abertas, definidos em seu art. 2º:

> Considera-se relevante, para os efeitos desta Instrução, qualquer decisão de acionista controlador, deliberação da assembléia geral ou dos órgãos de administração da companhia aberta, ou qualquer outro ato ou fato de caráter político-administrativo, técnico, negocial ou econômico-financeiro ocorrido ou relacionado aos seus negócios que possa influir de modo ponderável:
> I - na cotação dos valores mobiliários de emissão da companhia aberta ou a eles referenciados;
> II - na decisão dos investidores de comprar, vender ou manter aqueles valores mobiliários;
> III - na decisão dos investidores de exercer quaisquer direitos inerentes à condição de titular de valores mobiliários emitidos pela companhia ou a eles referenciados.
> Parágrafo único. Observada a definição do "caput", são exemplos de ato ou fato potencialmente relevante, dentre outros, os seguintes [...]

A partir de seu parágrafo único, o art. 4º da referida Instrução enumera 22 exemplos de possíveis fatos relevantes, dentre eles: mudança ou transferência no controle acionário, incorporação, fusão, cisão, transformação, mudança de critérios contábeis, renegociação de dívidas, alteração de direito dos acionistas, concordata.

Felipe (2008:18) explica que a obrigatoriedade da publicação de fatos relevantes está no contexto de que "[...] a divulgação de informações tempestivas e fidedignas é necessária para garantir o eficiente funcionamento do mercado de capitais, evitando que pequenos grupos sejam privilegiados pelo acesso exclusivo ou antecipado a estas informações." De modo que a comunicação de fatos relevantes tem como objetivo garantir aos participantes do mercado uma tomada de decisão baseada em informações comuns.

Sendo assim, o referido autor sintetiza que o objetivo da divulgação de fatos relevantes "é a garantia de condições igualitárias na competição entre todos integrantes do mercado, não devendo ser utilizada como instrumento de manipulação ou especulação." A linguagem utilizada precisa ser clara, objetiva e imparcial, de modo a permitir a transmissão das informações de forma não enviesada.

Silva e Fernandes (2009:144) e Felipe (2008:33) apontam três características que diferenciam os fatos relevantes dos demais relatórios contábeis:

a) Periodicidade: ao contrário dos relatórios contábeis, que são divulgados em períodos regulares e preestabelecidos (trimestral ou anualmente), os fatos relevantes podem ser divulgados em qualquer tempo.
b) Forma do discurso: os fatos relevantes geralmente são comunicados em textos narrativos, enquanto as demonstrações financeiras são focadas em seus valores numéricos.
c) Padronização: diferente da maioria das demonstrações contábeis, a divulgação dos fatos relevantes é caracterizada por uma ausência de padronização de *layout* e linguagem.

Felipe (2008:33) aponta que as características específicas do fato relevante inviabilizam sua auditoria, o que facilita sua utilização para a manipulação de seus usuários. Além disso, esses comunicados apresentam "[...] grande divergência de estrutura e linguagem entre si, dificultando análises e interpretações por parte de seus destinatários e tornando necessário o emprego de técnicas diferentes das normalmente utilizadas na decodificação dos demais dados contábeis."

2.1.5 Considerações sobre *disclosure* narrativo

Conforme se pode observar, há uma grande variedade de narrativas contábeis possíveis de serem estudadas e existem diversas outras narrativas além das que foram brevemente citadas neste capítulo, como, por exemplo, decisões judiciais, documentos expedidos pelos órgãos reguladores, pareceres e muitos outros.

De modo geral, é possível dizer que os pesquisadores procuram estudar as narrativas contábeis sob um enfoque de gerenciamento de impressões, no qual tais relatórios são produzidos de modo a conduzir as inferências e conclusões de seus leitores por meio de estratégias como manipulação do conteúdo e da complexidade dessas narrativas que pode ser realizada de forma pró-ativa ou protecionista.

2.2 Teorias Semióticas e Teoria da Comunicação

Encontram-se diversas definições para o termo semiótica ao longo da literatura, entretanto todas elas convergem para um sentido comum. Semiótica pode ser definida como a ciência que estuda os signos, os significados, toda e qualquer forma de linguagem, o processo de representação, significação e geração de sentido.

> Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e sentido. (SANTAELLA, 1983:13)

> Pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social [...] chamá-la-emos de Semiologia. (SAUSSURE, [19--]:24)

> O conceito de representação e de signo aparece muitas vezes na literatura semiótica como sinônimos, sendo possível e comum a intercambialidade em diversas situações. O próprio Peirce caracteriza semiótica como a "teoria geral das representações" e a apresenta, em diversas situações, como sinônimos. (PEREZ, 2004:148)

> [...] a semiótica é uma ciência coordenada com as outras ciências, estudando as coisas ou as propriedades das coisas na sua função de servir de signos. (MORRIS, 1976:6)

Santaella (1983:12) observa o conceito lato que o termo linguagem pode cobrir, uma vez que todo fenômeno de cultura só funciona culturalmente porque é também um fenômeno da comunicação, que só comunica porque se estrutura como linguagem. Pode-se concluir que todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como práticas significantes, isto é, práticas de produção de linguagem e sentido.

Sendo assim, a autora coloca em evidência o fato de que o termo linguagem não abarca somente o uso da língua utilizada para falar ou escrever, nativa, materna, mas também outras formas de linguagem que os seres humanos utilizam para produzir, criar, reproduzir, transformar e consumir.

De acordo com Saussure ([19--]:24), "[...] a língua é um sistema de signos que exprime idéias, e é por isso comparável à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares, etc."

Nesse sentido, Deely (1990:22) ensina que "[...] o que está no cerne da semiótica é a constatação de que a totalidade da experiência humana, sem exceção, é uma estrutura interpretativa mediada e sustentada por signos."

Perez (2004:139) reafirma a importância da participação dos signos na experiência humana: "[...] os signos – palavras, sons, símbolos, marcas etc., utilizados para transmitir pensamentos, informações, ordens – são a base do pensamento humano e também da comunicação."

Blikstein (1995:20) explica que signo é algo que substitui ou representa as coisas. A característica básica do signo é a de poder representar as coisas ou objetos.

Existem duas correntes teóricas que desenvolveram a teoria semiótica contemporânea de forma, até certo ponto, paralelas e independentes. As duas correntes se distinguem, principalmente, pela forma como foi estruturado o modo de representação do signo e pela finalidade para que foram criadas.

A seguir é apresentada uma breve explanação dessas duas correntes de estudos em semiótica com o objetivo de mostrar alguns pontos de seus respectivos aspectos teóricos e suas ramificações. Cabe destacar que o objetivo não é realizar uma abordagem histórica da teoria semiótica, tampouco expor minuciosamente os conceitos desenvolvidos nessa área de estudo ao longo dos anos.

Em primeiro lugar apresenta-se a semiótica europeia fundada por Ferdinand de Saussure, cujo modelo de representação sígnica exige a presença de somente dois elementos, por isso pode ser identificada como semiótica diática, e cujo objeto de aplicação e desenvolvimento se deu principalmente na linguística.

Num segundo momento detaca-se a semiótica americana fundada por Charles Peirce, cujo modelo de representação sígnica exige a presença de três elementos, por isso pode ser identificada como semiótica triádica, e cujo objeto de aplicação e desenvolvimento se deu principalmente na lógica.

Alguns autores distinguem as duas correntes teóricas, denominando a primeira de semiologia e a segunda de semiótica, pois são os termos utilizados pelos respectivos fundadores e posteriores estudiosos das correntes.

Por fim, aborda-se a estrutura do processo de comunicação proposto por Shannon e Weaver (1946).

2.2.1 Semiótica Diádica: foco na linguística

Saussure ([19--]:24) situou a semiologia como ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social, como parte da Psicologia social, portanto parte da Psicologia geral. A semiologia seria uma ciência, na sua época, ainda inexistente cujo objetivo seria estudar em que consistem os signos e que leis os regem.

A linguística, por sua vez, é definida como parte constitutiva da semiologia, de forma que o estudo da semiologia será aplicável ao estudo da linguística.

Para Saussure ([19--]:79) o signo linguístico é a união ou a associação de dois termos, sendo um conceito (significado) e uma imagem acústica (significante). Isto é, o signo não é a palavra pronunciada ou escrita, mas a associação entre a sua representação na mente humana através dos sentidos (imagem acústica, significante) e seu conceito abstrato (significado).

A Ilustração 1, explicada pela passagem a seguir, mostra a relação entre os dois termos de um signo saussureano.

> O signo é, pois, uma entidade psíquica de duas faces, que pode ser representada pela figura: Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro. Quer busquemos o sentido da palavra latina *arbor*, ou a palavra que o latim designa o conceito "árvore", está claro que somente as vinculações consagradas pela língua nos parecem conformes à realidade, e abandonamos toda e qualquer outra que se possa imaginar. (SAUSSURE, [19--]:80)

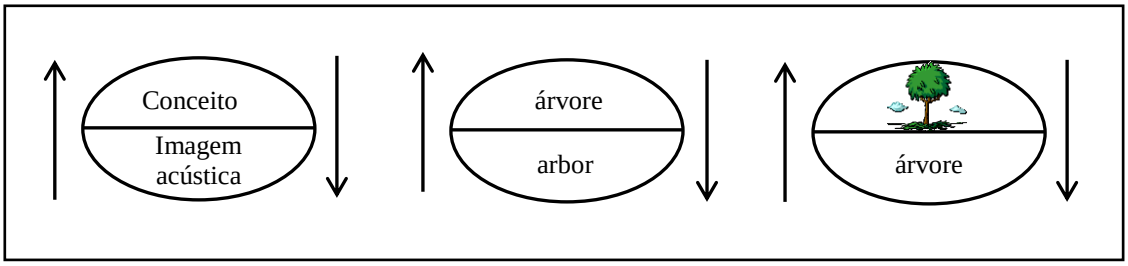

Ilustração 1- Elementos do signo linguístico para Saussure.
FONTE: SAUSSURE, [19--]:80

A seguir estão expostos os conceitos estudados e as contribuições de alguns autores que contribuíram incialmente para o desenvolvimento desse ramo da semiótica com enfoque no signo linguístico, isto é, nas linguagens produzidas pelo homem.

2.2.1.1 Ferdinand de Saussure (1857-1913)

Saussure é considerado o fundador da linguística moderna (SAUSSURE, [19--]:XV e 36), cujo objeto de estudo são todas as manifestações da linguagem humana. Apesar disso, dedicou seu estudo, em maior parte, à evolução histórica da fonologia das línguas alicerçadas no alfabeto grego.

Em sua obra o autor faz apontamentos sobre características e princípios gerais dos signos linguísticos:

Arbitrariedade do signo: as palavras (significante) não estão ligadas por nenhuma relação aos seus significados.

Signo e valor: um signo sempre tem relação de oposição ou de complementaridade com outro signo que não ele próprio. Em outras palavras, cada elemento da língua só adquire determinado valor à medida que se relaciona com o todo de que faz parte.

Imutabilidade do signo: o sujeito, individualmente, não tem livre escolha para “criar” palavras (signos), pois elas já estão dadas por uma convenção social.

Mutabilidade do signo: os signos da língua alteram-se ao longo do tempo por uma necessidade social, dentro de um contexto de continuidade em que a fala (o uso da língua) faz a língua (código linguístico) evoluir, tanto com relação ao significante (imagem acústica) como com relação ao significado (conceito).

Exclusão do objeto de referência: para Saussure, significado e significante são entidades mentais, independentes de qualquer objeto externo. Sendo assim, o objeto de referência é excluído da consideração semiótica, o signo não é um mediador entre pensamento e realidade.

Sobre esses aspectos, vale destacar os apontamentos de Barthes (2003:42):

> Para Saussure, o significado não é a "coisa" e sim a representação psíquica da coisa (conceito); a associação entre o som e a representação psíquica é o fruto de uma preparação coletiva; esta associação – que é a significação – não é absolutamente arbitrária, mas, muito ao contrário, necessária. Diremos, pois, que na língua, de um modo geral, o liame entre o significante e o significado é contratual em seu princípio, mas esse contrato é coletivo, inscrito numa temporalidade longa, e, consequentemente, naturalizado, de certo modo.

O ponto central do trabalho de Saussure ([19--]) é apresentação de duas abordagens de estudo da linguística, sendo a análise sincrônica (linguística estática) e a análise diacrônica (linguística evolutiva).

A análise sincrônica consiste no estudo de um sistema sígnico num dado ponto do tempo, sem considerar sua história. "A linguística sincrônica se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistemas, tais como são percebidos pela consciência coletiva." (SAUSSURE, [19--]:116).

A sincronia abarca toda a gramática geral, que se incumbe de estabelecer as diferentes relações dos estados de uma língua. Um estado de língua não é um ponto, mas um espaço de tempo durante o qual a soma das modificações ocorridas é mínima.

Para Saussure ([19--]:156) a gramática geral deveria abarcar três subdivisões: a morfologia, que trata das diversas categorias de palavras (verbos, substantivos...) e das diferentes formas de flexão; a sintaxe, que tem por objetivo as funções próprias das unidades linguísticas; e a lexicologia, que estuda as palavras (*lexos*) como estão postas no dicionário.

A análise diacrônica consiste no estudo da evolução de um sistema sígnico no seu desenvolvimento histórico. Abarca todas as relações que podem existir entre a história de uma língua e a história de uma civilização. "A linguística diacrônica estudará [...] as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros [ao longo do tempo] sem formar um sistema entre si." (SAUSSURE, [19--]:116).

2.2.1.2 Louis Hjelmslev (1899-1965)

Hjelmslev desenvolveu, em determinados aspectos, o modelo de significação de Saussure. Para isso denominou “plano de expressão” o significante saussureano e “plano de conteúdo” o significado saussureano (JAKOBSON, 2003:30).

Também foi responsável pela introdução do conceito de conotação na linguística. Hjelmslev propôs a existência de três modelos de signos (ou semióticas): glossemática, fundada num modelo de um signo denotativo; semiótica conotativa, fundada num modelo de signo conotativo; e metassemiótica, fundada num modelo meta-sígnico. (GUDWIN, 2010:Aula 9).

O signo denotativo refere-se ao significado primeiro atribuído a um signo no sistema linguístico em estudo. Ou seja, não foi necessário realizar outras inferências para relacionar um plano de expressão (significante) a um plano de conteúdo (significado).

Na semiótica conotativa, o plano de expressão (significante) é composto de elementos denotativos, isto é, o plano de expressão também é uma semiótica (sentido segundo). Em outras palavras, trata da capacidade de o signo linguístico gerar significados diversos do sentido original, por exemplo, aqueles imputados num dicionário.

Barthes (2003:95) explica a relação entre denotação e conotação:

> [...] o primeiro sistema [de significação] torna-se o plano de expressão ou significante do segundo sistema. [...] Trata-se do que Hjelmslev chama a Semiótica conotativa; o primeiro sistema constitui então o plano de denotação e o segundo sistema (extensivo ao primeiro) o plano de conotação. Diremos, pois, que um sistema conotado é um sistema cujo plano de expressão é, ele próprio, constituído por um sistema de significação.

Metassemiótica, por sua vez, é uma semiótica cujo plano do conteúdo é outra semiótica, por exemplo, as linguagens lógicas.

2.2.1.3 Roman Jakobson (1896-1982)

Jakobson foi um dos responsáveis pelo movimento de estudo da linguística sob um enfoque funcionalista. De acordo com Orlandi (1986:26), “[...] o objetivo do funcionalismo é considerar as funções desempenhadas pelos elementos linguísticos, sob qualquer de seus

aspectos: fônicos, gramaticais, semânticos.” Em outras palavras, o funcionalismo implica no estudo da linguagem com respeito a seus usos nos diferentes processos de comunicação.

Jakobson (2003:18) ressalta a necessidade de uma relação mais estreita entre a teoria da informação (teoria da comunicação) e os estudos em linguística. Para o autor, “[...] qualquer ato de fala envolve uma mensagem e quatro elementos que lhe são conexos: o emissor, o receptor, o tema (*topic*) da mensagem e o código utilizado.”

> [...] é mister uma perspectiva sumária dos fatores constitutivos de todo processo linguístico, de todo ato de comunicação verbal. O REMETENTE envia uma MENSAGEM ao DESTINATÁRIO. Para ser eficaz, a mensagem requer em CONTEXTO a que se refere (ou “referente”, em outra nomenclatura [...]), apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um CÓDIGO total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário (ou, em outras palavras, ao codificador e ao decodificador da mensagem); e, finalmente, um CONTATO, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos a entrarem e permanecerem em comunicação. (JAKOBSON, 2003:123).

O autor atribui a cada um dos seis fatores (remetente, mensagem, destinatário, contexto, código e contato/canal) uma função da linguagem, conforme apresentado na Ilustração 2.

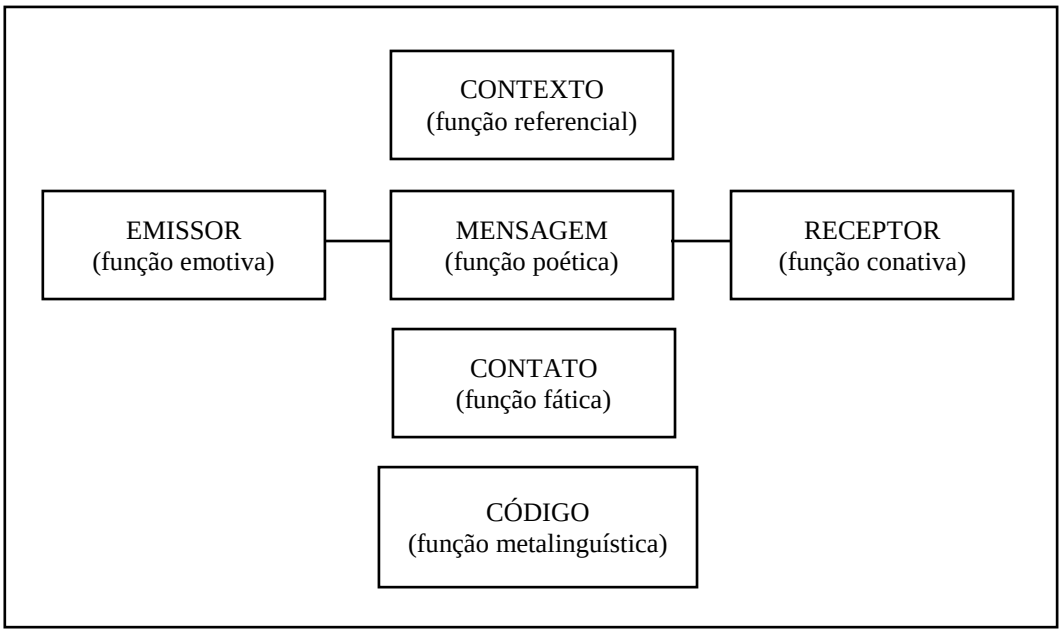

Ilustração 2 – Funções da comunicação segundo Jakobson.
FONTE: GUDWIN, 2010:Aula 10

Função referencial/cognitiva (centrada no contexto, objeto da comunicação) – a comunicação está centrada num estado de coisas do mundo (referente). É a tarefa dominante das numerosas mensagens, mas a participação de outras funções em tais mensagens deve ser considerada.

Função emotiva/expressiva (centrada no emissor) – a função dominante da mensagem é expressar algo sobre o emissor. Visa uma expressão direta da atitude de quem fala em relação àquilo de que está falando, suscitando a impressão de certa emoção, verdadeira ou simulada.

Função conativa (centrada no destinatário) – a mensagem está centrada no destinatário, como, por exemplo, o uso de imperativos.

Função fática (centrada no contato/canal) – está privilegiando, na comunicação, o próprio contato estabelecido com a outra pessoa. São mensagens que servem fundamentalmente para prolongar ou interromper a comunicação, tendo como objetivo verificar se o canal ainda funciona.

Função metalinguística (centrada no código) – quando se usa a linguagem para falar do próprio código do qual se está utilizando. É o caso em que o remetente ou o destinatário tem a necessidade de verificar se estão usando o mesmo código.

Função poética (centrada na mensagem) – quando se privilegia a própria mensagem na comunicação (a forma como ela será expressa).

2.2.2 Semiótica Triádica: foco na lógica

De acordo com Santaella (1983:18), o incurso de Peirce pelos mais diversos ramos da ciência era reflexo do seu interesse pela lógica, mais precisamente, a lógica das ciências. Ao promover um casamento entre a lógica e a filosofia, Peirce chegou a elaborar uma arquitetura filosófica científica, em que a estética, ética e lógica (ou semiótica) são sustentadas pela fenomenologia.

Fenômeno é qualquer coisa que aparece à percepção e à mente. Desta forma, a fenomenologia tem como objetivo examinar como os fenômenos são apreendidos na mente, sejam provenientes do “mundo real”, imaginados, concebidos, alucinados etc. (SANTAELLA, 2002:7).

Com relação a esse aspecto, Deely (1990:23) explica que diferentemente de Saussure, a tradição Poinsot-Locke-Peirce não tem como quase exclusiva inspiração a fala e as línguas humanas. “Ela vê na semiose um processo muito mais vasto e fundamental envolvendo o universo físico no processo da semiose humana, e fazendo da semiose humana uma parte da semiose da natureza. [...] Ela é, antes de tudo, um fenômeno da natureza”.

Em suma, Peirce concebeu sua teoria semiótica como uma espécie de lógica geral, que estuda não apenas as leis do pensamento e das condições da verdade, mas também do pensamento e da sua evolução (SANTAELLA, 2002:3).

O modelo representacional de Peirce é composto de três elementos: um primeiro (algo que se apresenta à mente - signo), ligando um segundo (aquilo que o signo indica, se refere ou representa – objeto) a um terceiro (o efeito que o signo irá provocar em um intérprete – interpretante) (SANTAELLA, 2002:146).

Deve-se observar o “[...] fato de que tanto o objeto quanto o interpretante são partes constitutivas do signo (ou processo de representação), de modo que este só pode ser definido na relação com o objeto e o interpretante.” (SANTAELLA, 2000:61).

Isso significa que Peirce não fornece apenas uma visão estrutural do signo, pois sua semiótica estuda a ação dos signos no seu processo de representação, isto é, a semiose. Conforme Deely (1990:42) “Peirce percebeu que o desenvolvimento pleno da semiótica como um *corpus* distinto de conhecimento exigia uma visão dinâmica da significação enquanto processo.”

A seguir estão expostos os conceitos estudados e contribuições de alguns autores para o desenvolvimento desse ramo da semiótica tridimensional.

2.2.2.1 Charles Peirce (1839-1914)

Para Peirce o processo de representação engloba três aspectos, sendo a significação, a objetivação e a interpretação (SANTAELLA, 2002:5). Isso porque o signo tem uma natureza triádica, quer dizer, ele pode ser analisado nesses três aspectos, conforme a Ilustração 3.

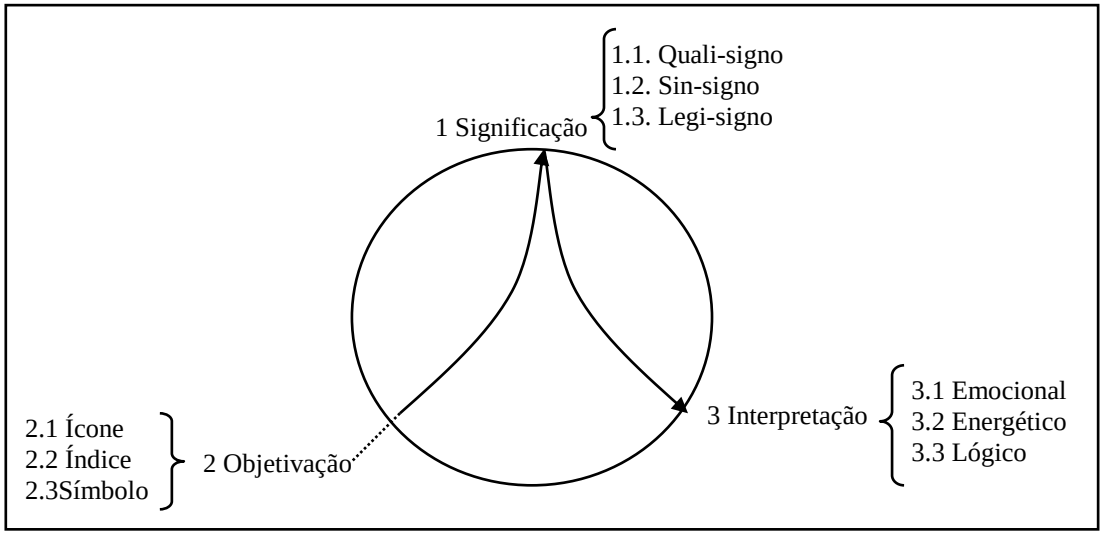

Ilustração 3 – Síntese da definição de signo para Peirce.
FONTE: Adaptado de SANTAELLA, 1983:59

Significação: o signo é analisado em si mesmo, nas suas propriedades internas, ou seja, no seu poder para significar. Algo somente pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir outra coisa diferente dele.

O signo, nesse aspecto, pode ser classificado de acordo com a propriedade (denominada fundamento do signo) que o habilite representar algo (SANTAELLA, 2000:96-107).

Um "quali-signo" é uma qualidade que é um signo, isto é, sua corporificação nada tem a ver com seu caráter como signo.

Um "sin-signo" é um signo existente ou acontecimento real, e somente possui significado porque é constituído de um ou mais quali-signos, no entanto trata-se de quali-signos especiais, pois somente se constituem em signos quando corporificados.

Um "legi-signo" é uma lei que é um signo. Normalmente estabelecido por norma ou convenção, ganha significado por meio de uma réplica, isto é, um sin-signo, no entanto trata-se de um sin-signo especial, pois não seria revestido de significação se não fosse a lei geral que lhe confere sentido.

Objetivação: o signo também pode ser analisado na sua referência àquilo que ele indica, se refere ou representa. O signo não é o objeto, portanto ele só pode representar esse objeto de certo modo e numa certa capacidade.

Uma vez que o signo possui um fundamento, por consequência haverá um objeto a que ele se refere. Santaella (2000:33-40) define objeto como qualquer coisa que chega à mente em qualquer sentido, isto é, qualquer coisa que é mencionada ou sobre a qual se pensa é um objeto. O signo somente representa o objeto em relação a um determinado aspecto, aquele que compete ao seu fundamento, de modo que não permite nenhum contato ou reconhecimento do objeto.

Portanto, o poder de representação do signo é contingente, próprio do signo, que difere do objeto existente no mundo real. O poder que um signo tem de representar um objeto existente depende basicamente do seu fundamento.

O signo, nesse aspecto, pode ser classificado de acordo com a forma como ele representa o objeto (SANTAELLA, 2002:15).

O "ícone" remete a uma simples qualidade que o signo guarda em comum com o objeto. De modo que o objeto real de um ícone pode ser qualquer coisa e tudo aquilo que é semelhante ao ícone. Tendo como fundamento um quali-signo, o ícone tem sempre um caráter descritivo, pois determina o objeto dinâmico ao declarar suas qualidades.

No caso do "índice", a relação entre o signo e o objeto real é mais direta, visto que estão conectados por uma ligação de fato, existente. Por exemplo, o orifício causado por uma bala (objeto imediato) indica que de fato a bala (objeto dinâmico) esteve lá. Portanto, o índice tem como fundamento um sin-signo, uma vez que precisa existir em um contexto do mundo real para apontar seu objeto dinâmico.

O "símbolo" é um signo que relaciona o signo e o objeto real por força de um hábito, costume, lei. É o caso das palavras de uma língua, ou de conceitos gerais. Símbolos têm como fundamento legi-signos, pois determinam seus objetos através de relações lógicas com seus objetos dinâmicos.

Interpretação: o signo, por fim, pode ser analisado nos tipos de efeitos que está apto a produzir nos seus receptores, isto é, nos tipos de interpretação que ele tem o potencial de

despertar nos seus usuários. Os efeitos interpretativos, denominados interpretantes, dependem diretamente do modo como o signo representa seu objeto.

Se, por um lado, o signo é determinado por algo diverso dele, seu objeto; por outro lado, ele próprio determina uma mente existencial ou potencial. De forma que essa mente interpretadora é determinada, por intermédio do signo, pelo objeto. Não se deve confundir intérprete com interpretante. Enquanto o primeiro é o indivíduo que realiza a interpretação, o segundo é sua reação ao interpretar o signo.

O signo, nesse aspecto, pode ser classificado de acordo com o interpretante que é capaz de produzir (SANTAELLA, 2002:23).

O interpretante emocional é o primeiro efeito em termos de qualidade de sentimento, que não se confunde meramente com o significado emotivo, pois não é acompanhado por uma atitude valorativa, positiva ou negativa.

O interpretante energético corresponde a um ato no qual alguma energia é despendida, e envolve, além de ações musculares, esforços interiores decorrentes de atos de imaginação.

O interpretante lógico é o entendimento geral produzido pelo signo, no sentido de que não se refere a um evento ou ocorrência singular, mas sim de mover-se de acordo com uma regra geral.

O interpretante também depende do fundamento do signo e de sua relação com o objeto de referência. Se o fundamento for mera qualidade, o interpretante é apenas emocional. À medida que o fundamento passa a apresentar uma indicação física ou uma relação de hábito com o objeto, mais o objeto de referência será considerado como real e mais o interpretante será uma reação física e comum.

2.2.2.2 Charles Morris (1901-1979)

Talvez a semiótica seja mais conhecida pelo público em geral graças à classificação proposta por Morris das três dimensões do processo de semiose: a dimensão sintática, a dimensão semântica e a dimensão pragmática.

Morris (1946:219) traz definições breves e claras do conteúdo de tal classificação, conforme representado na Ilustração 4.

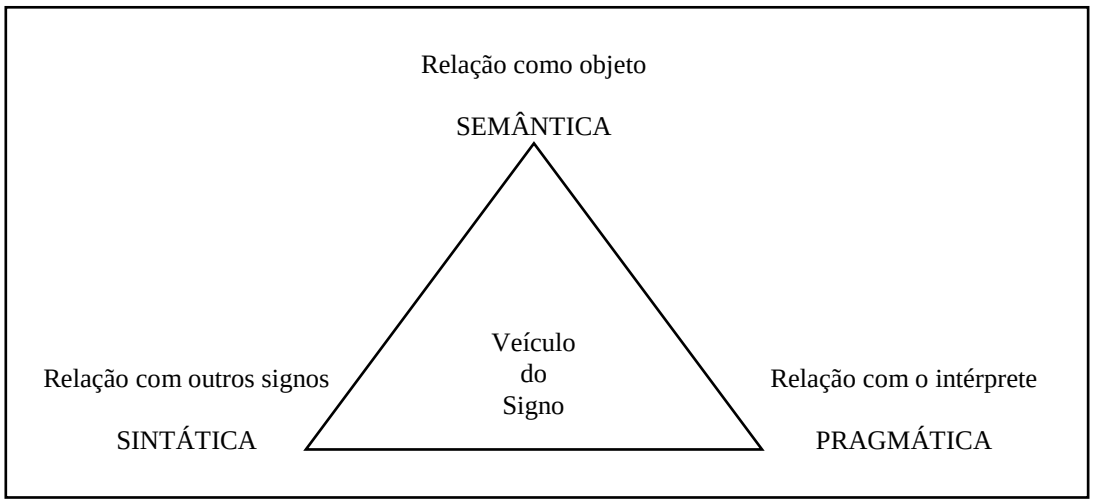

Ilustração 4 – Três dimensões do processo de semiose na visão de Morris.

Sintática trata das combinações entre os signos, abstraindo as dimensões que tratam dos seus significados específicos (objetos) e de suas relações com o comportamento que ocasionam (interpretantes), isto é, trata das relações formais dos signos uns com os outros. Esse campo da semiótica estuda as regras sintáticas, que podem ser decompostas em regras de formação, que determinam combinações permitidas independentemente dos membros do conjunto, e regras de transformação, que determinam as proposições (ou combinações) que podem ser obtidas de outras proposições (MORRIS, 1976:17).

Semântica trata do significado dos signos e de todos os modos de significação, isto é, trata das relações dos signos com os objetos a que se aplicam, denominada relação de designação. A semântica pressupõe a sintática, mas abstrai a pragmática, isso implica que um desenvolvimento rigoroso da semântica pressupõe uma sintaxe relativamente bem desenvolvida. Regras semânticas são aquelas que determinam sob que condições um signo é aplicável a um objeto ou a uma situação. Nesse ponto, Morris explica que a diferença entre

ícones, índices e símbolos é explicada pelas diferentes espécies de regras semânticas (MORRIS, 1976:28).

Pragmática é o campo da semiótica que trata da origem, usos e efeitos dos signos sobre o comportamento, isto é, trata das relações dos signos com seus intérpretes. No estudo desse campo, regras pragmáticas são aquelas que estabelecem as condições dos intérpretes em que o veículo do signo é utilizado, pressupondo, na sua efetivação, algum tipo de comportamento (MORRIS, 1976:37).

Para Morris o processo de semiose que ocorre na mente do indivíduo percorre essas três dimensões, que estão intimamente inter-relacionados. Como consequência, é possível analisar as estruturas sígnicas de forma tridimensional: investigar a sua estrutura, a relação com os objetos que denotam e as relações com seus intérpretes (MORRIS, 1976:16).

> Numa exposição sistemática da semiótica, a pragmática pressupõe a semântica, tal como esta última pressupõe a sintática, já que discutir adequadamente a relação dos signos aos seus intérpretes requer o conhecimento da relação dos signos entre si e às coisas que referem aos seus intérpretes.
> A análise sígnica é a determinação das dimensões sintática, semântica e pragmática dos processos específicos de semiose; é a determinação das regras de uso de certos veículos sígnicos. (MORRIS, 1976:36).

2.2.3 Teoria da Comunicação: Claude Shannon (1916-2001)

Shannon publicou sua monografia intitulada "*The Mathematical Theory of Communication*", em 1948, republicada no ano seguinte com comentários de Warren Weaver. O objetivo de Shannon era "[...] delinear um quadro matemático no interior do qual é possível quantificar o custo de uma mensagem, de uma comunicação ente os dois pólos desse sistema, em presença de perturbação aleatória." (MATTELART, 1999:58).

Shannon e Weaver (1964:3) definem comunicação como todos os processos em que uma mente afete outra mente, o que inclui não apenas a língua oral e escrita, mas também a música, arte, teatro e, de modo geral, todo o comportamento humano.

O processo de comunicação pode ser considerado como um sistema, composto por fonte de informação (que produz a mensagem ou a sequência de mensagens a serem transmitidas), emissor (que opera a mensagem de forma que gere um sinal capaz de ser transmitido pelo

canal), canal (o meio utilizado para transmitir o sinal do emissor para o receptor), receptor (reestrutura a mensagem original a partir do sinal recebido) e destinatário (pessoa à qual a mensagem foi endereçada). (SHANNON; WEAVER, 1946:34). Esse processo é representado na Ilustração 5.

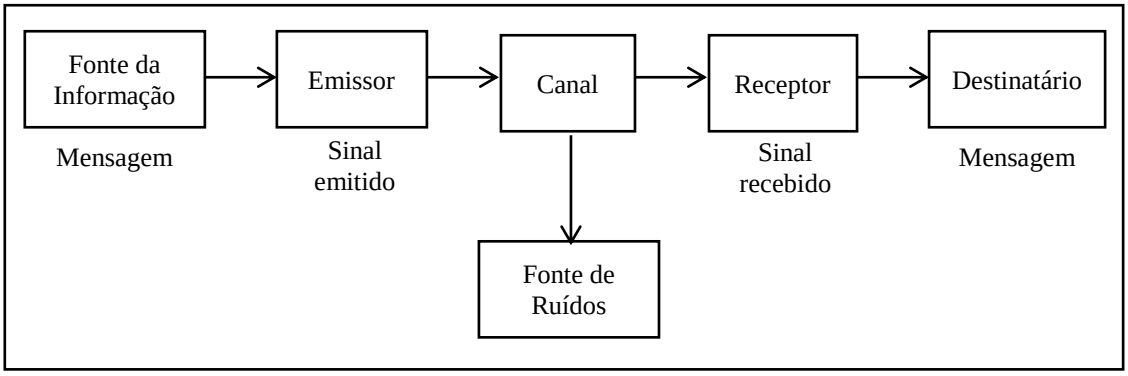

Ilustração 5 – Esquema geral da comunicação de acordo com Shannon e Weaver.

FONTE: Adaptado de DIAS FILHO, 2001:92

De forma mais dinâmica, a fonte de informação seleciona uma mensagem desejada (dentro de várias outras mensagens possíveis), o emissor transforma essa mensagem em sinais que serão transmitidos pelo canal para o receptor. O receptor (uma espécie de emissor invertido) transforma os sinais na mensagem original e entrega essa mensagem ao destinatário. Nesse processo de transmissão, há a característica de que certas "coisas" são incorporadas ao sinal que geram distorções não desejadas pela fonte de informação. Essas coisas são denominadas ruídos. (SHANNON; WEAVER, 1946:7).

Nesse contexto, Shannon e Weaver (1946:4) propõem que o processo de comunicação enfrenta problemas em três níveis:

- Problema técnico (Nível A): com que precisão os símbolos da comunicação são transmitidos?
- Problema semântico (Nível B): com que precisão os símbolos transmitidos ensejam o significado desejado?
- Problema de eficácia (Nível C): com que eficácia o significado recebido afeta o comportamento da maneira desejada?

Shannon e Weaver (1946:6) focam seu trabalho no problema de nível A. Segundo os autores, se os sinais não são transmitidos com precisão, os níveis B e C serão ineficazes. Além disso, no que tange ao sistema de comunicação, são propostas questões como (SHANNON; WEAVER, 1946:8):

- Como mensurar a quantidade de informação?
- Como mensurar a capacidade de um canal de comunicação?
- Quais são as características de um processo de codificação (transformar mensagens em sinais) eficiente? E a que taxa o canal transmite a informação?
- Quais são as características gerais do ruído? Como o ruído afeta a precisão da mensagem recebida pelo destinatário? Como minimizar os efeitos indesejados do ruído, e até que ponto eles podem ser eliminados?
- Se o sinal é transmitido de forma contínua, em vez de símbolos discretos, como isso pode afetar o problema?

2.2.4 Considerações sobre Teorias Semióticas e da Comunicação

O objetivo desta seção não foi o de apresentar a totalidade das teorias semióticas e teorias das comunicações existentes, mesmo porque seria inviável realizar tal empreendimento dado os objetivos deste trabalho, mas sim de apresentar o conceito de semiótica e de teoria da comunicação, quais seus objetos de estudo, suas ramificações e alguns dos conceitos básicos elaborados nessas disciplinas.

O que se pode observar é que não existe um conceito central a partir do qual todas as teorias semióticas foram desenvolvidas. Isso ocorre, principalmente, nas teorias semióticas com abordagem linguística. Esse fato não reflete nenhum demérito dessas teorias, mas indica que o pesquisador em Contabilidade que eventualmente deseja utilizar teorias semióticas no desenvolvimento de seu trabalho precisa posicionar o autor e o conceito semiótico que foram utilizados.

Por fim, pode-se dizer que, diferentemente de teorias semióticas que teorizam como um dado sistema de signos influencia na percepção e no entendimento de um intérprete, a teoria da

comunicação coloca em evidência a necessidade de uma compreensão mútua entre o emissor e o receptor a respeito da mensagem que se pretende enviar.

3 METODOLOGIA E COLETA DOS TRABALHOS

Foram seguidas quatro etapas para investigação do problema de pesquisa posto anteriormente:

a) coleta e seleção de artigos publicados em periódicos e congressos nacionais e de teses e dissertações dos programas de pós-graduação;
b) tabulação dos trabalhos encontrados, separando-os por ano, periódico, autor e problema de pesquisa;
c) apresentação dos trabalhos, com uma breve descrição das metodologias utilizadas para pesquisar seus respectivos problemas de pesquisa e dos resultados encontrados;
d) a partir do levantamento dos trabalhos, será realizada uma síntese das conclusões obtidas, das metodologias empregadas e da utilização de teorias semióticas e da comunicação.

O desenvolvimento das três etapas é apresentado neste capítulo e a quarta etapa fica a cargo do próximo capítulo.

3.1 Método de coleta dos trabalhos

O levantamento de artigos, teses e dissertações que efetuaram pesquisas em Contabilidade com base em teorias semióticas e da comunicação no Brasil foi realizado em janeiro de 2010 nos mecanismos de busca dos sites de periódicos, congressos e faculdades, todos avaliados pela Capes, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Foram coletados trabalhos que possuíssem uma das seguintes palavras-chaves: “semiótica”, “semântica”, “linguagem”, “linguística” ou “comunicação” de acordo com a abrangência permitida pelo mecanismo de busca.

A abrangência citada no parágrafo anterior refere-se, por exemplo, a *sites* que só permitem realizar buscas nos títulos do trabalho, ou então outros que permitem realizar buscas também

no resumo ou até mesmo no trabalho inteiro. Nos casos em que o site não possuísse alguma forma de realizar buscas, os trabalhos foram selecionados individualmente apenas pelo título.

Outro fator que limitou a busca por trabalhos foram sites de universidades, revistas e congressos que sequer disponibilizam alguma forma de consulta aos títulos dos trabalhos publicados ou teses e dissertações defendidas.

Após a coleta inicial, os trabalhos foram selecionados segundo uma análise individual para se certificar de que o estudo estava relacionado, de alguma forma, à Contabilidade como uma forma de linguagem.

Trienalmente a Capes realiza uma avaliação dos periódicos e eventos de diversas áreas de pesquisa, e Ciências Contábeis está incluída na área de conhecimento com código 27 (Administração, Ciências Contábeis e Turismo). Os periódicos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade: A1 (o mais elevado); A2; B1; B2; B3; B4; B5; C (com peso zero).

Uma relação dos periódicos que receberam avaliação, referente ao ano base de 2007, foi obtida no *site* "*webqualis*" da Capes em janeiro de 2010 e os periódicos nacionais com títulos relacionados à Contabilidade ou Administração (desde que possa haver relação com Contabilidade) foram selecionados para realizar o procedimento de busca por artigos.

O Quadro 1[6] apresenta a relação dos 21 periódicos selecionados para a realização da busca por artigos. A relação completa dos periódicos da área de administração, ciências contábeis e turismo obtida no *site* "*webqualis*" da Capes encontra-se no Anexo I.

Quadro 1– Periódicos Consultados

Sigla	Titulo do Periódico	Estrato	Ano Início
RAC-E	RAC Eletrônica	B1	2007
RAC	RAC. Revista de Administração Contemporânea (Impresso)	B1	1997
RBF	Revista Brasileira de Finanças	B1	2003
RCF	Revista Contabilidade & Finanças	B1	2001[7]

Continua na próxima página

[6] Em fevereiro de 2010, a Capes divulgou as avaliações referentes ao ano base 2008, que, em relação aos periódicos listados no Quadro 1, as seguintes alterações foram observadas: a Revista Contemporânea de Contabilidade apresentou avaliação B3 e a UnB Contábil apresentou avaliação C.
[7] O Caderno de Estudos FIPECAFI foi editado entre 1989 e 2000.

Quadro 1– Periódicos Consultados - Continuação

Sigla	Título do Periódico	Estrato	Ano Início
Base	Base (UNISINOS)	B2	2004
BBR	*Brazilian Business Review*	B2	2004
RAUSP	Revista de Administração (FEA-USP)	B2	1977[8]
REGE	Caderno de Pesquisas em Administração (USP) (Cessou em 2005. Cont. REGE. Revista de Gestão USP)	B3	1994
CVR	Contabilidade Vista & Revista	B3	1989
RUC	Revista Universo Contábil	B3	2005
Faces	Faces : Revista de Administração (Belo Horizonte. Impresso)	B3	2002
CAO	Custos e @gronegócio Online	B4	2005
Pensar	Pensar Contábil (CRC-RJ)	B4	1998
RCC	Revista Contemporânea de Contabilidade (UFSC)	B4	2004
RCM	Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis - UERJ	B4	2003
CGG	UnB Contábil (Cessou em 2007. Cont. Contabilidade, Gestão e Governança)	B4	1998
ABC	ABCustos (São Leopoldo)	B5	2006
FIN	Financeiro (São Paulo. Impresso)	C	2004
RBC	Revista Brasileira de Contabilidade (CFC)	C	1999
RCA	Revista Catarinense da Ciência Contábil (CRC-SC)	C	2002
RMC	Revista Mineira de Contabilidade (CRC-MG)	C	2000

FONTE: Selecionado de CAPES, 2010

Procedimento análogo foi realizado para selecionar os congressos (eventos) nos quais foram realizadas as buscas dos trabalhos. O Quadro 2[9] apresenta a relação dos sete congressos selecionados para busca de trabalhos. A relação completa dos congressos da área de administração, ciências contábeis e turismo obtida no *site* "*webqualis*" da Capes encontra-se no Anexo II.

Quadro 2 – Congressos Consultados

Sigla	Título do Evento	Estrato	Ano Início
ENANPAD	Encontro da ANPAD	A1	1997
C-USP	Congresso USP de Controladoria e Contabilidade	A1	2001
CBCustos	Congresso Brasileiro de Custos	A1	1994

Continua na próxima página

[8] Mais 11 edições que não estão disponíveis em meio digital foram publicadas desde 1947.

[9] Em fevereiro de 2010 a Capes divulgou as avaliações referentes ao ano base 2008. A avaliação de eventos passou a ser realizada em apenas dois níveis: E1 e E2. Com relação aos eventos listados no Quadro 2, os eventos classificados como A1 passaram a ser classificados como E1; e os eventos classificados como B1 passaram a ser classificados como E2, com exceção do Congresso Brasileiro de Contabilidade que deixou de ser avaliado.

Quadro 2 – Congressos Consultados - Continuação

Sigla	Titulo do Evento	Estrato	Ano Início
ENANPAD	Encontro da ANPAD	A1	1997
C-USP	Congresso USP de Controladoria e Contabilidade	A1	2001
CBCustos	Congresso Brasileiro de Custos	A1	1994
ANPCONT	Congresso da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Ciências Contábeis	A1	2007
CBC	Congresso Brasileiro de Contabilidade	B1	1988
CONTECSI	Congresso Internacional de Gestão de Tecnologia e Sistemas de Informação	B1	2004
EnEPQ	Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade	A1	2007

FONTE: Selecionado de CAPES, 2010

A Capes também realização uma avaliação trienal dos Programas de Pró-Graduação atribuindo uma nota a cada um deles dentro de uma escala de 1 (pior nota) a 7 (melhor nota).

Foi realizada uma busca de teses e dissertações defendidas nas IES, Instituições de Ensino Superior, que possuem Programas de Pós-Graduação em Controladoria ou Contabilidade avaliados pela Capes. O Quadro 3[10] relaciona as IES em que foram realizadas buscas de teses e dissertações.

Quadro 3 – Programas de Mestrado e Doutorado Consultados

Instituição de Ensino Superior (IES)		Nota CTC
Sigla	Nome	
USP	Universidade de São Paulo	5
FUCAPE	Fundação Instituto Capixaba de Pesq. em Cont. Econ. e Finanças	4
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro	4
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	4
UFC	Universidade Federal do Ceará	3
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	3
PUC/SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	3
USP/RP	Universidade de São Paulo/ Ribeirão Preto	3
UniFECAP	Centro Universitário Álvares Penteado	3
UFPR	Universidade Federal do Paraná	3
FURB	Universidade Regional de Blumenau	3
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina	3
UNB	Universidade de Brasília	2

FONTE: Selecionado de CAPES, 2010

[10] Em julho de 2010 a Capes divulgou novas avaliações. Com relação aos programas listados no Quadro 3, a UNB passou a receber nota 4.

3.2 Tabulação dos trabalhos encontrados por problema de pesquisa

Da busca realizada, conforme a metodologia apresentada anteriormente, foram encontrados e selecionados 22 trabalhos, sendo duas publicações em periódicos que já haviam sido divulgados em congressos, e outras três publicações que são resultados de uma dissertação, totalizando 18 trabalhos inéditos.

A Tabela 1 relaciona os trabalhos coletados com indicação dos autores, local de publicação, ano e problema de pesquisa.

Tabela 1 – Tabulação dos Trabalhos Encontrados

No	Autor(es)	Local	Ano	Objetivo/Problema de Pesquisa (Categoria)					
	Publicações em Periódicos e Eventos			**A**	**B**	**C**	**D**	**E**	**F**
1	SILVA, C.A.T.; RODRIGUES, F.F.; (ABREU, R.L.)	RAC/ C-USP	2007/ 2006					X	
2	SILVA, C.A.T.; FERNANDES, J.L.T.	RAC-E	2009				X		
3	DIAS FILHO, J.M.	RCF/ USP	2000/ 2001	X					
4	DIAS FILHO, J.M.; NAKAGAWA, M.	RCF/ CBC/ USP	2001/ 2000/ 2001	X					
5	PANHOCA, L.; NAKAGAWA, M.; ACCIOLY JR, H.; SILVA, O.M.P.	RCF	2004		X				
6	COLAUTO, R.D.; BEUREN, I.M.	BASE	2005	X					
	Totais dos Artigos			3	1	0	1	1	0
7	DIAS FILHO, J.M.; NAKAGAWA, M.	ENANPAD	2002	X					
8	NOGUEIRA, M. F.; WEFFORT, E. F. J; ANTUNES, J.; PEREIRA, A. C.	ENANPAD/ FECAP	2008/ 2006				X		
9	DIAS, C.B.P.A.; NEVES, I.R.B.; OLIVEIRA. J.R.S.; MARTINEZ, A.L.	C-USP	2004A	X					
10	MORAES, M.B.C.; NAGANO, M.S.; MERLO, E.M.	C-USP	2004B					X	
11	PEREIRA, C.C.; FRAGOSO, A.R.; RIBEIRO FILHO, J.F.	C-USP	2004C				X		
12	OLIVEIRA, A.M.	C-USP	2005		X				
13	NAKAGAWA, M.; LISBOA, N.P.; IKEDA, R.H.	CBC	2000	X					
	Totais dos Eventos			3	1	0	2	1	0

Continua na próxima página

Tabela 1 – Tabulação dos Trabalhos Encontrados - Continuação

No	Autor(es)	Local	Ano	Objetivo/Problema de Pesquisa (Categoria)					
	Teses e Dissertações Defendidas			**A**	**B**	**C**	**D**	**E**	**F**
14	SILVA, B.G.	USP	1994		X				
15	DIAS FILHO, J.M.	USP	2003			X			
16	CUNHA, R. K.C.	UNB	2008A					X	
17	FELIPE, E.S.	UNB	2008B						X
18	RIBEIRO, J. F.	FUCAPE	2009					X	
	Totais das Teses e Dissertações			0	1	1	0	2	1
	TOTAL GERAL			6	3	1	3	4	1

Os trabalhos de números 1, 3, 4 e 8 possuem duas ou três referências de local e ano de publicação porque são os casos que foram apresentados em congressos e posteriormente publicados em periódicos (com ampliação ou não da base de pesquisa, mas com o mesmo objetivo e resultados similares), ou então porque são originados de dissertações defendidas. O autor entre parênteses no trabalho de número 1 faz parte somente da referência do periódico "RAC".

A maior frequência de trabalhos encontrados foi no Congresso USP de Controladoria e Contabilidade, com cinco publicações; seguido pela Revista de Contabilidade e Finanças, com três publicações; e pelo Congresso Brasileiro de Contabilidade e Encontro da ANPAD, ambos com duas publicações. Com relação às teses e dissertações defendidas, foram encontradas, com maior frequência, três na USP e duas na UNB.

O autor com maior frequência de publicação é José Maria Dias Filho, com uma dissertação e uma tese defendidas e três trabalhos publicados em eventos e periódicos, totalizando cinco referências; Masayuki Nakagawa é o segundo mais frequente com quatro publicações em eventos e periódicos; o terceiro autor mais frequente é César Augusto Tibúrcio Silva com duas publicações em periódicos; todos os demais autores apresentam somente uma publicação ou defesa.

A referência mais antiga é a defesa da dissertação de Benedito Gonçalves da Silva em 1994, no entanto a maioria das pesquisas surge a partir de 2000 e 2001 com os trabalhos realizados com maior frequência por Masayuki Nakagawa e José Maria Dias Filho.

Os trabalhos selecionados foram categorizados de acordo com seu objetivo ou problema de pesquisa. As categorias foram formadas *a posteriori*, isto é, foram criadas após todos a partir dos problemas de pesquisa dos próprios trabalhos selecionados.

São seis categorias: teórico, compreensão de termos técnicos, compreensibilidade de relatórios, evolução de significados, fidelidade de representação e influência no preço das ações.

A - Teórico: trabalhos teóricos que têm como objetivo divulgar a semiótica ou teoria da comunicação como possível direcionamento de pesquisas em Contabilidade. Destacam a relação existente entre essas duas áreas do conhecimento e como elas podem tratar de problemas comuns. Podem ou não sugerir cursos específicos de como pesquisas que envolvem semiótica e Contabilidade deveriam ser elaboradas.

B - Compreensão de termos técnicos: trabalhos que investigam se agentes que lidam com a informação contábil compreendem determinados termos utilizados nas demonstrações contábeis ou em outros relatórios financeiros.

C - Evolução de significados: trabalhos que estudam a evolução do significado ou conceito de determinado termo. Isto é, como determinada palavra ou expressão evoluiu, tecnicamente ou não, ao longo dos anos e como se estabeleceu no imaginário popular.

D - Compreensibilidade de relatórios: trabalhos que investigam o grau de dificuldade de leitura e compreensão das demonstrações financeiras em geral e componentes que podem facilitar a sua leitura e entendimento.

E – Fidelidade de representação: trabalhos que investigam se as informações textuais dos relatórios narrativos estão alinhadas com as informações numéricas contidas nas demonstrações financeiras. São investigadas as evidências de gerenciamento de impressões na redação dos relatórios narrativos.

F - Influência no preço das ações: trabalhos que investigam o impacto das informações textuais de relatórios contábeis no preço das ações.

Observa-se no Gráfico 1, gerado a partir da última linha da Tabela 1, que a categoria mais frequente (33%) é de trabalhos teóricos. Trabalhos que estudam termos ou expressões técnicas somam 22% (categorias B e C). A frequência de trabalhos que estudam narrativas contábeis (categorias D e E) se mostra elevada: 39%. Por fim, apenas um trabalho, ou 6% dos trabalhos encontrados, analisa o impacto das informações textuais no mercado de capitais.

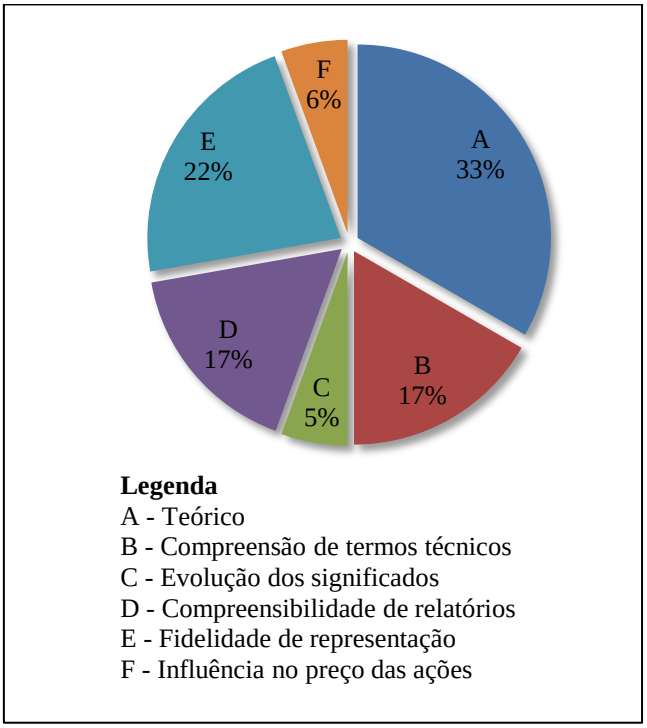

Gráfico 1 – Proporção de Trabalhos por Categoria de Problema de Pesquisa.

É possível fazer uma comparação dos problemas de pesquisa categorizados como D e E, que tratam de narrativas contábeis, com a classificação das questões de pesquisa feitas nos *surveys* realizados por Stanton e Stanton (2002) e Jones e Shoemaker (1994).

Jones e Shoemaker (1994) realizaram um *review* de pesquisas que investigou narrativas contábeis por meio de análise de conteúdo. Os autores classificaram os estudos em dez abordagens de pesquisa.

O que Jones e Shoemaker (1994) classificaram como (i) quão difícil é ler a narrativa contábil? (ii) algumas partes dos relatórios são mais difíceis de serem lidas do que outras? (iii) alguns tipos de relatórios são mais difíceis de serem lidos do que outros? (iv) os relatórios estão

ficando mais difíceis de serem lidos? Correspondem ao que nesta dissertação categorizou no item “D”, compreensibilidade de relatórios.

A classificação do item “E”, fidelidade de representação, abrange as seguintes questões apontadas por Jones e Shoemaker (2002): (v) há correlação entre *disclosure* narrativo e relatórios financeiros? (vi) qual o comportamento da administração frente a questões relevantes (como, por exemplo, performance financeira)? (vii) há alguma associação entre a legibilidade dos relatórios e outras variáveis (como tamanho e desempenho)?

Por fim, Jones e Shoemaker (2002) encontraram trabalhos que abordavam (viii) predição de variáveis chave em decisões judicias tributárias; (ix) determinação do impacto das *comment letters* sobre os *exposure drafts* do FASB; e (x) avaliação do cumprimento de normas. Como não foram encontrados trabalhos brasileiros que tratavam destes três assuntos, eles não foram categorizados na Tabela 1.

Stanton e Stanton (2002) realizaram um *review* de pesquisas sobre Relatório Anual. Os autores classificaram os estudos em cinco perspectivas de pesquisa, que podem, de forma mais ampla, ser enquadradas no item “E”, pois tratam da atitude e posicionamento da administração da empresa ao elaborar os relatórios anuais.

Pode-se afirmar que as cinco categorias podem ser atribuídas ao item “E” de forma “ampla” porque elas não tratam apenas da representação dos números apurados pela Contabilidade na narrativa contábil, mas também dos incentivos que a administração tem para escolher o modo como essa narrativa será escrita, incluindo outros temas além do desempenho financeiro. No entanto, os trabalhos brasileiros encontrados não pesquisarem sob as cinco perspectivas categorizadas pelos autores.

O Quadro 4 relaciona os objetivos e problemas de pesquisa dos trabalhos segregados pelas suas respectivas categorias. A coluna “referência” está relacionada com a coluna “local” e “ano” da Tabela 1.

Os textos constantes na coluna “objetivo/problema de pesquisa” não foram necessariamente extraídos literalmente dos próprios trabalhos, mas sim elaborados a partir da leitura dos respectivos artigos, teses e dissertações. Isso porque o objetivo ou problema de pesquisa

muitas vezes não estava explícito nos trabalhos, ou não estava exposto de forma sucinta o suficiente para colocá-lo numa tabela.[11]

Quadro 4 – Segregação por Categorias de Problemas de Pesquisa

Categoria		Referência	Objetivo/Problema de Pesquisa
A	Teórico	RCF/USP (2000/2001)	Como a Teoria da Comunicação pode auxiliar no aperfeiçoamento da compreensibilidade da informação contábil?
		BASE (2005)	Identificar o papel da avaliação do capital intelectual na perspectiva da tridimensionalidade da linguagem contábil.
		C-USP (2004A)	Destacar a necessidade de reduzir os ruídos semânticos no processo de comunicação contábil.
		CBC (2000)	Discutir a mensuração dos ativos e passivos e *Fair Value Accounting* sob o enfoque da teoria semiótica.
		RCF/CBC/USP (2001/2000/2001)	Sugerir a utilização de conceitos da Teoria da Comunicação para solução de problemas semânticos.
		ENANPAD (2002)	Propor uma análise tridimensional de balanço para decisões de crédito.
B	Compreensão de termos técnicos	C-USP (2005)	Os usuários externos compreendem os termos utilizados nas demonstrações contábeis emitidas pela Administração Pública?
		RCF (2004)	Como os universitários da área econômica e financeira entendem os termos Contabilidade, custos e investimento?
		USP (1994)	Os usuários das demonstrações contábeis compreendem o significado dos termos utilizados nesses relatórios?
C	Evolução de significados	USP (2003)	Como o conceito de tributo/tributação evoluiu ao longo do tempo no imaginário popular de modo a interferir na capacidade da arrecadação governamental?
D	Compreensibilidade de relatórios	RAC-E (2009)	Qual o nível de complexidade/dificuldade da legibilidade dos fatos relevantes de empresas de capital aberto?
		C-USP (2004C)	As representações gráficas auxiliam a compreensibilidade no processo de evidenciação contábil?
		ENANPAD/FECAP (2008/2006)	Há ruídos no processo de comunicação pericial judicial que comprometem a qualidade da informação transmitida pelo laudo pericial judicial?

Continua na próxima página

[11] O caso mais extremo de distorção do problema de pesquisa foi em Dias Filho (2003), cujo objetivo original inclui a estimação da probabilidade de um contribuinte se tornar inadimplente. Entretanto, somente foi focado à parte do referido trabalho que trata da evolução do termo "tributo" e sua implicação para a atitude do contribuinte.

Quadro 4 – Segregação por Categorias de Problemas de Pesquisa - Continuação

	Categoria	Referência	Objetivo/Problema de Pesquisa
E	Fidelidade de representação	C-USP (2004B)	Há relação entre as informações constantes nos relatórios anuais e as informações numéricas das demonstrações contábeis?
		RAC/C-USP (2007/2006)	Há relação entre as informações textuais contidas no Relatório da Administração e as informações numéricas das demonstrações contábeis?
		FUCAPE (2009)	Há evidências de custos políticos no *disclosure* das seções narrativas dos relatórios anuais?
		UNB (2008A)	Há evidência de gerenciamento de impressões na forma como é redigida a narrativa contábil?
F	Influência no preço das ações	UNB (2008B)	A divulgação de fatos relevantes é capaz de interferir no preço das ações?

É possível observar que há uma grande quantidade de trabalhos nos anos de 2000 e 2001 de natureza teórica, e que a partir de então houve uma grande quantidade de trabalhos empíricos que tratam a Contabilidade como uma forma de linguagem.

Não é possível dizer o grau de influência que os trabalhos teóricos tiveram para o desenvolvimento dessa linha de pesquisa nos anos seguintes, mas é fato que o artigo de Dias Filho e Nakagawa publicado na Revista de Contabilidade e Finanças, em 2001, é constantemente citado nas pesquisas realizadas a partir de então.

Outra possível explicação para a maior quantidade de publicações a partir do ano 2000 é o fato de que muitos dos periódicos e eventos nos quais os trabalhos foram procurados foram iniciados após esse ano, conforme se pode observar no Quadro 1 e no Quadro 2.

3.3 Apresentação dos trabalhos

Nesta seção são apresentados a metodologia utilizada e os resultados obtidos pelos trabalhos colhidos. Os trabalhos estão segregados pelas categorias de problemas de pesquisa elencadas na seção anterior e estão referenciados conforme a terminologia utilizada na Tabela 1.

No caso dos trabalhos teóricos, a metodologia consiste nas teorias citadas e na forma pela qual elas se relacionam com a pesquisa em Contabilidade. Quanto aos trabalhos empíricos, a metodologia enfatiza as ferramentas utilizadas para responder à questão de pesquisa.

3.3.1 A – Teórico

DIAS FILHO, J.M. (RCF 2000 e USP 2001)

Objetivo/Problema de Pesquisa: como a Teoria da Comunicação pode auxiliar no aperfeiçoamento da compreensibilidade da informação contábil?

Metodologia: uma condição básica para que haja um bom aproveitamento das informações no processo decisório é que os códigos linguísticos atualmente utilizados pela Contabilidade sejam bem compreendidos pelos usuários. Para tanto, adota-se a premissa de que o primeiro passo para o aprimoramento da comunicação contábil consiste em desenvolver metodologias adequadas para avaliar a sua compreensibilidade. Nesse contexto, é apontada a Teoria Matemática da Comunicação, desenvolvida por Shannon, como um potencial instrumento de grande valor na realização de pesquisas contábeis, não apenas em função de sua base matemática, mas principalmente pela estrutura conceitual, a partir da qual a informação é abordada como um fenômeno redutor de incertezas e dependente do estado mental do receptor.

Conclusões: da análise efetuada, conclui-se que o usuário médio das informações contábeis realmente não consegue compreender perfeitamente o significado de muitos termos utilizados pela Contabilidade. Diante disso, propõe-se a realização de pesquisas periódicas no sentido de identificar as dificuldades predominantes, de modo que a linguagem contábil se ajuste à sua capacidade de compreensão.

COLAUTO, R.D.; BEUREN, I.M. (BASE 2005)

Objetivo/Problema de Pesquisa: identificar o papel da avaliação do capital intelectual na perspectiva da tridimensionalidade da linguagem contábil.

Metodologia: entende-se que, sob o enfoque semântico de mensuração do valor real das empresas, faz-se necessária a consideração dos ativos intangíveis, entretanto não há instrumentos unânimes que permitam traduzir objetivamente o valor desses ativos. São apresentados e comparados três indicadores, considerados pioneiros, para avaliação do capital intelectual: modelo de Leif Edvinsson e Michael S. Malone, de Thomas A. Stewart e de Karl Erik Sveiby. A avaliação de ativos pode ser vista por diferentes dimensões da linguagem contábil, que deve preocupar-se com os efeitos que as palavras têm sobre os ouvintes (linguagem pragmática), com os significados das palavras (linguagem semântica) e com o sentido lógico das palavras (linguagem sintática). O conceito científico de mensuração é essencialmente de natureza semântica, uma vez que associa números a objetos ou eventos, a fim de que suas propriedades ou atributos sejam fielmente representados.

Conclusões: os indicadores para avaliação do capital intelectual tentam identificar como as ações empregadas nas empresas influenciam no valor dos ativos, uma vez que o valor de mercado de uma empresa é constituído tanto pelo patrimônio visível quanto por seus bens intangíveis, particularmente o capital intelectual. Sendo de natureza semântica, deve-se escolher o método de avaliação que reflete com maior propriedade o ativo das empresas. É importante observar que a escolha está vinculada aos objetivos das informações e às categorias de usuários.

DIAS, C.B.P.A.; NEVES, I.R.B.; OLIVEIRA. J.R.S.; MARTINEZ, A.L (C-USP 2004A)

Objetivo/Problema de Pesquisa: destacar a necessidade de reduzir os ruídos semânticos no processo de comunicação contábil.

Metodologia: a Contabilidade, considerada pela Teoria da Comunicação como Sistema de Informações da entidade, deve refletir com a máxima clareza todas as informações necessárias aos seus usuários, a fim de que possa cumprir adequadamente o seu papel na produção de informações e comunicação delas. Entre os ruídos que dificultam esse processo de comunicação, e por consequência a tomada de decisão dos usuários dessas informações, estão: terminologia contábil inadequada (excessivamente técnica), a quantidade de informação divulgada (excesso ou insuficiência), a falta de capacidade de entendimento por parte dos usuários e o uso de expressões e termos em outros idiomas (estrangeirismos). A identificação dos usuários (interno ou externo) e a definição do seu nível de conhecimento

(especialista ou leigo) podem auxiliar na identificação de medidas a serem tomadas para que as informações contábeis sejam utilizadas adequadamente.

Conclusões: para que o processo de comunicação entre a Contabilidade e os seus usuários seja mais adequado, a linguagem contábil utilizada ainda necessita de maior clareza para que as informações possam ser, tendo em vista o grau de entendimento dos usuários, transmitidas de forma mais transparente. As características qualitativas da informação contábil recomendadas pelo Grupo de Empresas Transnacionais da ONU servem de parâmetro para que a informação transmitida chegue ao usuário de forma compreensível, possa ser comparada, seja confiável e, principalmente, relevante para subsidiar as decisões.

NAKAGAWA, M.; LISBOA, N.P.; IKEDA, R.H. (CBC 2000)

Objetivo/Problema de Pesquisa: discutir a mensuração dos ativos e passivos pelo seu *fair value* sob o enfoque da teoria semiótica.

Metodologia: o trabalho tem fundamento na premissa de que a Contabilidade é um sistema de informações, cuja finalidade principal é prover os usuários das demonstrações elaboradas com informações que lhes apoiem nos processos de tomada de decisões. De acordo com o princípio contábil da essência sobre a forma, a Contabilidade deve preocupar-se prioritariamente com o *disclosure* da essência econômica do patrimônio, pois apenas nesse sentido é que a Contabilidade será capaz de atingir o seu objetivo, transparecendo o *true and fair view* do patrimônio das entidades. Considerando que as demonstrações contábeis devem fornecer um retrato econômico fiel à situação patrimonial das entidades, a Contabilidade há de se preocupar fundamentalmente com o conteúdo delas, ou seja, não se preocupa apenas em identificar se determinada informação é relevante ou não, se é classificada de um modo ou de outro, mas, principalmente, se preocupa com a qualidade das informações prestadas aos usuários, buscando assegurar que as expressões monetárias constantes nas referidas demonstrações expressem adequadamente a situação econômico-patrimonial das entidades contábeis. A importância da utilização do *fair value* reside, primeiramente, no fato de se possibilitar à Contabilidade basear-se no conceito de valor para suas avaliações.

Conclusões: a utilização do *fair value accounting* caminha no sentido de atender melhor o objetivo da Contabilidade, que consiste em bem informar os usuários, relativamente ao fiel

retrato da situação patrimonial das entidades, bem como possibilitar projeções futuras, permitindo suprir as necessidades dos usuários das demonstrações contábeis. A utilização do *fair value* na Contabilidade é de importância fundamental, seja sob o aspecto sintático, semântico ou pragmático, pois fornece subsídios para uma melhor compreensão do valor econômico dos elementos patrimoniais.

DIAS FILHO, J.M.; NAKAGAWA, M. (CBC 2000, RCF 2001 e USP 2001)

Objetivo/Problema de Pesquisa: sugerir a utilização de conceitos da Teoria da Comunicação para solução de problemas semânticos.

Metodologia: a literatura revela que a preocupação com o aspecto da compreensibilidade na área contábil não é nova, mas nota-se que ela vem aumentando na medida em que o leque de usuários das informações contábeis se amplia. Tomando por base a literatura corrente e alguns resultados de pesquisas, levanta-se a hipótese de que muitos termos empregados nas demonstrações contábeis não são compreendidos por seus destinatários ou são interpretados de maneira diferente da que se pretendia. Alega-se que uma das prováveis causas desse desencontro entre significados pretendidos e alcançados não reside apenas no uso de termos eminentemente técnicos, mas também no hábito de os contadores atribuírem significados técnicos a palavras que são utilizadas com sentido diferente na linguagem comum. Num processo de comunicação, o problema semântico diz respeito à distância existente entre o significado que um emissor pretende transmitir através de determinado código e a interpretação que o receptor atribui à mensagem recebida. Diante disso, e considerando que a Contabilidade caracteriza-se como um processo de comunicação, propõe-se a utilização de conceitos da Teoria da Comunicação para desenvolver e aprimorar metodologias que permitam ajustar a terminologia utilizada na evidenciação contábil às características e necessidades de seus usuários.

Conclusões: para corrigir os problemas relacionados com a compreensibilidade das informações contábeis, propõe-se a realização de pesquisas periódicas no sentido de levantar as características médias de estratos de usuários, a fim de identificar eventuais dificuldades e elementos significativos que devem ser considerados no uso da terminologia contábil. Um possível passo inicial é verificar se tais usuários atribuem às informações o mesmo significado que os contadores pretendem transmitir com a terminologia atual.

DIAS FILHO, J.M.; NAKAGAWA, M. (ENANPAD 2002)

Objetivo/Problema de Pesquisa: propor uma análise tridimensional de balanço para decisões de crédito.

Metodologia: partindo do princípio de que a análise de balanços necessária à otimização de decisões de crédito não pode se limitar à simples extração de índices dos relatórios contábeis, procura-se demonstrar em que medida a teoria semiótica pode contribuir para a formulação de diagnósticos mais qualificados sobre a situação econômico-financeira das entidades. Num processo de intermediação financeira, o analista deve procurar desvendar o verdadeiro significado dos números, ler nas entrelinhas e, principalmente, olhar para as demonstrações contábeis e procurar enxergar nelas a essência dos eventos econômicos que buscam representar. Isso implica analisar as informações contábeis sob os aspectos sintático, semântico e pragmático. Como a Semiótica estuda todas as linguagens sob tais dimensões e considerando ser a Contabilidade uma espécie de linguagem, sugere-se que o conhecimento semiótico pode contribuir para aprimorar procedimentos de análise de balanços.

Conclusões: ao nível sintático, o objetivo da análise é verificar se tais informações obedecem a um conjunto de regras significativas, de modo que o usuário das demonstrações contábeis possa compreender o seu sentido e suas limitações. Do ponto de vista semântico, espera-se que as descrições alfanuméricas dos eventos retratados nas demonstrações contábeis guardem correspondência com a realidade. Do ponto de vista pragmático é preciso verificar se existe compatibilidade entre as demonstrações contábeis e os objetivos a que se destinam. Não adianta, pois, utilizar índices deste ou daquele tipo se eles não resultam de dados afinados com os objetivos dos usuários.

3.3.2 B – Compreensão de termos técnicos

PANHOCA, L.; NAKAGAWA, M.; ACCIOLY JR, H.; SILVA, O.M.P. (RCF 2004)

Objetivo/Problema de Pesquisa: como os universitários da área econômica e financeira entendem os termos Contabilidade, custos e investimento?

Metodologia: sob a perspectiva da Teoria das Representações Sociais, que pode ser entendida como assertivas do senso comum que se elaboram coletivamente nas interações sociais, foram coletados 566 depoimentos de estudantes da área econômica/financeira de diversas regiões do Brasil sobre o que eles entendiam por Contabilidade, investimento e custos. Para a análise quantitativa dos dados textuais foi utilizado um *software* denominado ALCESTE (análise lexical por contexto de um conjunto de segmentos de texto). O procedimento realizado é, basicamente, agrupar as ocorrências das palavras em função de suas raízes e realizar o cálculo de suas respectivas frequências, para posteriormente agrupá-las em classes (*cluster*) homogêneas. Essas classes, compostas de vários segmentos de texto que têm vocábulo semelhante, são consideradas indicadores de diferentes noções, conceitos sobre o signo (termo) questionado, ou seja, representações sociais dos termos empregados.

Conclusões: do tratamento quantitativo foram geradas quatro classes. A primeira classe, predominada por alunos de Administração, Marketing e Pós-Graduados, demonstra relacionar os termos à gestão; a segunda classe, predominada por alunos de Ciências Contábeis, relaciona os termos ao operacional; a terceira classe, predominada por alunos dos terceiro e quarto anos de Gestão Empresarial, relaciona os termos ao método contábil; e a quarta classe, predominada por alunos dos primeiros anos de Gesta da Informação, relaciona os termos à fenomenologia contábil. Embora esses quatro aspectos estejam na epistemologia da Contabilidade, parecem valorizados de maneira distinta para os grupos.

OLIVEIRA, A.M. (C-USP 2005)

Objetivo/Problema de Pesquisa: os usuários externos compreendem os termos utilizados nas demonstrações contábeis emitidas pela Administração Pública?

Metodologia: foram distribuídos 50 questionários (resultando num total de 28 respondentes) ao corpo docente do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Feira de Santana, formulados com 15 questões de respostas de múltiplas escolhas, e todas contendo terminologias provenientes das demonstrações contábeis apresentadas pelos entes federativos brasileiros (Balanço Orçamentário, Balanço Financeiro, Balanço Patrimonial e Demonstrações das Variações Patrimoniais). Foram obtidas respostas de professores da área

de administração, Contabilidade, Direito e Economia, e 60% afirmam já ter trabalhado na área governamental.

Conclusões: Os docentes com maior média de acertos foram aqueles que atuavam na área de contábeis: 10,75% de acertos; seguidos pelos de administração: 9% de acertos; economia: 8,86% de acertos; e por fim de direito: 8,40% de acertos. O que indica uma baixa compreensibilidade dos termos utilizados nas demonstrações contábeis apresentadas pelos entes públicos. As terminologias que apresentam índices de incompreensibilidade ou desconhecimentos dos significados semânticos superiores a 50% foram: Receita Extraorçamentária; Dívida Fundada; Ativo Permanente; Passivo Real a Descoberto; Passivo Financeiro e Dívida Flutuante.

SILVA, B.G. (USP 1994)

Objetivo/Problema de Pesquisa: os usuários das demonstrações contábeis compreendem o significado dos termos utilizados nesses relatórios?

Metodologia: foi realizada uma pesquisa com administradores da região da Grande São Paulo por meio de um questionário de múltipla escolha com o objetivo de avaliar se esses usuários compreendem alguns termos utilizados nas demonstrações contábeis (provisão para devedores duvidosos, depreciação, reserva de capital etc.) e se utilizam essa informação na sua rotina de trabalho, isto é, o nível de aproveitamento da informação gerada pela Contabilidade.

Conclusões: os respondentes não compreendem o significado da maioria dos termos utilizados, além disso, 48% dos pesquisados declararam desconhecer algumas palavras utilizadas pela Contabilidade. Cabe ressaltar que 90,8% da população pesquisada possuía formação superior, e 62,6% eram oriundos dos cursos de Economia, Administração e Contabilidade. Com relação ao aproveitamento da informação contábil, 35% responderam que a Contabilidade não oferece relatórios que lhes auxiliam a desempenhar melhor sua função.

3.3.3 C – Evolução dos significados

DIAS FILHO, J.M. (USP 2003)

Objetivo/Problema de Pesquisa: como o conceito de tributo/tributação evoluiu ao longo do tempo no imaginário popular de modo a interferir na capacidade da arrecadação governamental?

Metodologia: examinaram-se as razões pelas quais o tributo acabou assumindo significados incompatíveis com a ideia de que ele é um instrumento de construção da cidadania. Parte-se do princípio de que a percepção dos fenômenos atuais é influenciada pela história, pela cultura e pelas experiências passadas. A história da atividade tributária mostra que, desde a sua origem, o tributo esteve associado à ideia de sofrimento e algo repulsivo para o contribuinte, suas primeiras manifestações identificavam-se com a transferência de bens dos vencidos de guerra; na Idade Média parte da produção dos súditos era subtraída pelo Estado de forma violenta, e a arrecadação era canalizada para o sustento de regalias governamentais e para a manutenção de exércitos; na Bíblia a referência aos cobradores de impostos deixa claro que eles simbolizavam o que havia de mais abominável para a comunidade judaica. Da mesma forma, a história apresenta diversos episódios em que a atividade tributária tem atuado como causa de conflitos. No Brasil, desde o descobrimento o tributo já nasceu com o sentido de autoritarismo e astúcia do poder arrecadador.

Conclusões: verifica-se que o processo de legitimação social das instituições tributárias implica em construir uma nova imagem para tributação, não artificialmente, mas procurando distanciá-la de símbolos a que esteve associada ao longo da história, tais como violência, perdas, sofrimentos, guerras e outros do gênero. Diante disso, o autor coloca que a eficácia do sistema tributário não depende apenas de seus mecanismos legais, mas também da capacidade de o Estado arrecadar de maneira justa e com respeito à cidadania.

3.3.4 D – Compreensibilidade de relatórios

SILVA, C.A.T.; FERNANDES, J.L.T. (RAC-E 2009)

Objetivo/Problema de Pesquisa: qual o nível de complexidade/dificuldade da legibilidade dos fatos relevantes de empresas de capital aberto?

Metodologia: o trabalho é elaborado com o pressuposto de que grupos de usuários com diferentes níveis de sofisticação do conhecimento contábil sentirão dificuldades diferentes no processamento das mensagens. Sendo assim, 4.533 fatos relevantes divulgados entre 2002 e 2006 foram examinados com o método de legibilidade de Flesch. De acordo com esse método, a legibilidade está relacionada com a facilidade de leitura de um texto, que pode ser expressa por variáveis como quantidade de sílabas por palavra e quantidade de palavras por sentença. Através da aplicação de uma fórmula, é possível classificar um texto de muito fácil (comparado a um texto do Ensino Fundamental) a muito difícil (comparado a um texto acadêmico).

Conclusões: o intervalo de legibilidade variou de zero (muito difícil) a 90 (muito fácil), entretanto há uma maior concentração nos tipos difícil ou muito difícil. Um teste de média mostrou que a legibilidade diminuiu ao longo dos anos. No ano de 2005 a leitura foi considerada, em média, muito difícil. Quando analisada a legibilidade de assuntos específicos, verificou-se que informações sobre lucro, prejuízo e proventos em dinheiro tinham legibilidade mais fácil.

PEREIRA, C.C.; FRAGOSO, A.R.; RIBEIRO FILHO, J.F. (C-USP 2004C)

Objetivo/Problema de Pesquisa: as representações gráficas auxiliam a compreensibilidade no processo de evidenciação contábil?

Metodologia: a pesquisa foi desenvolvida através de um questionário aplicado a profissionais que atuam em diversos ramos, mas que utilizam informações contábeis em suas atividades para processo de tomada de decisão. Foram realizadas questões que tratavam sobre locais onde são elaborados os demonstrativos contábeis (se na própria organização ou por empresas terceirizadas), como são utilizados e avaliados no processo de tomada de decisão, bem como a

percepção dos entrevistados à apresentação das demonstrações contábeis através de representações gráficas. Foram apresentados, aos entrevistados, um Balanço Patrimonial e uma Demonstração de Resultados fictícia e, ao lado, as mesmas informações apresentadas na forma de gráficos.

Conclusões: a maior parte dos entrevistados considerou que a representação gráfica melhora muito a compreensão das informações contábeis, principalmente no que concerne à facilidade de visualização das variações de valores. Foi sugerido pelos respondentes que os gráficos sejam apresentados conjuntamente com os Demonstrativos Contábeis usuais, o que reforça a ideia de que a representação gráfica seja considerada apenas como recurso "complementar" às demonstrações contábeis. Também foi possível identificar que existe uma melhor avaliação, pelos entrevistados, das informações disponibilizadas nos demonstrativos contábeis quando estes são elaborados na própria empresa.

NOGUEIRA, M. F.; WEFFORT, E. F. J; ANTUNES, J.; PEREIRA, A. C. (ENANPAD 2008 e FECAP 2006)

Objetivo/Problema de Pesquisa: há ruídos no processo de comunicação pericial judicial que comprometem a qualidade da informação transmitida pelo laudo pericial judicial?

Metodologia: foram entrevistados um total de 50 magistrados, advogados e peritos na cidade de Florianópolis por meio de questionários com perguntas fechadas (utilização de escala Likert) e perguntas abertas. O questionário envolveu questões que abordavam as expectativas e comportamento dos respondentes a respeito do escopo, método, informação, conclusão e apresentação do laudo pericial judicial. Para análise das questões fechadas, foram utilizados os testes não paramétricos Mann-Whitney e Kruskall-Wallis (para verificar se existem diferenças significativas entre as respostas dos três grupos de profissionais entrevistados), análise fatorial (com o objetivo de reduzir as 31 questões fechadas a poucos fatores, que indicariam os pontos importantes a serem analisados) e análise discriminante (com o objetivo de verificar se os três grupos de respondentes podem ser unidos de acordo com as questões respondidas). As questões abertas foram tratadas por técnica de análise de conteúdo, na qual foram realizadas inferências através da análise da frequência com que termos surgiram nas respostas coletadas.

Conclusões: verificou-se que os laudos apresentam boa qualidade, mas os usuários dessa informação (advogados e magistrados) reclamam maior clareza e didática nos trabalhos periciais. Já os peritos dizem que prestam as informações com a maior qualidade possível. Essa divergência de opiniões pode ser explicada pela diferença de repertório entre remetentes (peritos contadores) e destinatários (magistrados e advogados). Observou-se maior alinhamento entre as respostas dos advogados e magistrados do que as respostas dos peritos, sendo outro indicativo de repertório comum dos dois primeiros grupos. Foram obtidos três fatores que merecem atenção em pesquisas futuras, sendo procedimentos adotados pelos peritos, metodologia empregada na atividade pericial e a fundamentação da decisão do magistrado acerca da conclusão da perícia.

3.3.5 E – Fidelidade de representação

SILVA, C.A.T.; RODRIGUES, F.F.; (ABREU, R.L.) (C-USP 2006 e RAC 2007)

Objetivo/Problema de Pesquisa: há relação entre as informações textuais contidas no Relatório da Administração e as informações numéricas das demonstrações contábeis?

Metodologia: utilizou-se a técnica de Análise de Conteúdo e regressão por mínimos quadrados ordinários (OLS) de maneira a verificar quais variáveis de desempenho financeiro das empresas influenciam ou explicam as informações prestadas no Relatório da Administração (RA). Três grupos de variáveis foram utilizados: (i) Análise quantitativa do RA: *proxies* do volume de informação do RA, como quantidade de letras, palavras, frases, gráficos e tabelas; (ii) Análise qualitativa do RA: cada frase recebeu duas classificações, uma quanto ao grau de otimismo (otimista, pessimista ou neutra) e outra quanto ao assunto; (iii) Desempenho financeiro: *proxies* extraídas do Balanço Patrimonial e Demonstração do Resultado, como ativo total, lucro líquido, liquidez, endividamento. Foram elaboradas no total dez hipóteses, e, portanto, dez regressões com o objetivo de investigar a questão de pesquisa.

Conclusões: observou-se a existência de certo viés nas informações divulgadas no Relatório da Administração. Relatórios pessimistas apresentam mais frases sobre o cenário econômico; relatórios otimistas utilizam mais frases sobre o desempenho; relatórios otimistas apresentam mais frases sobre reforma da administração; empresas com problemas tendem a apresentar

mais frases sobre perspectivas futuras; empresas com dificuldades utilizam mais frases sobre a conjuntura econômica; empresas que apresentam crescimento no ativo possuem relatórios mais extensos, por outro lado, o aumento no lucro provoca uma redução no relatório; o pessimismo do relatório está relacionado com uma entidade que possui ativo e patrimônio líquido menores que no passado.

MORAES, M.B.C.; NAGANO, M.S.; MERLO, E.M. (C-USP 2004B)

Objetivo/Problema de Pesquisa: há relação entre as informações constantes nos relatórios anuais e as informações numéricas das demonstrações contábeis?

Metodologia: sob a premissa de que a informação numérica das demonstrações contábeis não possui viés, de forma que possa ser utilizada como parâmetro, é utilizado um modelo auto-organizado de neurônios artificiais a fim de verificar se as informações numéricas (demonstrações contábeis) e textuais (relatórios anuais) de empresas do setor farmacêutico dos Estados Unidos, nos anos 2000, 2001 e 2002, geram um padrão semelhante de agrupamento de empresas. Essa técnica possibilita agrupar, de forma não linear, empresas entre diversos grupos que apresentem características similares. Em outras palavras, sendo cada informação numérica ou textual uma variável, o modelo neural é capaz de dividir empresas em grupos distintos em que cada grupo apresenta características comuns entre seus membros e distintas das demais. A lógica do estudo é verificar se o agrupamento de empresas segundo as informações numéricas coincide com o agrupamento das mesmas empresas segundo as informações textuais.

Conclusões: os resultados indicam baixa relação entre a informação financeira e textual observada. No ano de 2002, apenas 23,53% das empresas foram agrupadas textualmente no mesmo agrupamento a que correspondiam numericamente. Esse percentual foi maior nos anos de 2000 e 2001, aproximadamente 42%. Entretanto, quando analisada a evolução histórica das empresas, é possível observar uma alta coesão da continuidade da informação tanto financeira quanto textual.

CUNHA, R. K.C. (UNB 2008A)

Objetivo/Problema de Pesquisa: há evidência de gerenciamento de impressões na forma como é redigida a narrativa contábil?

Metodologia: foram analisadas as Notas Explicativas e Relatórios da Administração de empresas listadas na Bovespa. A fórmula de Flesch foi utilizada para a verificação do grau de facilidade de leitura, através do número de sílabas e o tamanho de sentença, dissociado da ideia de conteúdo ou coerência. O tamanho das sentenças busca medir a dificuldade sintática do texto - sua complexidade gramatical e o número de sílabas dispõe-se a medir a dificuldade semântica. Para testar a influência do desempenho da empresa no grau de facilidade de leitura dos relatórios estudados, foi utilizada a técnica de regressão logística. Para testar a influência da persistência dos resultados no grau de facilidade de leitura dos relatórios, foi utilizada a técnica de análise discriminante.

Conclusões: os resultados encontrados sugerem que há fracas evidências de relação entre a variação anual do lucro, receita, ativo e preço da ação e a variação da facilidade de leitura dos textos analisados. Foi encontrada evidência de que quanto maior for a persistência do aumento do valor do ativo, maior será a persistência no aumento do grau de facilidade de leitura, ou seja, empresas com crescimento ao longo do tempo melhoram a facilidade de leitura. Há evidências de gerenciamento de impressões diferentes para empresas com tamanhos diferentes.

RIBEIRO, J. F. (FUCAPE 2009)

Objetivo/Problema de Pesquisa: há evidências de custos políticos no *disclosure* das seções narrativas dos relatórios anuais?

Metodologia: partiu-se do pressuposto de que uma combinação de elevado desempenho com altos custos políticos motivaria a empresa a adotar procedimentos para atenuar os danos a sua imagem, o que incluiria as escolhas linguísticas em seus relatórios anuais. Adotou-se a perspectiva teórico-metodológica da Gramática Funcional para investigar as mensagens da administração e os sumários executivos contidos nas seções narrativas dos relatórios anuais da Aracruz Celulose, de 1998 a 2007. A escolha da empresa foi motivada pelo seu histórico de

ganhos elevados e adoção de políticas voluntárias de divulgação financeira, além de custos políticos elevados relacionados a questões ambientais e a conflitos de demarcação de terras indígenas.

Conclusões: os dados indicam a tentativa da empresa em priorizar e enfatizar sua identidade institucional ao intensificar, circunstanciar e reforçar suas atitudes, em vez de apenas informar as suas realizações ou seus planos. A despeito do gerenciamento da imagem da empresa, no eixo temático das mensagens relacionadas aos conflitos com as comunidades indígenas, foi notória a intenção de expor o seu ponto de vista institucional, impondo ao leitor seu modo particular de perceber os fatos, deixando de lado a neutralidade desejável no compromisso informacional dos relatórios anuais.

3.3.6 F – Influência no preço das ações

FELIPE, E.S. (UNB 2008B)

Objetivo/Problema de Pesquisa: a divulgação de fatos relevantes é capaz de interferir no preço das ações?

Metodologia: como os fatos relevantes costumam apresentar-se sob a forma de narrativa, sem um formato preestabelecido, e não sofrem auditoria, é possível questionar se a linguagem utilizada nessas divulgações é capaz de interferir no valor das ações em negociação. Os fatos relevantes divulgados em 2006 e 2007 foram classificados, subjetivamente, em otimistas, pessimistas ou neutros, de acordo com a linguagem empregada em suas narrativas. Para investigar a possível influência no preço das ações, empregou-se a metodologia de estudo de eventos. Os fatos relevantes foram classificados com base nas palavras empregadas e não numa análise de conteúdo, de forma que foram desconsiderados o conteúdo e a significação geral das divulgações, e apenas a ênfase positiva ou negativa do texto será considerada para fins de classificação.

Conclusões: o bservou-se uma tendência geral ao decréscimo no retorno anormal de companhias após a divulgação de fatos pessimistas, enquanto os retornos anormais ligados a fatos otimistas apresentaram variações pouco significativas, o que indica certo

conservadorismo do mercado financeiro. No entanto, as variáveis não se comportaram de modo uniforme durante os dois anos analisados, o que deixa claro que o comportamento do mercado financeiro não pode ser atribuído unicamente à reação à linguagem utilizada nos fatos relevantes.

4 ANÁLISE DOS TRABALHOS COLETADOS

Esta seção sintetiza o estado da arte das pesquisas brasileiras em Contabilidade com abordagem em teorias semióticas e da comunicação. Serão expostos os problemas de pesquisa estudados com suas respectivas conclusões, as metodologias que foram empregadas para abordar tais problemas de pesquisa, e em que nível as teorias semióticas e da comunicação foram utilizadas pelos trabalhos.

Adicionalmente, são apresentadas algumas conclusões de estudos internacionais, principalmente dos *reviews* realizados por Jones e Shoemaker (1994) e Stanton e Stanton (2002), com o objetivo de adicionar mais evidências, comparar e complementar os estudos nacionais. Entretanto, este trabalho não teve como objetivo realizar um *review* de estudos internacionais, e eles têm apenas função complementar e ilustrativa.

Por fim, são comentados alguns aspectos que possam indicar tendências, alternativas ou oportunidades de pesquisas nesse campo de estudo.

4.1 Conclusões obtidas

Conforme visto anteriormente, os trabalhos coletados foram divididos em seis grupos de acordo com o problema de pesquisa: “teórico”, “compreensão de termos técnicos”, “evolução dos significados”, “compreensibilidade de relatórios”, “fidelidade de representação” e “influência no preço das ações”.

Os trabalhos “teóricos”, de modo geral, apontam a importância da utilização da teoria semiótica (de forma quase unânime da estrutura proposta por Charles Morris) e da teoria da comunicação para que a Contabilidade atinja seus objetivos. Normalmente esses estudos utilizam essas teorias para situar algumas características qualitativas da informação contábil no processo de comunicação, destacando sua importância. Dentre essas características, as mais referenciadas são a compreensibilidade associada ao nível de sofisticação do usuário (DIAS FILHO, 2000; DIAS *et al*, 2004; DIAS FILHO, 2001; DIAS FILHO; NAKAGAWA,

2001) e a fidelidade de representação (*true and fair view*) associada a relevância (DIAS *et al*, 2004; NAKAGAWA *et al*, 2000; COLAUTO; BEUREN, 2005[12]).

Com relação à compreensibilidade, Dias *et al* (2004) elencam alguns ruídos que dificultam o processo de comunicação, como terminologia contábil inadequada, quantidade de informação divulgada, falta de capacidade de entendimento por parte dos usuários e uso de expressões e termos em outros idiomas.

A questão da utilização de terminologia inadequada refere-se ao fato de os contadores atribuírem significados extremamente técnicos, inclusive a palavras que são utilizadas com sentido diferente da linguagem comum, amplamente discutida por Dias Filho (2000), Dias Filho (2001) e Dias Filho e Nakagawa (2001). Esses trabalhos se apoiam na premissa de que uma condição básica para que haja um bom aproveitamento das informações no processo decisório é que os códigos linguísticos utilizados pela Contabilidade sejam bem compreendidos pelos seus usuários. Nesse sentido, os autores enfatizam o estudo do problema semântico, proposto teoricamente por Shannon e Weaver (1946), que trata da distância existente entre o significado que um emissor pretende transmitir através de determinado código e a interpretação que o receptor atribui à mensagem recebida. Sendo assim, é apontada a necessidade de se desenvolverem metodologias adequadas para avaliar a compreensibilidade, sendo então proposta a realização de pesquisas periódicas no sentido de identificar dificuldades predominantes no processo de comunicação contábil para que sua linguagem se ajuste à capacidade de compreensão dos usuários.

Ainda no contexto da compreensibilidade, os trabalhos destacaram a necessidade da identificação do usuário e do seu nível de conhecimento, acompanhando a abordagem internacional das características qualitativas em que:

> [...] presume-se que os usuários tenham um conhecimento razoável dos negócios, atividades econômicas e Contabilidade e a disposição de estudar as informações com razoável diligência. Todavia, informações sobre assuntos complexos que devam ser incluídas nas demonstrações contábeis por causa da sua relevância para as necessidades de tomada de decisão pelos usuários não devem ser excluídas em nenhuma hipótese, inclusive sob o pretexto de que seria difícil para certos usuários as entenderem. (CPC, 2008:10).

Corroborando a relação entre o nível de conhecimento do usuário e a compreensibilidade dos relatórios contábeis, Smith e Taffler (1992) encontraram evidências na Inglaterra de que

[12] Ainda que não explicitamente, Colauto e Beuren (2005) tratam da fidelidade de representação ao exprimir que "deve-se escolher o método de avaliação que reflete com maior propriedade o ativo da empresa".

contadores que atuavam em uma "*Big 8*" apresentaram maior compreensibilidade de relatórios da administração do que estudantes de contabilidade. Adelberg (1979) também encontrou evidências de que o grau de compreensibilidade de narrativas contábeis varia em diferentes classes de usuários, ao realizar pesquisas com *Certified Public Accounntants, Chartered Financial Analysts* e *Commercial Bank Loan Officer Trainees*.

Com relação à fidelidade de representação, Colauto e Beuren (2005) entendem que, sob o enfoque semântico, a mensuração do valor real das empresas deve considerar os ativos intangíveis e que se deve escolher um método de avaliação que reflete com maior propriedade o valor desses ativos, considerando os objetivos e categorias de usuários que utilizarão essas informações.

Nakagawa *et al* (2000) apontam que, de acordo com o princípio da essência sobre a forma, a Contabilidade deve preocupar-se prioritariamente com o *disclosure* da essência econômica do patrimônio, isto é, as demonstrações contábeis devem fornecer um retrato econômico fiel à situação patrimonial das entidades. Nesse contexto, a importância do *fair value* reside no fato de possibilitar a evidenciação do fiel retrato da situação patrimonial das entidades.

Num tom um pouco diferente dos demais trabalhos categorizados como "teóricos", Dias Filho e Nakagawa (2002) sugerem que o conhecimento semiótico pode contribuir para aprimorar procedimentos de análise de balanço. De modo que a teoria semiótica (no caso utilizam a abordagem sugerida por Charles Morris) pode contribuir para a formulação de diagnósticos mais qualificados sobre a situação econômico-financeira da entidade.

Os trabalhos que tratam da "compreensão de termos técnicos" focaram usuários diversos da informação contábil. Silva (1994) constatou que administradores da região da Grande São Paulo de forma geral não compreendem alguns termos técnicos frequentemente utilizados nas demonstrações contábeis. Oliveira (2005) verificou uma baixa compreensibilidade por parte do corpo docente do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Feira de Santana de termos utilizados nas demonstrações contábeis apresentadas pelos entes públicos. Por fim, Panhoca *et al* (2004) observaram que alunos de administração, marketing ciências contábeis, gestão empresarial e gestão da informação valorizam de maneira distinta aspectos dos conceitos dos termos "Contabilidade", "custo" e "investimento"; os dois primeiros grupos de estudantes focam o aspecto da gestão, o terceiro

grupo foca o aspecto operacional, o quarto grupo o método contábil e o quinto grupo a fenomenologia contábil.

Os resultados de Oliver (1974) mostram, apesar da classe de usuários não ser a mesma, um grau de congruência dos achados "brasileiros" de Panhoca *et al* (2004), com os achados dos Estados Unidos. Oliver (1974) verificou uma inconsistência entre a percepção que os professores de contabilidade têm a respeito de conceitos contábeis e a percepção de outras seis classes de profissionais que atuam na área contábil: AICPA, *American Institute of Certified Public Accountants;* FAF, *Financial Analysis Federation;* NASD, *National Association of Securities Dealers;* CFE, *Corporate Financial Executives;* IBA, *Invesment Bankers's Association;* ABA, *American Banking Association*.

Com relação à compreensão de termos técnicos dentro do contexto do problema semântico (distância existente entre o significado que um emissor pretende transmitir e a interpretação que o receptor atribui à mensagem recebida), observaram-se evidências internacionais contraditórias. Enquanto o estudo de Haried (1973) mostrou que não há grandes diferenças entre o significado atribuído a termos contábeis pelos preparadores e usuários dessa informação.

Uma série de pesquisas que investigaram a compreensibilidade do significado das mensagens contábeis, levantadas por Riahi Belakaoui (1995:24), mostra evidências de falta de compreensão de mensagens contábeis ou de compreensão distinta entre diferentes grupos de usuários. Resultados esses que acompanham os achados encontrados nos estudos brasileiros.

O único trabalho categorizado por tratar da "evolução dos significados" é de Dias Filho (2003). O trabalho constatou que o conceito de tributo ou tributação sempre esteve associado ao longo da história mundial e brasileira à ideia de sofrimento e algo repulsivo para o contribuinte, no sentido de representar autoritarismo e astúcia do poder arrecadador, de modo que, atualmente, o contribuinte possa visualizar o tributo como um simples dever e não como um instrumento de promoção à cidadania, tendo, portanto, mais incentivos para evitá-lo. Sendo assim, para que as instituições tributárias construam uma nova imagem para a tributação, um processo de legitimação social é necessário para diferenciá-la de símbolos a que esteve associada ao longo da história.

Nos trabalhos categorizados como de "compreensibilidade de relatórios", Silva e Fernandes (2009) constataram que a dificuldade de legibilidade dos fatos relevantes de empresas de capital aberto pode ser considerada difícil, e aumentou ao longo dos anos pesquisados. Também foi observado que o nível de legibilidade varia conforme o assunto tratado no documento.

O *review* realizado por Jones e Shoemaker (1994)[13] aponta resultados similares aos de Silva e Fernandes (2009), tanto na dificuldade de leitura das narrativas contábeis como no fato de ela aumentar ao longo dos anos. Com relação a algumas partes dos relatórios serem mais difíceis de ler do que outras, o *survey* encontrou resultados inconclusivos.

Stanton e Stanton (2002) e Riahi-Belakoui (1995:24) também encontraram trabalhos que indicam que os relatórios anuais da administração são muito difíceis para o usuário médio ler (e compreender).

Nogueira *et al* (2008) observaram que advogados e magistrados requerem maior clareza e didática dos laudos pericias realizados por contadores, e a divergência de opinião entre os profissionais envolvidos acerca dos laudos pode decorrer de suas diferentes formações.

Pereira *et al* (2004), estudando as compreensão dos relatórios sob outra perspectiva, verificaram que a representação gráfica melhora a compreensão das informações contábeis, principalmente na visualização de variações de valores, além disso, identificaram que existe uma melhor avaliação das informações disponibilizadas nos demonstrativos contábeis quando esses são elaborados na própria empresa.

A maior concentração de trabalhos empíricos está na categoria de pesquisas relacionadas com a "fidelidade de representação". Somente o estudo de Cunha (2008) não encontra evidência de gerenciamento de impressões na forma como é redigida a narrativa contábil. O autor não constatou relação entre a variação de variáveis contábeis como lucro, receita, ativo e preço da ação e a variação da legibilidade das Notas Explicativas e dos Relatórios da Administração analisados. Entretanto, o trabalho verificou que empresas com crescimento consistente ao longo do tempo apresentam um aumento da facilidade de leitura dos relatórios analisados, o que indica que a legibilidade varia conforme o porte da empresa.

[13] Vale citar que o *review* de Jones e Shoemaker (1994) abrange estudos desde a década de 1970.

Na mesma “linha de resultado” de Cunha (2008), o *review* de Jones e Shoemaker (1994) cita estudos que não encontraram relação entre a legibilidade e a presença de auditor independente, redução no lucro, aumento de risco e desempenho ruim. Outros trabalhos do *review* encontraram alguma relação da legibilidade com as vendas (relação negativa num sentido contrário a que Cunha (2008) havia encontrado para o crescimento da empresa), retorno sobre o patrimônio líquido (relação positiva), empresas em processo de falência (relação negativa) e “bom ou mau” desempenho (relação negativa, quanto melhor o desempenho menor a dificuldade de leitura).

Stanton e Stanton (2002) também encontraram estudos cujos resultados indicam que empresas que apresentam bom desempenho produzem relatórios mais fáceis de ler do que empresas que apresentam um mau desempenho.

Silva, Rodrigues e Abreu (2007) observaram que os Relatórios da Administração pessimistas e empresas com dificuldades apresentam mais frases sobre o cenário econômico, enquanto os relatórios otimistas apresentam mais frases sobre o desempenho e reformas na administração. Foram encontradas também escolhas na forma de redigir os Relatórios de Administração em empresas com problemas e com crescimento do ativo total e do lucro.

O viés encontrado por Silva, Rodrigues e Abreu (2007), de que as narrativas contábeis atribuem fatos negativos a causas externas ou ambientais e atributos favoráveis a causas internas, foi encontrado também nos trabalhos levantados por Stanton e Stanton (2002). Esses trabalhos também sugerem evidências de que desempenhos negativos costumam ser explicados nas narrativas por variáveis contábeis, enquanto desempenhos positivos costumam ser explicados em termos de causa-e-efeito de ações da administração.

Ribeiro (2009) verificou que os Relatórios Anuais da empresa Aracruz Celulose não apresentam o fato de que a empresa foi alvo de conflitos com comunidades indígenas de forma neutra. Observou-se que os relatórios não se limitam a informar as realizações e planos empresariais, mas procuram também enfatizar a identidade institucional da empresa e reforçar suas atitudes, impondo ao leitor seu modo particular de perceber os fatos.

O estudo de Ribeiro (2009) está alinhado com o que Stanton e Stanton (2002) classificaram como perspectiva da legitimação, que propõe que as empresas são controladas pelos interesses da sociedade, de forma que os relatórios narrativos são utilizados para mostrar uma congruência entre as atitudes da empresa e os valores da sociedade.

Os estudos coletados por Stanton e Stanton (2002) mostram que os *disclosures* narrativos, tanto voluntários como obrigatórios, relacionados com questões ambientais estão crescendo de tamanho. Apesar de as questões ambientais serem as mais pesquisadas, também foram encontrados estudos sobre a mulher no mercado de trabalho e o administração de estigma.

Moraes *et al* (2004) encontraram evidências de baixa relação entre a informação financeira (numérica) e textuais (relatórios anuais) de empresas do setor farmacêutico dos Estados Unidos, quando se tenta agrupar as empresas de acordo com as informações numéricas e de acordo com as informações textuais.

Os trabalhos coletados no *review* realizado por Jones e Shoemaker (1994) mostraram resultados opostos ao de Moraes *et al* (2004). Esses trabalhos encontraram relação entre as narrativas contábeis e o desempenho financeiro, inclusive para efeitos de previsão de falência. Um dos trabalhos não encontrou relação entre o *disclosure* ambiental (narrativo) e o desempenho ambiental (numérico).

Por outro lado, acompanhando o resultado de Moraes *et al* (2004), Balata e Breton (2005), ao investigarem empresas canadenses, encontraram evidências de que há um certo grau de divergência entre o nível de otimismo da carta da presidência e as informações numéricas constantes nas demonstrações contábeis.

Por fim, o único trabalho classificado como de “influência no preço das ações” é de Felipe (2008), que constatou um decréscimo no retorno anormal do preço das ações após a divulgação de fatos relevantes pessimistas, enquanto fatos otimistas apresentam variações pouco significativas, indicando certo conservadorismo do mercado de capitais.

O Quadro 5 sintetiza as conclusões obtidas pelos estudos brasileiros conforme a categoria do problema de pesquisa. É possível observar que os trabalhos empíricos acompanham a tendência de pesquisa sugerida pelos trabalhos teóricos, isto é, foram realizadas pesquisas

relacionadas com a compreensibilidade (compreensão de termos técnicos, compreensibilidade de relatórios e evolução dos significados) e com a fidelidade de representação associada à relevância (influência no preço das ações).

Quadro 5 – Síntese das Conclusões dos Trabalhos Coletados

Categoria	Síntese das Conclusões
A Teórico	As teorias da Comunicação e da Semiótica podem ser ferramentas importantes para estudar se a Contabilidade atinge seus objetivos. Os campos mais férteis de pesquisa relacionados a essas teorias são o da compreensibilidade e da fidelidade de representação.
B Compreensão de termos técnicos	De forma geral, muitos dos termos normalmente empregados nas demonstrações contábeis de empresas comerciais ou governamentais não são compreendidos por seus usuários. O entendimento a respeito de termos como Contabilidade, custo e investimento varia conforme a formação do indivíduo.
C Evolução de significados	O atual comportamento dos contribuintes brasileiros frente à atividade tributária governamental pode ser explicado pela representação que o termo "tributo" incorporou com o passar do tempo na sociedade, relacionado com autoritarismo e opressão.
D Compreensibilidade de relatórios	Os fatos relevantes publicados no Brasil podem ser considerados como de difícil leitura, e essa dificuldade varia conforme o assunto tratado no documento. Magistrados e advogados reclamam maior clareza e didática nos laudos periciais. Talvez a falta de alinhamento entre as opiniões dos peritos contadores e dos usuários dos laudos possa ser explicada pela diferença nos seus repertórios. A representação gráfica melhora a compreensão das informações contábeis.
E Fidelidade de representação	O otimismo, pessimismo e assunto tratado nos Relatórios da Administração estão relacionados com o desempenho e a situação financeira das empresas. Há evidências de baixa relação entre a informação financeira (numérica) e textual (relatórios anuais) das empresas. Os Relatórios Anuais da Aracruz Celulose não apresentam as operações das empresas de forma neutra. A legibilidade das Notas Explicativas e do Relatório da Administração varia conforme o porte da empresa, mas não com o seu desempenho.
F Influência no preço das ações	Fatos relevantes pessimistas são refletidos nos preços das ações, enquanto fatos otimistas não causam impacto no valor de mercado das empresas.

4.2 Metodologias empregadas

No que concerne às metodologias utilizadas, observou-se uma grande variedade de recursos empregados para abordar os problemas de pesquisa. Foi identificado um total de 12 recursos metodológicos, que são apresentados brevemente a seguir juntamente com comentários pertinentes a respeito de como eles foram utilizados nos trabalhos analisados.

(a) questionário: Martins e Theóphilo (2007:90) definem questionário como um conjunto ordenado de perguntas a respeito de variáveis e situações que se deseja medir ou descrever. Os questionários foram realizados tanto com questões fechadas como com questões abertas, dependendo da necessidade do pesquisador.

As questões fechadas foram mais utilizadas para verificar se os usuários compreendiam termos empregados nas demonstrações financeiras ou com relação ao grau de utilização de algum relatório contábil e para coletar informações a respeito do perfil dos respondentes. As questões abertas foram utilizadas para coletar observações e comentários adicionais dos respondentes, ou então quando uma resposta dissertativa era necessária para realizar análises posteriores, que é o caso de Panhoca *et al* (2004) e Nogueira (2006).

(b) análise de conteúdo: Bardin (2004:37) a define como um conjunto de técnicas de análises das comunicações que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção ou recepção de mensagens.

Os trabalhos de Silva *et al* (2007) e Felipe (2008) se utilizaram da análise de conteúdo para classificar as frases de narrativas contábeis de acordo com o assunto ou conteúdo, ou para classificá-las como otimistas ou pessimistas, com o intuito de utilizar essas classificações em conjunto com outras técnicas estatísticas.

Ribeiro (2009) utilizou a análise de conteúdo em sua pesquisa numa abordagem denominada gramática funcional, em que são analisadas as escolhas que o redator faz ao construir as frases, isto é, cada elemento do texto é interpretado como desempenhando uma função em relação ao todo para a construção do significado.

Jones e Shoemaker (1994) advertem que, ao utilizar a técnica de análise de conteúdo, a pesquisa pode sofrer um viés devido à inferência do pesquisador. Isso porque o significado da mensagem depende da relação entre o comunicador e o destinatário, sendo objetivo do pesquisador inferir o significado dessa mensagem corretamente.

Isso implica que, caso a metodologia de extrair o significado do texto não seja bem delineada, a pesquisa poder gerar resultados diferentes para diferentes pesquisadores, isto é, a pesquisa pode não ser reproduzível por depender demasiadamente do julgamento do pesquisador.

Esta questão está implícita no trabalho de Stanton e Stanton (2002) que, ao classificar as pesquisas das narrativas contábeis em cinco perspectivas de estudo, implica que aquela perspectiva adotada guiará as análises do pesquisador. Ou seja, o pesquisador constrói uma realidade que atribui certo propósito à narrativa contábil, por exemplo, o propósito de gerenciamento de imagem ou o propósito de *marketing*.

(c) pesquisa historiográfica: Martins e Theóphilo (2007:81) explicam que nesse tipo de pesquisa são utilizadas fontes oficiais, escritas e documentadas, precisas na forma e na cronologia. Dias Filho (2003) se utilizou de fontes históricas para demonstrar que uma palavra pode ter um significado ou conceito bem mais amplo do que aquele apresentado pelos dicionários ou pelos livros didáticos. Conhecer esse significado mais amplo é essencial para compreender como os indivíduos reagem a determinado termo ou conceito.

(d) *software* ALCESTE: é um *software* de análise quantitativa de dados textuais, cuja sigla significa “análise lexical por contexto de um conjunto de segmentos de texto”. Ele possibilita o agrupamento de textos de acordo com a ocorrência de raízes de palavras semelhantes, por meio de um teste de qui-quadrado. Panhoca *et al*, 2004 se utilizaram desse *software* para promover um agrupamento das definições que diversos grupos de usuários têm a respeito de conceitos relacionados à Contabilidade.

Pode-se afirmar que esse *software* é uma forma de análise de conteúdo, entretanto, devido à sua metodologia específica, criou-se uma categoria (d) específica para ele.

(e) fórmula de legibilidade de Flesch: utilizando como parâmetros o comprimento das frases (quantidade média de palavras) e o tamanho das palavras (quantidade média de sílabas), foi desenvolvida esta fórmula que resulta num escore, que avalia o grau de facilidade de leitura de um texto.

Jones e Shoemaker (1994) explicam que a fórmula de legibilidade de Flesch também é considerada uma forma de análise de conteúdo. Há duas formas complementares de análise de conteúdo, sendo a sintática, que tem por objetivo analisar e quantificar a dificuldade cognitiva de se ler uma mensagem (sendo uma dessas técnicas a fórmula de Flesch); e a temática, que tem por objetivo analisar e extrair temas inerentes a uma mensagem.

A fórmula de Flesch parece ser uma das fórmulas de legibilidade mais utilizadas nas pesquisas contábeis; dos 32 estudos sobre análise de conteúdo sintática coletados no *review* realizado por Jones e Shoemaker (1994), 26 utilizaram a fórmula de Flesch em conjunto com outros testes estatísticos.

Desta forma, faz-se necessário esclarecer que o item (b) “análise de conteúdo” deste trabalho se relaciona ao subgrupo análise temática; e o item (e) “fórmula de legibilidade de Flesch” deste trabalho se relaciona ao subgrupo análise sintática.

Silva e Fernandes (2009:147) utilizam uma adaptação dessa fórmula para os textos em português do Brasil. Os estudos brasileiros encontrados utilizaram essa técnica para avaliar a evolução do grau de legibilidade dos relatórios contábeis ao longo do tempo ou para relacioná-lo com características das empresas.

Jones e Shoemaker (1994) fazem algumas críticas aos modelos de mensuração da legibilidade de textos, como a fórmula Flesch. Os autores explicam que os pesquisadores, em geral, têm assumido que as fórmulas de legibilidade são uma medida não apenas da legibilidade, mas também da compreensibilidade do texto. Ou seja, os conceitos de compreensibilidade e legibilidade são considerados (ou assumidos) como termos intercambiáveis. Entretanto, os autores advertem que a relação entre legibilidade e compreensibilidade não chegou ainda a um consenso.

Compreensibilidade e legibilidade são conceitos bem diferentes. Enquanto a primeira depende de características do leitor como conhecimento prévio, objetivos, interesses e habilidade de leitura; a segunda depende essencialmente das características do texto.

Deste modo, as fórmulas de legibilidade não capturam completamente a compreensibilidade, pois elas mensuram fatores associados aos atributos sintáticos do texto, mas não fatores semânticos, ou seja, seus significados.

Smith e Taffler (1992) verificaram empiricamente que a relação entre legibilidade (calculada com base em fórmulas de legibilidade) e compreensibilidade (calculada com base em técnica denominada CLOZE[14]) não é necessariamente verdadeira. Tal relação somente se torna verdadeira para usuários com nível de sofisticação específico.

Outro ponto levantado por Jones e Shoemaker (1994) é que fórmulas de legibilidade, como a de Flesch, têm um viés "pedagógico", pois são originadas de modelos de regressão desenvolvidos para fins educacionais, isto é, elas foram elaboradas para explicar o nível de legibilidade de crianças e não de adultos. Apesar disso, os autores sugerem que fórmulas de legibilidade podem ser úteis para explicar a dificuldade de leitura relativa entre textos (contrapondo a utilização dessas fórmulas em classificar um texto de acordo com um *rank* de dificuldade).

De fato, a classificação feita pela legibilidade de Flesch considera o nível educacional, conforme se nota no Quadro 6. Observa-se que, quando um texto é classificado como difícil ou muito difícil pela fórmula de Flesch, significa que ele é compatível com um texto elaborado para um indivíduo com curso superior. Isso significa que, se for feita a suposição de que os usuários da informação contábil tenham curso superior, eles não considerarão o texto "difícil", pois estará de acordo com os demais textos a que estão habituados a ler.

[14] CLOZE trata-se de uma técnica que, de maneira simplista, consiste em omitir algumas palavras de uma narrativa que se deseja avaliar, e solicitar, por meio de questionários, que um grupo a ser estudado preencha os espaços deixados em branco com os termos ou expressões que acharem necessários para que o texto tenha algum sentido.

Quadro 6 – Escores de Flesch

Escore de Legibilidade	Nível de Dificuldade	Grau de Instrução Requerido	Estilo de Publicação
0 – 30	Muito Difícil	Pós-Graduação	Científica
30 – 50	Difícil	Graduação	Acadêmica
50 – 60	Pouco Difícil	Nível Médio	Livros de Qualidade
60 – 70	Normal	Nível Fundamental	Crônica
70 – 80	Pouco Fácil	Nível Fundamental	Ficção
80 – 90	Fácil	Nível Fundamental	Folhetim
90 - 100	Muito Fácil	Nível Fundamental	História em Quadrinhos

FONTE: Cunha (2008)

(f) testes de significância: são utilizados para avaliar afirmações sobre os valores de parâmetros populacionais ou, na forma como foram utilizados nos estudos encontrados (STEVENSON, 1981:222), se as duas amostras podem ser consideradas como provenientes da mesma população. Foi utilizado de forma paramétrica (teste de médias) por Silva e Fernandes (2009) para comparar o grau de legibilidade dos relatórios contábeis ao longo dos anos, e na forma não paramétrica (Mann-Whitney e Kruskall-Wallis) por Nogueira (2006) para avaliar se houve diferenças entre as respostas fornecidas por diferentes grupos de usuários dos laudos periciais.

(g) regressão linear (OLS): técnica estatística que consiste em determinar uma função matemática que busca descrever o comportamento de determinada variável, denominada dependente, com base nos valores de uma ou mais variáveis, denominadas independentes (CORRAR *et al*, 2007:132). Foi utilizada para explicar quais variáveis do desempenho financeiro das empresas explicam o tamanho e o grau de otimismo das narrativas contábeis.

(h) regressão logística: técnica estatística que permite estimar a probabilidade de ocorrência de determinado evento frente a um conjunto de variáveis explanatórias, também auxilia na classificação de objetos ou casos em duas categorias (CORRAR *et al*, 2007:284). Foi utilizada para analisar a variação do grau de facilidade de leitura em relação à variação no desempenho das empresas.

(i) análise discriminante: técnica estatística multivariada que auxilia na classificação de um elemento em determinado grupo, de acordo com suas características (variáveis) (CORRAR *et al*, 2007:234). Foi utilizada por Cunha (2008) para analisar o comportamento do grau de facilidade de leitura em relação à persistência de variação do desempenho das empresas, e por

Nogueira (2006) na tentativa de montar grupos de usuários com base em questionários respondidos.

(j) análise fatorial: técnica que busca a identificação de dimensões de variabilidade comuns existentes em um conjunto de fenômenos. Em outras palavras, busca reduzir o número de variáveis por meio de criação de fatores que explicam um conjunto de variáveis altamente correlacionadas (CORRAR *et al*, 2007:74). Foi utilizada para identificar pontos importantes do processo pericial judicial que merecem ser estudados, com base em questionários respondidos.

(l) modelo de rede neural: técnica que possibilita o reconhecimento de padrões a partir do acúmulo de experiência ou de exemplos. É bem adaptada a dois tipos de tarefas: reconhecimento e generalização (CORRAR *et al*, 2007:433). Foi utilizado para agrupar as empresas através do conteúdo narrativo dos relatórios anuais.

(m) estudo de eventos: na maioria das aplicações, o foco desse tipo de estudo é estudar o efeito de um evento no preço de uma determinada classe de ações (CAMPBELL *et al*, 1997:149). Foi utilizado para verificar se o grau de otimismo das narrativas contábeis influencia o valor de mercado das empresas.

Jones e Shoemaker (1994) afirmam que em seu *review* muitos estudos de análise de conteúdo realizam apenas inferências qualitativas ou apresentam as estatísticas descritivas das mensurações realizadas, de modo que as conclusões são muito dependentes da interpretação do pesquisador. Os autores então explicam que, uma vez satisfeitos com o método de mensuração, o ideal seria que as pesquisas fossem realizadas com o rigor de alguma análise estatística, que é o caso das metodologias classificados nos itens (d) e (f) a (l) deste estudo.

A Tabela 2 relaciona os recursos metodológicos com os trabalhos coletados. Observa-se, com exceção do estudo Ribeiro (2009), que todos os demais estudos que realizaram análise de conteúdo temática ou sintática (categorias (b) e (e)) utilizaram uma metodologia estatística auxiliar para realizar inferências, conforme a recomendação de Jones e Shoemaker (1994) citada no parágrafo anterior.

Observa-se no Gráfico 2 em seguida, gerado a partir da última linha da Tabela 2, que a técnica mais utilizada (cinco trabalhos ou 23%) foi o questionário, quase que unanimemente nos trabalhos classificados como de compreensão de termos técnicos, sendo a única exceção o trabalho de Nogueira (2006) que utilizou para avaliar a compreensibilidade de relatórios. Em segundo lugar tem-se a análise de conteúdo (quatro trabalhos), mais utilizada para classificar frases constituintes das narrativas contábeis. A fórmula de legibilidade de Flesch, testes de significância e análise discriminante foram a terceira técnica mais utilizada, com dois trabalhos cada. Se as categorias (b), (d) e (e) forem consideradas em conjunto, constata-se que 31% dos trabalhos utilizaram a técnica de análise de conteúdo num sentido *lato*.

Todas as demais técnicas foram observadas somente em um trabalho, o que denota que não há uma tendência ou padrão na sua utilização nesses tipos de trabalhos, principalmente no que tange a técnicas de inferência estatística.

Tabela 2 – Recursos Metodológicos Utilizados pelos Trabalhos Analisados

Categoria e Referência do Trabalho	**Recursos Metodológicos Utilizados**											
B Compreensão de termos técnicos	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(f)	(g)	(h)	(i)	(j)	(l)	(m)
C-USP (2005)	X											
RCF (2004)	X			X								
USP (1994)	X											
C Evolução de significados	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(f)	(g)	(h)	(i)	(j)	(l)	(m)
USP (2003)			X									
D Compreensão de relatórios	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(f)	(g)	(h)	(i)	(j)	(l)	(m)
RAC-E (2009)					X	X						
C-USP (2004C)	X											
ENANPAD/FECAP (2008/2006)	X	X				X			X	X		
E Representação da realidade	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(f)	(g)	(h)	(i)	(j)	(l)	(m)
C-USP (2004B)											X	
RAC/C-USP (2007/2006)		X					X					
FUCAPE (2009)		X										
UNB (2008A)					X			X	X			
F Influência no preço das ações	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(f)	(g)	(h)	(i)	(j)	(l)	(m)
UNB (2008B)		X										X
TOTAL	5	4	1	1	2	2	1	1	2	1	1	1

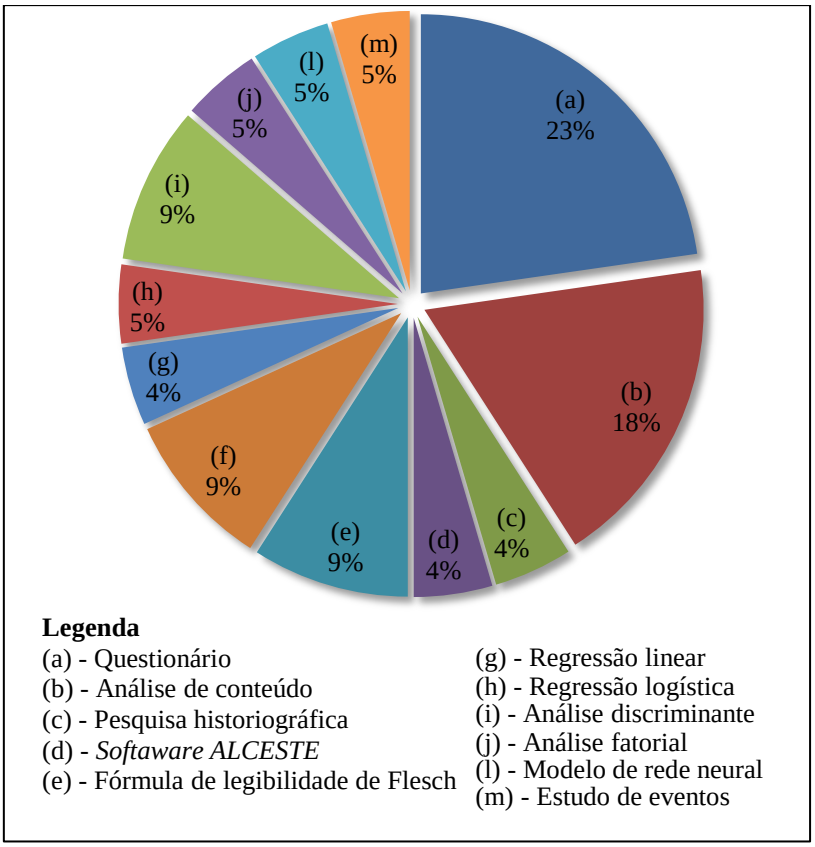

Gráfico 2 – Proporção dos Recursos Metodológicos Utilizados pelos Trabalhos Analisados.

4.3 Utilização das teorias semióticas e da comunicação

Este tópico tem por objetivo verificar o grau de utilização de teorias semióticas e da comunicação pelos trabalhos coletados. Para isso foram procurados nos trabalhos os conjuntos de termos relacionados em seguida:

i – Semiótica

ii – Sintática, semântica ou pragmática (no contexto da teoria tridimensional); ou significante e significado (no contexto da corrente semiológica iniciada por Saussure)

iii – Teoria da Comunicação

iv – Emissor, receptor, canal, código ou mensagem (no contexto da teoria da comunicação)

v – Morris, Peirce ou Sasussure

vi – Shannon ou Weaver

Se o trabalho menciona os termos dos itens i ou iii, significa que ele fez alguma referência a essas teorias. Caso o trabalho mencione os termos dos itens ii ou iv, significa que ele apresentou algum conteúdo da respectiva teoria.

Os termos dos itens v e vi referem-se ao fato de os trabalhos mencionarem algum autor clássico das teorias citadas, isto é, não citaram as teorias de forma indireta, por outros autores (apesar de não ser, necessariamente, um indicador de precariedade ou mau desenvolvimento do estudo).

É sabido que não são somente os autores mencionados nos itens v e vi que ajudaram no desenvolvimento das teorias semióticas e da comunicação, mas são os autores clássicos que deram base a essas teorias no modo como são estudadas hoje. Além disso, na leitura dos trabalhos, verificou-se que a inclusão de outros autores não representaria uma distorção no que foi tabulado apenas com os autores clássicos.

A Tabela 3 apresenta a relação dos trabalhos coletados e suas respectivas referências aos itens elencados anteriormente, e o Gráfico 3 apresenta a proporção dessas referências.

Tabela 3 – Referências a Teorias Semióticas e da Comunicação e Seus Autores Realizadas pelos Trabalhos Coletados

Categoria e Referência do Trabalho	**Citação de Teorias e Autores**					
A Teórico	i	ii	iii	iv	v	vi
RCF (2000)			X	X		X
BASE (2005)	X	X				
C-USP (2004A)	X	X	X	X	X	
USP (2001)	X	X	X	X	X	X
CBC (2000)	X	X	X	X	X	
RCF/CBC (2001/2000)	X		X	X		X
ENANPAD (2002)	X	X			X	
B Compreensão de termos técnicos	i	ii	iii	iv	v	vi
C-USP (2005)		X	X	X		X
RCF (2004)	X		X	X		
USP (1994)	X		X	X		X
C Evolução de significados	i	ii	iii	iv	v	vi
USP (2003)	X					

Continua na próxima página

Tabela 3 – Referências a Teorias Semióticas e da Comunicação e Seus Autores Realizadas pelos Trabalhos Coletados - Continuação

Categoria e Referência do Trabalho	Citação de Teorias e Autores					
D Compreensão de relatórios	i	ii	iii	iv	v	vi
RAC-E (2009)	-	-	-	-	-	-
C-USP (2004C)			X	X		
ENANPAD/FECAP (2008/2006)	X	X	X	X	X	X
E Representação da realidade	i	ii	iii	iv	v	vi
C-USP (2004B)	X	X	X	X		X
RAC/C-USP (2007/2006)	-	-	-	-	-	-
FUCAPE (2009)	-	-	-	-	-	-
UNB (2008A)	-	-	-	-	-	-
F Influência no preço das ações	i	ii	iii	iv	v	vi
UNB (2008B)			X	X		X
TOTAL	11	8	12	12	5	8

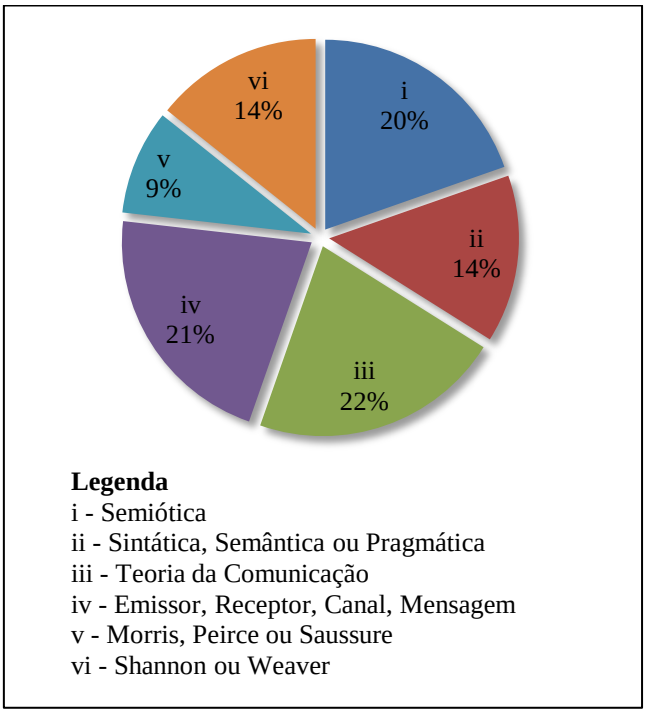

Gráfico 3 – Proporção das Referências a Teorias Semióticas e da Comunicação e Seus Autores Realizadas pelos Trabalhos Coletados.

Como era de se esperar, os trabalhos teóricos são os que mais fazem referências às teorias, seus elementos e autores. Por outro lado, observa-se que os trabalhos empíricos, com exceção daqueles categorizados como de compreensão de termos técnicos, não tratam necessariamente de teorias semióticas ou da comunicação. Esses últimos estão nesse *review* porque de alguma forma tratam a Contabilidade como uma forma de linguagem ou um processo de

comunicação, portanto foram coletados pelo filtro de pesquisa descrito no capítulo de metodologia e coleta dos trabalhos.

Não é possível afirmar uma preferência dos estudos escolherem fazer referências a teorias semióticas (20%) ou da comunicação (22%).

Outro ponto a ser observado é que, diferente da teoria da comunicação que geralmente é citada junto com seus elementos e autores originais, as citações de teorias semióticas não são feitas tão frequentemente junto com seus elementos. Isto é, há casos em que a teoria é enunciada, mas não seus elementos, ou então seus elementos (sintática, semântica e pragmática) são enunciados, mas o termo "semiótica" não.

Também há o fato de que muitos trabalhos tratam da teoria semiótica e/ou seus elementos sem citar autores clássicos que desenvolveram tais teorias, o que não ocorre com tanta frequência quando os trabalhos tratam da teoria da comunicação. Esses trabalhos costumam tratar a teoria semiótica a partir de fontes que já discutiram essa teoria no meio contábil, como Hendriksen e Van Breda (1999:29), algum trabalho teórico realizado por Dias Filho e Nakagawa, ou outros.

4.4 Tendências e oportunidades de pesquisas

A partir do que foi observado nos estudos brasileiros coletados, e com base nos *reviews* realizados por Jones e Shoemaker (1994) e Stanton e Stanton (2002), é possível especular sobre o direcionamento das pesquisas em Contabilidade com base em teorias semióticas ou da comunicação.

No que tange aos problemas de pesquisa, observou-se nos estudos brasileiros certa variedade de temas abordados que foram classificados em seis categorias. A maioria dos estudos estava voltada para as narrativas contábeis e compreensão de expressões e termos técnicos utilizados nos relatórios contábeis. Entretanto, uma breve atenção ao cenário internacional mostra que o leque de campos de pesquisa é bem mais amplo, pois há muitas áreas passíveis de investigação ainda praticamente inexploradas no Brasil.

Em primeiro lugar, é necessário ressaltar a variedade de narrativas passíveis de investigação, como atas de assembleias, avisos aos acionistas, fatos relevantes, atas de reuniões da administração, relatórios anuais, relatórios da administração, notas explicativas, parecer dos auditores independentes, relatórios internos, decisões judiciais, contratos, deliberações, decisões e pareceres de órgãos regulamentadores, textos de jornalistas especializados etc. Diferentes narrativas podem estar voltadas para variados tipos de usuário, com níveis de sofisticação diversos, de modo que as conclusões obtidas no estudo de um relatório podem não ser válidas para outro tipo de relatório.

Em segundo lugar, destaca-se que o objeto de estudo não deve recair, necessariamente, sobre os textos das narrativas. Stanton e Stanton (2002) apontam trabalhos cujos objetos de estudo foram imagens, gráficos, fotografias, estrutura e formato de narrativas contábeis. Etheridge (1991), tem como objeto de estudo os números contábeis, ao utilizar teorias semióticas para explorar o conteúdo informativo do fluxo de caixa e das demonstrações contábeis com regime de competência.

Em terceiro lugar, vale apontar as possibilidades de perspectivas com que os objetos são pesquisados. A maioria dos estudos brasileiros encontrados tratava as narrativas por meio de uma abordagem de gerenciamento de impressões, entretanto Stanton e Stanton (2002) encontraram trabalhos com outras abordagens. A perspectiva de *marketing* vê as narrativas contábeis como um componente da estratégia de *marketing* da empresa, que vende a "marca" da empresa a diversos públicos consumidores específicos. A perspectiva político-econômica propõe que o *disclosure* é realizado de forma proativa, estando relacionado com a estrutura de poder na sociedade, seu desenvolvimento histórico e institucional, e o papel da contabilidade na sociedade. A perspectiva da legitimidade enxerga as empresas como sendo afetadas por questões sociais e comunitárias, de modo que a administração busca mostrar uma congruência da companhia com os valores sociais (o estudo de Ribeiro (2009) seguiu essa perspectiva de pesquisa). A perspectiva da *accountability* visualiza as companhias de acordo com as reações da administração dado os interesses de terceiros.

Outro ponto que talvez possa ser mais explorado em estudos posteriores é a riqueza das teorias semióticas e da comunicação. Conforme observado anteriormente, muitos trabalhos sequer citaram teorias semióticas.

No capítulo de revisão da teoria ficou evidenciada a existência de diversas teorias semióticas e algumas de suas implicações, isto é, um vasto terreno teórico que pode ser utilizado para inferir, do lado do emissor, como os relatórios contábeis são utilizados para criar significados e construir realidades; ou, do lado do receptor, como os usuários das informações geradas pela contabilidade atribuem um significado a essas informações.

Nesse sentido, Stanton e Stanton (2002) explicam que os estudos mais recentes que eles coletaram focavam em como a comunicação poderia ser utilizada para atingir determinados significados, ou, em outras palavras, como a escolha de estrutura de linguagens, gênero de narrativas, temas, gráficos e outros símbolos pode ser utilizada para que os preparadores dos relatórios atinjam seus objetivos sem causar desentendimentos.

Por fim, cabe apontar que as teorias semióticas ou de comunicação não devem ser empregadas em detrimento das teorias comportamentais tradicionalmente utilizadas nas pesquisas contábeis, como a teoria de agência, hipótese de mercado eficiente, teoria contratual da firma etc. Isso porque as teorias semióticas tratam da construção de significados, mas não teorizam sobre as motivações do emissor e do receptor e quais significados eles gostariam de transmitir com base nessas motivações.

Um exemplo ilustrativo de como utilizar uma teoria semiótica para analisar a produção de significados de demonstrações contábeis pode ser considerado com a proposta de FIPECAFI (2007:437) para apresentação da DOAR, Demonstração das Origens e Aplicações de Recursos, a partir da teoria semiótica desenvolvida por Charles Peirce.

Como visto no capítulo “referencial teórico”, Peirce propôs que existem três atributos que podem fazer com que algo produza significados: é um “quali-signo icônico” quando esse algo possui uma qualidade em comum com o objeto representado; é um “sin-signo indicial” se possui uma relação existencial, de causa e efeito com o objeto representado; é um “legi-signo simbólico” quando representa seu objeto devido a um hábito ou uma lei.

Desta forma, o próprio conceito da demonstração DOAR e de seus componentes de origem (fontes de financiamento) e aplicações (investimentos realizados) de recursos (capital de giro

líquido), bem como a variação do CCL, Capital Circulante Líquido, representam o objeto por força de hábito e lei, constituindo-se, portanto num legi-signo simbólico.

FIPECAFI (2007:437), na tentativa de produzir uma demonstração que indique o fato de que as origens sempre são iguais às aplicações de recursos, e que a variação do CCL não é explicada pela diferença entre origens e aplicações, mas ela mesma constituir uma origem ou aplicação de recurso (se redução representa recursos originados do capital de giro, e se aumento representa recursos aplicados no capital de giro), propõe que a demonstração em questão seja apresentada em duas colunas, conforme mostra o Quadro 7 (da mesma forma que um Balanço Patrimonial), contrapondo a apresentação em uma única coluna, na qual a variação do CCL é posta como uma diferença entre origens e aplicações de recursos.

Transcreve-se a seguir a explicação de FIPECAFI (2007:437):

> Entendemos que essa forma de apresentar a DOAR deixa muito mais claro o que repreenta a variação no CCL. Nesse caso, o aumento do CCL representa uma forma de aplicação do excesso de recursos captados. Por outro lado, a redução do CCL representa uma das formas encontradas pela empresa para financiar suas aplicações.
> Assim, a apresentação dessa demonstração na forma horizontal, conforme proposto, reduz significantemente a dificuldade de entendimento do que representa o Capital Circulante Líquido (CCL) e suas variações, não comprometendo a utilização da Demonstração das Origens e Aplicações de Recursos (DOAR).

Quadro 7 – Demonstração das Origens e Aplicações de Recursos

ORIGENS DE RECURSOS	APLICAÇÕES DE RECURSOS
Das Operações	...
...	...
...	...
Dos Acionistas	...
...	...
...	
De terceiros	
...	
...	
Redução do CCL	Aumento do CCL
TOTAL DAS ORIGENS	TOTAL DAS APLICAÇÕES

A partir da teoria semiótica de Peirce, pode-se afirmar que a proposta de FIPECAFI (2007) utilizou-se de mais uma propriedade que faz com que algo represente seu objeto. Isto é, além dos conceitos teóricos socialmente aceitos embutidos na demonstração (legi-signos simbólicos), o formato sugerido para apresentação da demonstração é um quali-signo icônico, pois tem uma qualidade visual similar ao objeto a ser representado, ou seja, o tamanho das

origens é igual ao tamanho das aplicações, além de indicar que a redução ou o aumento do CCL está contido, respectivamente, nas origens ou aplicações.

Santaella (1983:65) explica que um diagrama é uma espécie de ícone, "[...] visto que representa as relações entre partes de seu objeto, utilizando-se de relações análogas em suas próprias partes." Ícones não ensejam em seus intérpretes uma sensação de verdade ou existência concreta, mas têm alto poder de sugestão.

É importante reforçar que não há uma maneira única ou correta de utilizar teorias semióticas, primeiramente porque há uma variedade de autores e teorias semióticas que explicam o processo de significação e teorias da comunicação que explicam o processo de transmissão de informações, em segundo lugar porque uma teoria específica pode ser explorada de diversas maneiras. Além disso, um objeto de estudo pode ser mais bem explorado por uma teoria semiótica do que por outra. Narrativas, por exemplo, talvez sejam mais bem exploradas por teorias semióticas com abordagem linguística do que teorias como a desenvolvida por Charles Peirce aplicada no exemplo anterior da DOAR.

Em outro exemplo, Etheridge (1981:7) aplica a teoria semiótica no estudo dos *accruals* contábeis. Para estudar a relação de complementaridade entre o lucro contábil e o fluxo de caixa a autora utiliza os conceitos de redundância sintática e redundância semântica. Redundância sintática é a existência de dados além do necessário para transmitir a mensagem, em que o excesso de dados não altera o significado da mensagem original. Redundância semântica é a existência de dados além do signo de uma mensagem que apresenta a mensagem em um formato diferente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por vezes, a Contabilidade é apresentada como linguagem facilitadora no relacionamento entre a administração da empresa e os usuários reais ou potenciais das informações geradas pela primeira. Prova disso se encontra no reconhecimento que a doutrina atribui a essa concepção da Contabilidade como expressão da linguagem.

Sendo considerada uma linguagem com terminologia específica, a utilização correta dos preceitos contábeis pelos preparadores das demonstrações financeiras e o pleno conhecimento dessa linguagem pelos usuários dessas demonstrações são condições para que não se incorra em interpretações equivocadas e, por consequência, decisões não desejadas.

Dentro desse contexto, diversos estudos propuseram a utilização de teorias semióticas e da comunicação para a realização de pesquisas contábeis. Semiótica é a ciência responsável por estudar como algo tem a capacidade de produzir algum significado ou sentido, sendo, portanto, a base para o estudo de qualquer linguagem. A teoria da comunicação tem o objetivo identificar e mensurar os elementos de um processo de comunicação.

É possível distinguir duas vertentes de teorias semióticas, uma, cujo precursor foi Ferdinand de Saussure, tem como objeto predominante de estudo o signo linguístico, isto é, as linguagens produzidas pelo homem; outra, cujo precursor foi Charles Peirce, tem como objeto predominante de estudo a lógica como qualquer fenômeno; seja ele produzido pelo homem ou pela natureza, é capaz de gerar significados.

Tais teorias serviram como base e como motivação para que pesquisadores da área contábil pesquisassem não apenas as informações numéricas das demonstrações financeiras sob outro enfoque, mas também a terminologia, os textos, gráficos e imagens utilizadas nessas demonstrações e em outras narrativas que compõem o *disclosure* de uma entidade.

Estudos empíricos sobre essa abordagem são encontrados desde a década de 1970 no exterior e, há pelo menos uma década, ocorrem pesquisas nesse sentido de forma frequente no Brasil. Desta forma, este trabalho se desenvolveu a partir do seguinte problema de pesquisa: Qual o

estado da arte da pesquisa em Contabilidade no Brasil fundamentada em teorias Semióticas e da Comunicação?

O objetivo do estudo foi traçar um panorama das pesquisas brasileiras em Contabilidade com fundamento em teorias semióticas e da comunicação, expor o desenvolvimento desse tipo de pesquisa no Brasil, os problemas de pesquisa abordados, as metodologias empregadas para estudar os problemas propostos e as conclusões a que os trabalhos chegaram até então.

Para isso foi realizado um *review* de trabalhos publicados em periódicos, congressos e teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação avaliados pela Capes.

Foram encontrados 22 trabalhos, sendo 18 deles inéditos, que foram segregados em seis categorias, conforme o problema de pesquisa proposto, como teórico, compreensão de termos técnicos, evolução de significados, compreensibilidade de relatórios, fidelidade de representação e influência no preço das ações. Trabalhos teóricos e empíricos que estudam termos e narrativas contábeis foram os mais frequentes.

Observou-se um maior volume de trabalhos a partir do ano 2000, sendo precedidos por trabalhos teóricos cujos objetivos incluíam divulgar teorias semióticas e de comunicação aplicadas à realidade contábil.

Os trabalhos teóricos sugerem a utilização de teorias semióticas e da comunicação para investigar se a Contabilidade atinge seus objetivos. Geralmente esses trabalhos tratam da compreensibilidade associada ao nível de sofisticação do usuário e da fidelidade de representação associada à relevância da informação.

Os trabalhos de compreensão de termos técnicos, de modo geral, indicam que os usuários não compreendem alguns termos utilizados nos relatórios contábeis, ou têm concepções diferentes acerca deles. No trabalho de evolução dos significados, foi constatada a importância da evolução histórica da utilização de um termo ou expressão para se entender o conceito ou significado que a sociedade atribui a ele.

Os trabalhos que tratam da compreensibilidade de relatórios indicam que as narrativas contábeis podem ser consideradas de difícil leitura e que o repertório e a formação dos

usuários das demonstrações contábeis afetam a compreensibilidade. Além disso, representações gráficas parecem melhorar a compreensão das informações contábeis, principalmente no que se refere a variações de valores.

Nos trabalhos sobre fidelidade de representação foram encontradas evidências de gerenciamento de impressões na forma como os relatórios narrativos são elaborados, e o trabalho de influência no preço das ações encontra evidências de que o pessimismo das narrativas contábeis influencia o valor de mercado das empresas.

As metodologias de inferência estatística empregadas foram das mais diversas, não sendo possível estabelecer um padrão metodológico nas pesquisas. Esse resultado talvez seja reflexo da própria diversidade dos problemas de pesquisa encontrados.

Os trabalhos que estudaram a compreensão de termos técnicos unanimemente se utilizaram de questionários. Nos estudos de narrativas contábeis, a metodologia de análise de conteúdo (sintática ou temática) com o auxílio de técnicas estatísticas para realizar inferências foi quase que unanimemente utilizada, mas a técnica, em si, de análise de conteúdo variou entre os trabalhos.

Observou-se também que os trabalhos empíricos não tratam necessariamente de teorias semióticas ou da comunicação em sua revisão teórica, apesar de frequentemente abordarem a contabilidade como uma forma de linguagem, ou como importante para o processo de comunicação da administração com os usuários.

Por fim, foram sugeridos alguns direcionadores para as pesquisas nacionais, com base em *reviews* internacionais que tratam de narrativas contábeis. As possibilidades de pesquisas têm o potencial de serem ampliadas, seja pela variedade de narrativas contábeis passíveis de investigação, seja pelo objeto de estudo, que não necessariamente deve recair sobre as narrativas, seja pela perspectiva sobre a qual o objeto de estudo é pesquisado.

Há também a possibilidade de explorar melhor o arcabouço teórico das ciências semióticas e da comunicação, que parece ser subutilizado em alguns estudos, entretanto parece que essas teorias podem ser muito mais proveitosas quando estudadas em conjunto com outras, já

tradicionais na pesquisa em Contabilidade, que procuram explicar o comportamento dos agentes envolvidos no processo contábil.

REFERÊNCIAS

ADELBERG, Arthur Harris. *A methodology for measuring the understanding of financial reporting messages*. **Journal of Accounting Research.** Chicago, v. 17, n. 2, p. 656-592, autumn, 1979.

BALATA, Pascal; BRETON, Gaétan. *Narratives vs numbers in the annual report: are they giving the same message to the investors*? **Review of Accounting & Finance**. Chicago, v. 4, n. 2, p. 5-25, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

BRASIL. Lei n. 6.404, de 15 de dezembro de 1976. **Diário Oficial da União**. Poder Legislativo, Brasília, DF, 16 dez. 1976.

CAMPBELL, John Y.; LO, Andrew W.; MACKINLAY, A. Craig. ***The econometrics of financial markets***. New Jersey: Princeton University Press: 1997.

COLAUTO, Romualdo Douglas; BEUREN, Ilse Maria. Avaliação do capital intelectual na perspectiva da tridimensionalidade da linguagem contábil. **BASE – Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos**. São Leopoldo, v. 2, n. 2, p. 85-101, maio/ago. 2005.

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS - CVM. Instrução CVM n. 358, de 3 de janeiro de 2002**. Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 28 jan. 2002.

COMITÊ DE PRONUNCIAMENTOS CONTÁBEIS – CPC**. Pronunciamento conceitual básico:** estrutura conceitual para a elaboração e apresentação das demonstrações contábeis. Emitido em: 2008.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES. **Avaliação dos Programas de Pós-graduação**. Disponível em: <www.capes.gov.br>. Acesso em 20 jan. 2010.

_____. **Webqualis**: avaliação de periódicos e eventos. Disponível em: <qualis.capes.gov.br/webqualis>. Acesso em 20 jan. 2010.

CORRAR, Luiz J.; PAULO, Edilson; DIAS FILHO, José Maria (coord). **Análise multivariada:** para os cursos de administração, ciências contábeis e economia. São Paulo: Atlas, 2007.

CUNHA, Rafael Koifman Carneiro da. **Análise da facilidade de leitura das demonstrações contábeis das empresas brasileiras**: uma investigação do gerenciamento de impressões nas narrativas contábeis. Brasília, 2008. Dissertação (mestrado), Programa Multiinstitucional e Inter-Regional de Pós-graduação em Ciências Contábeis da Universidade de Brasília, Universidade Federal da Paraíba e Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

DEELY, John. **Semiótica básica**. São Paulo: Ática, 1990.

DIAS FILHO, José Maria. A linguagem utilizada na evidenciação contábil: uma análise de sua compreensibilidade à luz da teoria da comunicação. **Revista de Contabilidade & Finanças da USP**. São Paulo, v. 13, n. 24, p. 38-49, jul./dez. 2000.

_____. **Características qualitativas da informação contábil**: o problema da compreensibilidade à luz da teoria semiótica e da comunicação. São Paulo, 2001. Dissertação (mestrado), Departamento de Contabilidade e Atuária da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

_____. **Gestão tributária na era da responsabilidade fiscal:** propostas para otimizar a curva de receita utilizando conceitos de semiótica e regressão logística. São Paulo, 2003. Tese (doutorado), Departamento de Contabilidade e Atuária da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

DIAS FILHO, José Maria; NAKAGAWA, Masayuki. Análise do processo da comunicação contábil: uma contribuição para a solução de problemas semânticos, utilizando conceitos da teoria da comunicação. **Revista de Contabilidade & Finanças da USP**. São Paulo, v. 15, n. 26, p. 42-57, maio/ago. 2001.

_____. Análise do processo da comunicação contábil: uma contribuição para a solução de problemas semânticos, utilizando conceitos da teoria da comunicação. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE CONTABILIDADE, 16, 2000, Goiânia. **Anais...**

_____. Reflexões sobre a dimensão semiótica da análise de balanços: uma contribuição à otimização de decisões de crédito. *In:* ENCONTRO DA ANPAD – ENANPAD, 6, 2002. Salvador. **Anais...**

DIAS, Cristiane Balbina Pereira de Araújo; NEVES, Iracema Raimunda Brito das; OLIVEIRA, André Machado de; MARTINEZ, Antonio Lopo. Ruídos na comunicação entre a contabilidade e seus usuários. *In:* CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE**,** 4, 2004, São Paulo. **Anais...**

ETHERIDGE, Harlan Lynn. ***An examination of semiotic theories of accounting accruals***. Lousiana, 1991. Dissertação, Louisiana State University.

FELIPE, Eliane da Silva. **Avaliação da influência de textos narrativos de fatos relevantes no preço das ações de empresas brasileiras**. Brasília, 2008. Dissertação (mestrado), Programa Multiinstitucional e Inter-Regional de Pós-graduação em Ciências Contábeis da Universidade de Brasília, Universidade Federal da Paraíba e Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

FINANCIAL ACCOUNTING STANDARDS BOARD - FASB. **SFAC 1 – *Objectives of financial reporting by business enterprises***. Emitido em: nov. 1978.

_____. **SFAC 2 – *Qualitative characteristics of accounting information***. Emitido em: maio 1980.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS CONTÁBEIS, ATUARIAIS E FINANCEIRAS - FIPECAFI. **Manual de contabilidade das sociedades por ações**: aplicável às demais sociedades. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GUDWIN, Ricardo. **Aulas 7 à 16 do curso de semiótica e sistemas inteligentes da Faculdade de Engenharia Elétrica e Ciências Computacionais da Universidade de Campinas (UNICAMP)**. Disponível em: <http://www.dca.fee.unicamp.br/~gudwin/courses/IA005/Aulas.html>. Acesso em: 05/02/2010.

GUTHRIE, Art. *Modern semantics can help accounting*. **Journal of Accountancy (pre-1986)**. p. 56-63, jun. 1972.

HARIED, Andriew A. *Measurement of meaning in financial reports*. **Journal of Accounting Research**. Chicago, v. 11, n. 1, spring, 1973.

HARIED, Andriew A. *The semantic dimension of financial statements*. **Journal of Accounting Research**. Chicago, v. 10, n. 2, p. 376-391, autumn, 1972.

HENDRIKSEN, Eldon; VAN BREDA, Michael F. **Teoria da contabilidade**. São Paulo, Atlas: 1999.

HIRSCH JR, Maurice L.; ANDERSON, Rob; GABRIEL, Susan. **Accounting and communication**. Ohio: South-Western Publishing, 1993.

HYNES, G. E.; BEXLEY, J. B. *Reader responses to bank's annual reports*. **Proceedings of the Academy of Commercial Banking and Finance**, v. 3, n. 2, p. 23-26, 2003 *apud* SILVA, César Augusto Tibúrcio; FERNANDES, José Lúcio Tozetti. Legibilidade dos fatos relevantes no brasil. **RAC Eletrônica**. v. 3, n. 1, jan./abr. 2009.

IJIRI, Yuji. ***Theory of accounting mesurement***. Sarasota, Fla: American Accounting Association, 1975

INTERNATIONAL ACCOUNTING STANDARDS COMMITTEE - IASC. ***Framework for the preparation and presentation of financial statements***. Emitido em: abr. 1989. Adotado pelo IASB em: abr. 2001.

ISNTITUTO DOS AUDITORES INDEPENDENTES DO BRASIL - IBRACON. **Estrutura conceitual básica da contabilidade.** Emitida em: 1986.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Teoria da contabilidade**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2000 *apud* SILVA, César Augusto Tibúrcio; RODRIGUES, Fernanda Fernandes. Análise das variáveis que influenciam as informações divulgadas nos relatórios da administração das companhias abertas brasileiras: um estudo empírico nos anos de 2001 a 2003. *In:* CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 6, São Paulo, 2006. **Anais...**

_____. **Teoria da contabilidade**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

JAKOBSON, Roman. **Lingüística e comunicação**. 22 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

JONES, Michael Jonh; SHOEMAKER, Paul A. *Accounting narratives: a review of empirical studies of content and readability*. **Journal of Accounting Literature**. Gainesville, v. 13, p. 142, 1994.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.

MATTELART, Armand. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

MORAES, Marcelo Botelho da Costa; NAGANO, Marcelo Seido; MERLO, Edgard Monforte. Mensuração da semiótica na codificação das demonstrações contábeis por meio de redes neurais. *In:* CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE**,** 4, São Paulo, 2004. **Anais...**

MORRIS, Charles. **Fundamentos da teoria dos signos**. Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

_____. ***Signs, language and behavior***. New York: Prentice Hall, 1946.

NAKAGAWA, Masayuki; LISBOA, Nahor Plácido; IKEDA, Ricardo Hirata. Importância da divulgação das informações contábeis mensuradas ao *fair value*: uma abordagem da contabilidade sob o prisma dos fundamentos da semiótica. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE CONTABILIDADE, 16, 2000. **Anais...**

NOGUEIRA, Marcelo Francisco. **O Processo da comunicação pericial judicial contábil:** abordagem em relação aos ruídos. São Paulo: 2006. Dissertação (mestrado), Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP).

NOGUEIRA, Marcelo Francisco; WEFFORT, Elionor Farah Jreige; ANTUNES, Jerônimo; PEREIRA, Anisio Candido. O Processo da comunicação Pericial Judicial Contábil: Abordagem em relação aos ruídos. *In*º ENCONTRO DA ANPAD (ENANPAD), 12, Rio de Janeiro, 2008. **Anais...**

OLIVEIRA, André Machado de. Avaliação do processo de comunicação entre a contabilidade pública e o usuário da informação: uma abordagem sob o enfoque da teoria da comunicação. *In:* CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 5, São Paulo, 2005. **Anais…**

OLIVER, Bruce L. *The semantic differential: a device for measuring the interprofessional communication of selected accounting concepts*. **Journal of Accounting Research**. Chicago, v. 2, n. 2, p. 299-316, autumn, 1974.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O que é lingüística**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PANHOCA, Luiz; NAKAGAWA, Masayuki; ACCIOLY JR, Horácio; SILVA, Olga Maria Panhoca da. A representação das palavras contabilidade, custos e investimento para os universitários e profissionais da área econômica/financeira. **Revista de Contabilidade & Finanças da USP**. n. 35, p. 45-53, maio/ago. 2004.

PEREIRA, Cláudia Catarina; FRAGOSO, Adriana Rodrigues; RIBEIRO FILHO, José Francisco. Comunicação em contabilidade: estudo comparativo do nível de percepção de usuários da informação contábil em Florianópolis (SC) e Recife (PE) sobre a utilidade das representações gráficas no processo de evidenciação. *In:* CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 4, São Paulo, 2004. **Anais...**

PEREZ, Clotilde. **Signos da marca:** expressividade e sensorialidade. São Paulo: Pioneira, 2004.

PROQUEST. **ProQuest *Database***. Disponível em <http://proquest.umi.com/pqdweb>. Acesso em 30 jun 2009.

RIAHI-BELKAOUI, Ahmed. **The linguistic shape of accounting**. London: Quorum Books, 1995.

RIBEIRO, Jusmeire Fieni. **Escolhas ligüísticas, custos políticos e gerenciamento de imagem:** a construção de sentido nas seções narrativas dos relatórios anuais da Aracruz Celulose S.A., de 1998 a 2007. Vitória: 2009. Dissertação (mestrado), Fundação Instituto Capixaba de Pesquisa em Contabilidade, Economia e Finanças (FUCAPE).

SANTAELLA, Lúcia. **A teoria geral dos signos:** Como as linguagens significam as coisas. São Paulo: Pioneira, 2000.

_____. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Thompson Learning, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, [19--].

SHANNON, Claude Elwood; WEAVER, Warren. ***The mathematical theory of communication***. Urbana: University of Illinois Press, 1946.

SILVA, Benedito Gonçalves da**. O sistema de informação contábil sob a ótica da teoria da comunicação:** um estudo com administradores na região da Grande São Paulo. São Paulo: 1994. Dissertação (mestrado), Departamento de Contabilidade e Atuária da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

SILVA, César Augusto Tibúrcio; FERNANDES, José Lúcio Tozetti. Legibilidade dos fatos relevantes no Brasil. **RAC Eletrônica**. v. 3, n. 1, jan./abr. 2009.

SILVA, César Augusto Tibúrcio; RODRIGUES, Fernanda Fernandes. Análise das variáveis que influenciam as informações divulgadas nos relatórios da administração das companhias abertas brasileiras: um estudo empírico nos anos de 2001 a 2003. *In:* CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 6, São Paulo, 2006. **Anais...**

SILVA, César Augusto Tibúrcio; RODRIGUES, Fernanda Fernandes; ABREU, Robson Lopes. Análise dos relatórios de administração das companhias abertas brasileiras: um estudo do exercício social de 2002. **Revista de Administração Contemporânea (RAC)**. v. 11, n. 2, p. 71-92, abr./jun. 2007.

SMITH, Malcom; TAFFLER, Richard. *Readability and understandability: different measures of the textual complexity of accounting narrative*. **Accounting, Auditing and Accountability Journal**. v. 5, n. 4, 1992.

STANTON, Patrícia; STANTON, John. *Corporate annual reports: research perspective used*. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**. v. 15, n . 4, p. 478-500, 2002.

STEVENSON, William J. E**statística aplicada à administração**. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1981.

ANEXOS

ANEXO 1: PERIÓDICOS DA ÁREA DE ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E TURISMO QUALIFICADOS PELA CAPES - ANO BASE 2007

ANEXO 2: EVENTOS DA ÁREA DE ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E TURISMO QUALIFICADOS PELA CAPES - ANO BASE 2007

ANEXO I: Periódicos da área de administração, ciências contábeis e turismo qualificados pela CAPES - ano base 2007

ISSN	Titulo	Estrato
0104-7922	A Agua em Revista	B5
1413-6090	A Economia em Revista	B5
1980-4814	ABCustos (São Leopoldo)	B5
1012-8255	Academia (Caracas)	B2
1677-8855	Achegas.net	C
1850-2032	Actas de Diseño	C
0100-4298	Agroanalysis (FGV)	C
1413-2591	Alcance (UNIVALI) (Cessou em 2007)	B3
1807-6211	Aleph (UFF. Online)	C
1415-8876	Ambiente Construído (São Paulo. Impresso)	B2
1516-2680	Análise (PUCRS)	B4
1980-6302	Análise (UFRGS)	B4
0102-9924	Análise Econômica (UFRGS)	B3
1677-907X	Animus (Santa Maria)	C
1807-1589	Anualpec (São Paulo)	C
1204-6140	Applied Semiotics (Online)	C
1524-1904	Applied Stochastic Models in Business and Industry (Print)	A2
1809-6298	Arquitextos (São Paulo)	C
1414-2368	Bahia Agrícola	C
0103-8117	Bahia Analise & Dados	B3
1807-7692	BAR. Brazilian Administration Review	A2
1807-054X	Base (UNISINOS)	B2
1807-734X	BBR. Brazilian Business Review (Edição em português. Online)	B2
1808-2386	BBR. Brazilian Business Review (English Edition. Online)	B2
1518-1812	BIS. Boletim do Instituto de Saúde (Impresso)	C
1981-3821	Brazilian Political Science Review	B1
1809-1644	Caderno de Gestão & Regionalidade	C
1679-3501	Caderno de Idéias	C
1516-7747	Caderno de Pesquisas em Administração (USP) (Cessou em 2005. Cont. ISSN 1809-2276 REGE. Revista de Gestão USP)	B3
0104-1495	Cadernos da FCECA (PUCCAMP)	B5
0103-412X	Cadernos de Administração Rural (ESAL)	B2
0102-311X	Cadernos de Saúde Pública (ENSP. Impresso)	A1
1679-3951	Cadernos EBAPE.BR (FGV. Online)	B2
1806-2261	Cadernos Gestão Pública e Cidadania	B5
1517-3038	Caminhos (UFMG)	C
1362-0436	Career Development International	A1
1435-246X	Central European Journal of Operations Research	A2
0104-7760	CERNE (Lavras)	A2
0100-1965	Ciência da Informação (Impresso)	B2
1413-7054	Ciência e Agrotecnologia (UFLA)	B3
0009-6725	Ciência e Cultura	C
1413-8123	Ciência e Saúde Coletiva (Impresso)	A2
1677-9665	Ciências Sociais em Perspectiva (Impresso)	B5
1519-7050	Ciências Sociais Unisinos	B5
1519-6089	Civitas: Revista de Ciências Sociais (Impresso)	B3
0364-0213	Cognitive Science	A1
1519-7654	ComCiência	C

ISSN	Titulo	Estrato
1676-3475	Communicare (São Paulo)	C
1024-5294	Competition & Change	B1
0872-9662	Comportamento Organizacional e Gestão	B1
0305-0548	Computers & Operations Research	A1
0101-305X	Comum (FACHA)	C
0102-6925	Comunicação & Política	C
0101-2657	Comunicação & Sociedade	C
1806-4981	Comunicação, Mídia e Consumo (São Paulo)	B2
1413-1536	Conjuntura & Planejamento	C
0010-5945	Conjuntura Economica (Rio de Janeiro)	C
1645-6564	Cons-Ciências (Porto)	C
0103-734X	Contabilidade Vista & Revista	B3
0102-8529	Contexto Internacional (PUCRJ. Impresso)	B1
1678-2089	Contextus. Revista Contemporânea de Economia e Gestão	B4
1519-8227	Contrapontos (UNIVALI) (Cessou em 2008. Cont. ISSN 1984-7114 Contrapontos (Online))	B4
1727-9232	Corporate Ownership & Control (Print)	B2
1363-3589	Corporate Reputation Review	B1
1742-2043	Critical Perspectives on International Business	A2
1808-2882	Custos e @gronegócio Online	B4
1545-8490	Decision Analysis	B2
0328-0101	Delito y Sociedad	C
1980-8380	Dom (Fundação Dom Cabral)	C
1678-8982	E & G. Economia e Gestão (Cessou em 2008. Cont. ISSN 1984-6606 Revista Economia & Gestão)	B4
0104-6160	Eco-Pós (UFRJ)	C
1517-7580	Economia (Brasília)	B3
1529-7470	Economía (Washington, D.C.)	C
1413-8050	Economia Aplicada (Impresso)	A2
0104-0618	Economia e Sociedade (UNICAMP. Impresso)	B1
0102-2482	Economia Ensaios (UFU. Impresso)	C
0873-7444	Economia Global e Gestão	B1
0095-2583	Economic Inquiry	A1
0013-0133	Economic Journal (London)	A1
1678-0701	Educação Ambiental em Ação (Online)	C
1809-0079	Egesta (UNISANTOS)	B5
1679-4508	Einstein (São Paulo)	B1
1239-2685	EJBO. Electronic Journal of Business and Organization Ethics	B2
1740-7494	Electronic Government	A1
1806-1877	Eletroevolução (Rio de Janeiro)	C
1807-8893	Em Questão (UFRGS. Impresso)	B4
1521-3250	Emergence (Mahwah, N.J.)	C
1540-496X	Emerging Markets Finance & Trade	A2
1566-0141	Emerging Markets Review	A2
1415-7314	Engevista (UFF)	B4
1042-9247	Engineering Management Journal	B2
0101-1723	Ensaios FEE (Impresso)	B1
0798-1015	Espacios (Caracas)	B1
0327-5841	Estudios y Perspectivas en Turismo	B2
1413-4128	Estudos do CEPE (UNISC)	B4
1808-4281	Estudos e Pesquisas em Psicologia (Online)	B3
0101-4161	Estudos Econômicos (USP. Impresso)	A2
1806-6496	Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC)	C

ISSN	Titulo	Estrato
1678-698X	Estudos Geográficos (UNESP)	C
0103-2186	Estudos Historicos (Rio de Janeiro)	C
1676-2592	ETD. Educação Temática Digital (Online)	C
0872-8496	Euro Asia (Macau)	C
0377-2217	European Journal of Operational Research	A1
0957-4174	Expert Systems with Applications	A1
1415-7802	Extensão Rural (Santa Maria)	C
1516-6503	FACEF Pesquisa	B5
1517-8900	Faces : Revista de Administração (Belo Horizonte. Impresso)	B3
1676-8221	FACOM (FAAP)	C
1809-8843	Financeiro (São Paulo. Impresso)	C
1809-8959	Financeiro (São Paulo. Online)	C
1808-0715	Fonte (Belo Horizonte)	C
1389-9341	Forest Policy and Economics	A1
0939-4435	Fruit Processing	C
0103-3964	Geosul (UFSC)	C
1516-9103	Gestão & Planejamento (Salvador)	B3
0104-530X	Gestão & Produção (UFSCAR. Impresso)	A2
1807-5436	Gestão e Desenvolvimento (FEEVALE)	B5
1808-5792	Gestão e Regionalidade	B5
1679-1827	Gestão.Org	B3
1809-6646	Governet. Boletim de Licitações e Contratos	C
1806-8979	GV Executivo	C
0767-9513	Hermès (Paris)	C
0103-409X	Historia & Perspectivas (UFU)	C
1808-3064	Horizonte Científico (Uberlândia)	C
0104-7183	Horizontes Antropológicos (UFRGS. Impresso)	A2
1415-8868	HSM Management	C
0018-7267	Human Relations (New York)	A1
1577-3388	Iberoamericana (Madrid)	B1
1981-8769	IHU On-Line (UNISINOS. Impresso)	C
1808-8678	Inclusão Social (Online)	C
0103-3905	Indicadores Econômicos FEE (Impresso)	C
1517-669X	Infogeo (Curitiba)	C
0104-0146	Informação & Sociedade (UFPB. Impresso)	B2
0100-4409	Informações Econômicas (Impresso)	B3
0268-1102	Information Technology for Development	A2
0100-3364	Informe Agropecuário (Belo Horizonte)	C
1679-415X	Informe GEPEC (Online)	B3
1814-2427	Innovative Marketing (Print)	B3
1981-3015	IntegrAção (FGV)	C
1413-6147	Integração (USJT)	B5
1517-3860	Inteligência Empresarial (UFRJ)	B5
1806-9037	Interface (Natal)	B4
1519-0994	Interfaces Brasil/Canadá (Impresso)	B4
1981-6812	Interfaces de Saberes (FAFICA. Online)	C
1740-8008	International journal of accounting, auditing and performance evaluation	B2
1470-9511	International Journal of Automotive Technology and Management	A2
0265-2323	International Journal of Bank Marketing	A2
1553-9563	International Journal of Business Strategy	B3
1470-6423	International Journal of Consumer Studies (Print)	A2
0959-6119	International Journal of Contemporary Hospitality Management	A2

ISSN	Titulo	Estrato
1548-3886	International Journal of Electronic Government Research	A2
1741-5098	International Journal of Entrepreneurship and Innovation Management (Online)	B2
1474-6778	International Journal of Environment and Sustainable Development	A2
0958-5192	International Journal of Human Resource Management	A1
0268-4012	International Journal of Information Management	A1
1363-9196	International Journal of Innovation Management	A2
1476-1300	International Journal of Internet and Enterprise Management	B1
1479-4853	International Journal of Learning and Intellectual Capital (Print)	A2
1741-6426	International Journal of Liability and Scientific Enquiry (Print)	B3
1743-9132	International Journal of Managerial Finance	A2
0143-7720	International Journal of Manpower	A2
0144-3577	International Journal of Operations & Production Management	A1
1192-2664	International Journal of Social Sciences	B2
1751-1062	International Journal of Wine Business Research	B1
1662-1387	International Public Management Review	B2
1057-5219	International Review of Financial Analysis	A2
1810-4967	Investment Management and Financial Innovations	B2
1027-3115	IOBC/WPRS Bulletin	C
1529-7314	Issues in Information Systems	B2
1443-9905	JAMAR. Journal of Applied Management Accounting Research	C
1542-8710	Journal of Academy of Business and Economics	B3
1462-8732	Journal of Commercial Biotechnology	A2
0736-3761	Journal of Consumer Marketing	A2
1470-5001	Journal of Corporate Citizenship	B2
0929-1199	Journal of Corporate Finance (Amsterdam. Print)	A1
1741-2439	Journal of Database Marketing and Customer Strategy Management	B2
0956-5515	Journal of Intelligent Manufacturing	A2
1544-8037	Journal of International Business and Economics	B3
0954-1748	Journal of International Development	A2
1555-6336	Journal of International Finance and Economics	B3
1075-4253	Journal of International Management	A2
0022-2380	Journal of Management Studies (Oxford. Print)	A1
1741-038X	Journal of Manufacturing Technology Management	A1
1094-6705	Journal of Service Research	A1
0718-2724	Journal Of Technology Management And Innovation	B1
0160-5682	Journal of the Operational Research Society	A1
1569-1829	Journal on Chain and Network Science	A2
1806-8634	Jovens Pesquisadores	C
1097-8526	Latin American Business Review (Binghamton, N.Y.)	A2
0969-6474	Learning Organization	A2
0101-9635	Leopoldianum (UNISANTOS)	C
1980-3842	Locus (Brasília)	C
0025-1747	Management Decision	A1
0140-9174	Management Research News	B1
0268-6902	Managerial Auditing Journal	A2
0307-4358	Managerial Finance	B2
1517-0241	Mandrágora (São Bernardo do Campo)	C
0025-2700	Maquinas e Metais	C
0025-3634	Marketing (São Paulo)	C
0263-4503	Marketing Intelligence & Planning	A2
0102-8545	Matemática Universitária	C
1676-2827	Mediação (Belo Horizonte)	C

ISSN	Titulo	Estrato
0104-754X	Movimento (UFRGS. Impresso)	C
1807-8095	MundoPM (Curitiba)	C
1679-0073	Natureza & Conservação	C
0748-4526	Negotiation Journal	A2
0028-3045	Networks (New York, N.Y. Print)	A1
1678-6602	Nucleus (Ituverava. Impresso)	C
0251-3552	Nueva Sociedad	C
1519-7670	Observatório da Imprensa (São Paulo)	C
1807-1236	Organicom (USP)	B3
1413-585X	Organizações & Sociedade (Impresso)	B2
1809-1040	Organizações em Contexto (Impresso)	B5
1517-3879	Organizações Rurais e Agroindustriais (UFLA)	B2
1086-0266	Organization & Environment	A1
0170-8406	Organization Studies	A1
1678-8419	P@rtes (São Paulo)	C
1695-7121	Pasos (El Sauzal)	B1
1806-700X	Patrimônio: Lazer & Turismo (UNISANTOS)	B5
1415-5109	Pensamento & Realidade	B5
1676-9503	Pensar BH. Política Social	B4
1519-0412	Pensar Contábil	B4
1980-0193	Perspectivas Contemporâneas	B4
1413-9936	Perspectivas em Ciência da Informação (Impresso)	A2
0102-7603	Pesquisa & Debate (PUCSP. 1985. Impresso)	B4
1806-9029	Pesquisa & Debate (São Paulo. 1985. Online)	B4
1679-5830	Pesquisa & Desenvolvimento Engenharia de Produção	C
0100-0551	Pesquisa e Planejamento Econômico (Rio de Janeiro)	B2
0101-7438	Pesquisa Operacional (Impresso)	A2
0103-7277	Pesticidas (UFPR)	C
1808-3528	Plástico Industrial	C
1809-0249	Práxis Educacional	B5
1646-3153	Prisma.com	C
0103-7307	Pró-Posições (UNICAMP. Impresso)	B1
0103-6513	Produção (São Paulo. Impresso)	A2
1516-3660	Produto & Produção (Impresso)	B3
1516-4489	Psi (Londrina. Impresso)	C
0103-5371	Psico (PUCRS. Impresso)	B2
1518-5923	Psicologia (Florianópolis) (Cessou em 2008. Cont. ISSN 1984-6657 Revista Psicologia: Organizações e Trabalho)	B3
0103-7013	Psicologia Argumento (PUCPR. Impresso)	B3
0102-7182	Psicologia e Sociedade (Impresso)	A2
1414-9893	Psicologia: Ciência e Profissão (Impresso)	B2
0102-7972	Psicologia: Reflexão e Crítica (UFRGS. Impresso)	A2
1807-8389	Quaestio Iuris (Impresso)	C
1677-4280	Qualit@s (UEPB)	B5
1052-0147	Qualitative Report (Online) (Cessou em 199u. Cont. Qualitative report (Online))	B2
1981-5700	RAC Eletrônica	B1
1415-6555	RAC. Revista de Administração Contemporânea (Impresso)	B1
0034-7590	RAE (Impresso)	B1
1676-5648	RAE Eletrônica (Online)	B1
1809-2039	RAI. Revista de Administração e Inovação (Online)	B3
1518-6776	RAM. Revista de Administração Mackenzie (Impresso)	B2
0104-8341	RBC: Revista Brasileira de Contabilidade	C
1679-7930	RBCEH. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano	B1

ISSN	Titulo	Estrato
1806-8405	RBPG. Revista Brasileira de Pós-Graduação	C
1808-7647	RCA. Revista de Controle e Administração	C
1516-1684	RDE. Revista de Desenvolvimento Econômico	B4
1679-9127	REA. Revista Eletrônica de Administração (Franca. Online)	C
1413-2311	REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre. Online)	B2
1415-3262	RECITEC. Revista de ciência e tecnologia	B5
1414-7106	Redes (Santa Cruz do Sul. Impresso)	B4
1579-0185	REDES. Revista Hispana para el Análisis de Redes Sociales	B1
1809-2276	REGE. Revista de Gestão USP	B3
1678-2399	Relatórios de Pesquisa em Engenharia de Produção (UFF)	C
1679-1916	RENOTE. Revista Novas Tecnologias na Educação	C
1983-604X	RESET (Rio de Janeiro) / Reset - Revista Eletrônica do Secretariado Executivo Trilíngue	C
1518-3025	Reuna (Belo Horizonte)	B5
1546-2609	Review of Business Research	B3
1980-6965	Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo	B4
1518-5532	Revista ANGRAD	B4
1807-8214	Revista Ártemis	B5
1981-1225	Revista Aulas (UNICAMP)	C
1517-2007	Revista Brasileira de Administração (Brasília)	C
0100-0691	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (Impresso)	B3
0102-6909	Revista Brasileira de Ciências Sociais (Impresso)	A2
0034-7140	Revista Brasileira de Economia (Impresso)	A2
1517-4115	Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (ANPUR)	B2
1679-0731	Revista Brasileira de Finanças	B1
1806-4892	Revista Brasileira de Gestão de Negócios (São Paulo. Impresso)	B3
1677-2504	Revista Brasileira de Inovação	B3
1679-3390	Revista Brasileira de Orientação Profissional	B2
0103-0752	Revista Brasileira de Probabilidade e Estatística	C
1808-0723	Revista Brasileira de Risco e Seguro (Online)	B5
1981-1659	Revista Brasileira de Segurança Pública	C
1982-1530	Revista Canavieiros	C
1808-3781	Revista Catarinense da Ciência Contábil	C
1516-2664	Revista CESUMAR	B4
1414-0896	Revista Ciências Administrativas (UNIFOR)	B4
1980-3125	Revista Científica (Faculdade Anchieta de Ensino Superior do Paraná)	C
1519-7077	Revista Contabilidade & Finanças (Impresso)	B1
1808-057X	Revista Contabilidade & Finanças (Online)	B1
1807-1821	Revista Contemporânea de Contabilidade (UFSC)	B4
0080-2107	Revista de Administração (FEA-USP)	B2
1807-1937	Revista de Administração da FEAD-Minas	B4
1679-5350	Revista de administração da Unimep	B5
0034-7604	Revista de Administração Municipal	B5
0034-7612	Revista de Administração Pública (Impresso)	B1
1516-3865	Revista de Ciências da Administração (CAD/UFSC)	B3
0101-9589	Revista de Ciências Humanas (UFSC)	B3
1516-215X	Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis (Impresso)	B4
1677-4973	Revista de Economia & Relações Internacionais	B4
0556-5782	Revista de Economia (Curitiba)	C
1415-9848	Revista de Economia Contemporânea (Impresso)	B1
1676-7608	Revista de Economia e Administração (Impresso)	B4
1679-1614	Revista de Economia e Agronegócio	B5
0103-2003	Revista de Economia e Sociologia Rural (Impresso)	A2

ISSN	Titulo	Estrato
1518-9775	Revista de Estudos da Comunicação (Impresso)	B5
1519-504X	Revista de Estudos Sociais (UFMT)	B5
1519-1850	Revista de Estudos Tributários (Porto Alegre)	C
1809-6468	Revista de Estudos Turísticos	C
1807-1775	Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação (Online)	B1
1413-3849	Revista de Negócios (Cessou em 2006)	B3
1679-0693	Revista de Negócios Internacionais (UNIMEP)	C
1807-2062	Revista Desenbahia	B5
1678-3484	Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul	C
0034-9240	Revista do Serviço Público	B4
0102-7212	Revista dos Transportes Públicos	C
0100-4956	Revista Econômica do Nordeste	B3
1518-1944	Revista Eletrônica de Enfermagem	B1
1519-6186	Revista Eletrônica Espaço Acadêmico (Online)	C
1678-1813	Revista Enfoques (Rio de Janeiro)	C
1415-0549	Revista FAMECOS (Impresso)	B4
1808-0448	Revista Gestão Industrial	B4
1808-558X	Revista Global Tourism (Online)	B5
1807-975X	Revista Hospitalidade	B5
1137-2729	Revista Iberoamericana de Ingeniería Mecánica	C
1806-0390	Revista Limpeza Pública	C
1516-9154	Revista LTr. Legislação do Trabalho	C
1806-5988	Revista Mineira de Contabilidade	C
0102-5864	Revista Novos Rumos	C
1981-125X	Revista Observatório Itaú Cultural	C
1020-4989	Revista Panamericana de Salud Pública (Impresa) / Pan American Journal of Public Health (Impresa)	A1
1645-4464	Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão (Lisboa)	B3
1677-2067	Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão (Rio de Janeiro)	B4
1676-1901	Revista Produção Online	B4
1519-549X	Revista Psicologia Política (Impresso)	B1
1678-703X	Revista Symposium (Lavras)	B5
0101-8191	Revista Tecnologia (UNIFOR)	C
1981-3724	Revista Tempo de Conquista	C
1518-2711	Revista Tributária e de Finanças Públicas	C
1519-4744	Revista Turismo & Desenvolvimento	B5
1517-3275	Revista UNIVAP	C
1414-0578	Revista Universidade Rural. Série Ciências Exatas e da Terra (UFRRJ)	C
1809-3337	Revista Universo Contábil	B3
0103-9989	Revista USP	C
1541-1443	ReVista. Harvard Review of Latin America	C
0295-5830	Revue de Droit des Affaires Internationales	B2
1260-1705	Revue Internationale de Psychosociologie	B2
1980-7031	RIC@. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada	C
1809-6948	RNTI. Revista Negócios e Tecnologia da Informação (Online)	C
1807-1147	RPA Brasil (Maringá)	C
1679-8864	Rumos (João Pessoa)	C
1415-4722	Rumos (Rio de Janeiro)	C
1980-5160	S & G. Sistemas & Gestão	B4
0148-7191	SAE Technical Paper Series	C
0103-1104	Saúde em Debate	B1
1516-7356	Saúde em Revista (UNIMEP)	B5
0971-7218	Science, Technology and Society	A2

ISSN	Titulo	Estrato
1517-9729	Scientia Una (FOCCA)	B5
1415-6946	Ser Social (UnB)	B2
1982-4297	Série Documenta (UFRJ. Online)	C
0101-6628	Serviço Social & Sociedade	C
0102-7360	Sinergia (FURG)	C
0103-0620	Sociais e Humanas	B5
1747-1117	Social Responsibility Journal	B1
0143-2095	Strategic Management Journal	A1
0039-7695	Symposium (Recife)	B5
1260-4984	Systèmes d'Information et Management	B2
1678-3824	T&C Amazônia	C
1532-5555	Tamara (Las Cruces, N.M.)	B2
1980-8216	TE em Revista (UniDF)	C
0104-0960	Teoria e Evidencia Economica (UPF)	C
1415-837X	Teoria e Prática da Educação	C
1679-2270	Terrae (Campinas. Impresso)	C
0103-6017	Textos de Economia	C
1550-7793	The E-Business Review	B3
1681-4835	The Electronic Journal on Information Systems in Developing Countries	B2
0972-6861	The ICFAI Journal of Applied Economics	B1
1096-7508	The International Food and Agribusiness Management Review	A2
1465-1211	The Journal of Risk	B2
1517-4549	Tomo (UFS)	C
1478-3371	Total Quality Management and Business Excellence (Online)	A2
1677-2911	Trabalho e Ambiente	C
0103-5576	Travessia (Sao Paulo)	C
0103-5541	Turismo em Analise (Cessou em 2007. Cont. ISSN 1984-4867 Revista Turismo em Análise)	B2
1415-6393	Turismo. Visão e Ação (Itajaí) (Cessou em 2007)	B3
1516-7011	UnB Contábil (Cessou em 2007. Cont. ISSN 1984-3925 Contabilidade, Gestão e Governança)	B4
1697-6223	Urban Public Economics Review	B1
1981-545X	VeraCidade (Salvador. Online)	C
1415-2843	Vértices (Campos dos Goitacazes)	C
0956-053X	Waste Management (Elmsford)	A1
0964-9425	Women in Management Review (Cessou em 2007. Cont. ISSN 1754-2413 Gender in Management (Print))	A2
1041-5602	World Aquaculture	C
1607-8055	World Leisure Journal	B2

ANEXO II: Eventos da área de administração, ciências contábeis e turismo qualificados pela CAPES - ano base 2007

Titulo	Estrato
Academy of International Business Annual Meeting	A1
Academy of Management Annual Meeting	A1
Academy of Marketing Conference	B1
Americas Conference on Information Systems (AMCIS)	B1
Annual Conference of POMS	B1
Annual Conference of the Business Association of Latin American Studies (BALAS)	B1
Annual Conference of the European Marketing Academy (EMAC)	B1
Annual Conference of the International Society for New Institutional Economics (ISNIE)	A1
Annual Conference of the Production and Operations Management Society (POMS)	B1
Annual Congress of the European Accounting Association	A1
Annual International Conference of the European Operations Management Association (EurOMA)	A1
Annual International Conference of the Strategic Management Society	A1
Annual Meeting of the Academy of Management	A1
Annual Meeting of the American Accounting Association (AAA)	A1
Annual Meeting of the Financial Management Association (FMA)	A1
BALAS Annual Conference	B1
BALAS/INCAE Business School	B1
British Academy of Management Annual Conference	A1
Colóquio Internacional sobre o Poder Local	A1
Conference on Performance Measurement and Management Control	A1
Congresso Anual de Tecnologia de Informação (CATI)	B1
Congresso Brasileiro de Contabilidade (CBC)	B1
Congresso Brasileiro de Custos (CBC)	A1
Congresso Brasileiro de Sociologia (SBS)	B1
Congresso da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Ciências Contábeis (ANPCONT)	A1
Congresso da SOBER	B1
Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia e Rural (SOBER)	B1
Congresso do Instituto Franco-Brasileiro de Administração de Empresas (IFBAE)	B1
Congresso Internacional de Custos	B1
Congresso Internacional de Gestão de Tecnologia e Sistemas de Informação (CONTECSI)	B1
Congresso Internacional de Gestão de Tecnologia e Sistemas de Informação (CONTECSI) / World Continuous Auditing Conference	B1
Congresso USP de Controladoria e Contabilidade	A1
Congresso USP de Contabilidade e Finanças	A1
Cost and Performance in Services and Operations (MAR)	A1
Eastern Academy of Management's International Conference (EAMI)	B1
Eastern Academy of Management Managing in a Global Economy	B1
EIBA Annual Conference	A1
Encontro Anual da ANPOCS	A1
Encontro Brasileiro de Finanças (SBFIN)	B1
Encontro da Administração da Informação (ENADI)	A1
Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (EnANPAD)	A1
Encontro de Estudos Organizacionais da UFRGS (EnEO)	A1
Encontro de Estudos de Estratégia (3Es)	A1
Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho (EnGPR)	A1
Encontro Nacional da ANPUR	B1

Titulo	Estrato
Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR)	B1
Encontro Nacional de Economia (ANPEC)	A1
Encontro Nacional de Político-econômica	B1
Encontro Nacional de Engenharia de Produção (ENEGEP) / International Conference on Industrial Engineering Management	B1
Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade (EnEPQ)	A1
Encontro Nacional de Turismo com Base Local (ENBTL)	B1
Encontro Nacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente (ENGEMA)	B1
European Academy of Management Annual Conference	B1
European Group for Organizational Studies Colloquium (EGOS)	A1
European International Business Academy Annual Conference	A1
European Marketing Academy Conference	B1
Global Business and Technology Association International Conference (GBATA)	B1
International Academy of e-Business Annual Conference	B1
International Conference of the European Operations Management Association (EurOMA)	A1
International Conference of the Iberoamerican Academy of Management	A1
International Conference of the International Society for Third Sector Research (ISTR)	B1
International Conference on Information Systems and Technology Management (CONTECSI)	B1
International Conference on Management of Technology (IAMOT)	B1
International Congress of the Latin American Studies Association (LASA)	B1
International Conference of Liberoamerican Academy of Management	A1
International Meeting of the Iberoamerican Academy of Management	A1
International PENSA Conference (IPC)	B1
Latin American Meeting of the Econometric Society (LAMES)	B1
Meeting of the Academy of International Business (AIB)	A1
Meeting of the American Sociological Association (ASANET)	A1
Meeting of the Decision Sciences Institute (DSI)	A1
Meeting of the Financial Management Association (FMA)	A1
POMS Annual Conference	B1
Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR)	A1
Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR) / Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Turismo (ANPTUR)	B1
Seminario Latino-Americano de Gestión Tecnológica	A1
Seminario Latino-Iberoamericano de Gestión Tecnológica (ALTEC)	A1
Seminários em Administração da FEA-USP (SemeAd)	B1
Simpósio de Administração da Produção Logística e Operações Internacionais (SIMPOI)	A1
Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica	A1
Southern Management Association Annual Meeting	B1
Standing Conference on Organizational Symbolism (SCOS)	B1